A MONOGRAFIA DO ALGÔS

POR

FRANCISCO XAVIER D'ATHAÍDE OLIVEIRA

Bacharel formado em Theologia e Direito,
Socio correspondente do *Instituto* de Coimbra
e Conservador Privativo do Registo Predial da comarca de Loulé

LISBOA
IMPRENSA LUCAS
93—Rua do Diario de Noticias—93

1905

A

MONOGRAFIA

DO

ALGÔS

POR

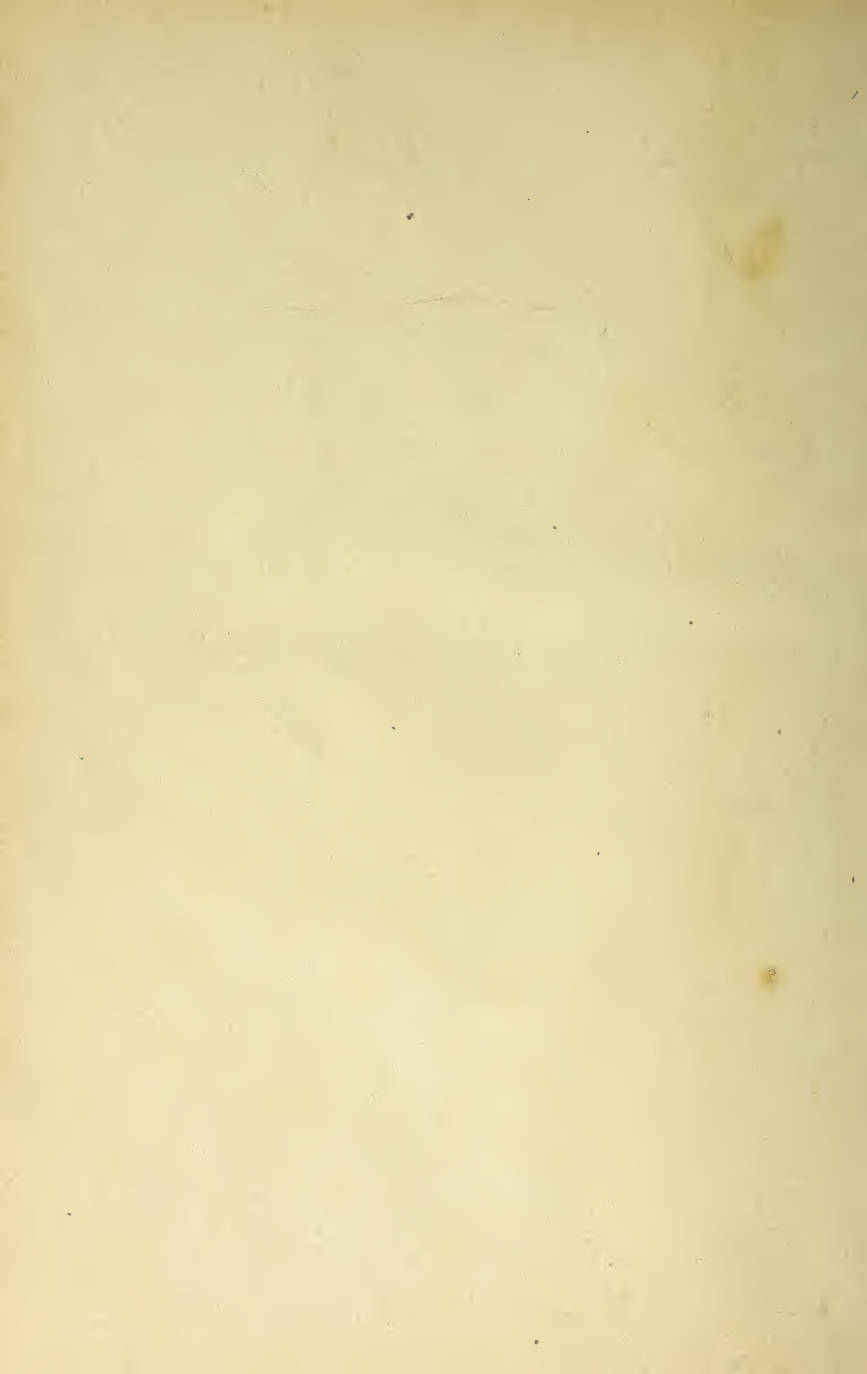
FRANCISCO XAVIER D'ATHAÍDE OLIVEIRA

Bacharel formado em Theologia e Direito,
Socio correspondente do *Instituto* de Coimbra
e Conservador Privativo do Registo Predial da comarca de Loulé

LISBOA

IMPRENSA LUCAS

93 — Rua do Diario de Noticias — 93

1905

Á SAUDOSA MEMORIA DE SUA MÃE

D. FRANCISCA XAVIER D'ATHAÍDE OLIVEIRA

E

Aos seus parentes e amigos do Algôs

D. e C.

O Autor.

ALGUMAS PALAVRAS

Eu creio que não ha sentimento mais puro, elevado e santo, do que o amôr de mãe; e comigo creem todos os que a conheceram. O amôr de mãe faz milagres de ternura. Um escritor da nossa terra, verdadeiramente consagrado, em um d'esses momentos, que parecem insuflados de inspiração divina, escreveu: *o aço não é mais duro, o vime mais flexivel, o oceano mais vasto, o fogo mais subtil, e o mel mais dôce do que o coração de uma mãe;* e escreveu uma grande verdade, que o meu raciocinio abraça e o meu coração sente.

Infelizmente, quando o filho reconhece a intensidade do amôr materno, os seus extremos de affeição e ternura, os seus milagres e os seus sacrificios, já não póde depositar no regaço de sua mãe os delicados sentimentos de verdadeiro agradecimento, por que a morte se lhe antepoz, riscando-a do livro dos vivos. No entanto, a semente do amôr materno lançada no coração do filho, por um milagre divino, germina, cresce, flori e produz uma deliciosa fruta, que se transforma em *saudade;* mas saudade cujo dôce-amargo deleita e contrista, e cujo sentimento de prazer e de dôr nos encanta e penaliza; mas saudade, que não morre, antes se

torna mais intensa, com o decorrer dos tempos, com o augmento da edade do filho, e, ainda mais, quando este se sente nos ultimos periodos da sua existencia !...

* * *

Velho, doente e cançado; com os olhos fitos no passado, enxergando por entre nuvens a imagem santa de minha mãe, concebi a ideia de consagrar á sua memoria saudosa um livro, e logo me convenci de que outro lhe não seria mais agradavel do que aquelle, que fôsse dedicado á freguezia querida onde nasceu, onde lhe nasceram todos os seus filhos, e onde lhe morreram seus paes.

Eis a razão de ser d'esta *monografia*.

* * *

O amôr de mãe não é egoista; antes perfeitamente se harmoniza com os grandes sentimentos da alma humana, nascidos das intimas affeições da familia e dos nobilissimos laços da amizade: o amôr de mãe, o amôr de familia e o amôr dos que, de criança, se acercaram do nosso pobre berço, ornado de flôres e tomilhos,

constituem um lindo ramilhete, muito digno de ser collocado sobre um altar de que nossa mãe seja o seu primeiro ministro.

Eis o motivo da dedicatoria desta *monografia.*

* * *

E como um bom pae é egualmente um misterio de amôr e de ternura, que nunca um filho acaba de comprehender senão quando os cabellos brancos lhe ornam a fronte, só peço a Deus me dê mais alguns mezes de vida para fazer egual consagração á sua querida memoria, escrevendo a *monografia* de S. Bartholomeu de Messines, freguezia onde nasceu. Completada esta ultima publicação poderei, como o Santo Pontifice de Israel, exclamar: *nunc dimittis servum tuum*, *Domine*, *secundum verbum tuum in pace.*

* * *

Agora cumpre-me, a exemplo de outros livros dedicados aos meus irmãos e sobrinhos, agradecer aos que prontamente se prestaram a auxiliar-me na investigação de documentos e noticias muito curiosas e interes-

santes. Propositadamente só incomodei tres dos meus amigos do Algôs — Annibal Marreiros Mascarenhas Neto, João Matheus Cabrita e José Joaquim Candido Coelho.

A estes meus amigos aqui consigno o meu profundo agradecimento.

* * *

Aos leitores da presente *monografia* devo declarar que foi escrita e dada á impressão em um mez, e que na sua contextura entraram menos os preceitos da arte do que o desejo de satisfazer um cumpromisso sagrado. Não representa este livro um trabalho literario e sim um dever do coração. Por isso espero que me serão desculpadas quaesquer deficiencias. Sabemos que a critica literaria tem de obedecer a preceitos e regras, mas desde que se confessam precipitações e quiçá descuidos, deve ella ser mais indulgente e menos severa.

* * *

E como a *monografia*, no sentido em que aqui tomamos esta palavra, é a descrição de uma só freguezia ;

e na descrição de uma freguezia se deve comprehender tudo quanto nella se encerra, sem limitação de tempo, por isso tive de subir ás edades prehistoricas afim de ali ir buscar explicações a uns monumentos, que, na opinião dos sabios, pertencem áquellas edades Não foram, pois, pruridos de revelar sciencia, de que somos hospede, que nos levaram até lá, foi sim a necessidade de explicar a significação que hoje teem esses monumentos que ainda existem na freguezia do Algôs ou dos quaes se encontram confusas noticias em escuras lendas.

Parece-me ser tempo de passar adiante para que se não diga que — *algumas palavras* — da epigrafe teem o condão da legoa da Povoa — longas e enfadonhas.

O Autor.

EDADES PREHISTORICAS

CAPITULO I

Periodo Paleolithico

---

§ 1.º

Assentaram os sabios dividir a edade prehistorica em tres grandes periodos, caracterizado cada um por descobertas importantissimas, muitas d'ellas feitas no interior da terra, ou por virtude de documentos apparentes ainda hoje encontrados sobre o solo. Esses tres grandes periodos são: *paleolithico, neolithico e dos metaes.*

O periodo paleolithico é assim denominado por se derivar esta palavra de *litos* (pedra) e *paleo* (antigo); todos os monumentos de pedra d'este periodo ou instrumentos de uso do homem são fabricados em pedra tosca e sem nenhum preparo. Este grande periodo soffre ainda a subdivisão em tres periodos mais pequenos, derivados do nome das regiões onde teem sido encontrados os documentos que os caracterizam: *acheulano, monsteriano e soluteriano.* O primeiro destes mais curtos periodos é essencialmente caracterisado pelos cascos de pedras naturaes, toscamente trabalhadas; e foi assim chamado por terem sido descobertos estes tipos nas aluviões quaternarias antigas de San Rcheul (França) identicos aos que foram encontrados no serro de Santo Isidro nas proximidades de Madrid; o que claramente

demonstra que o homem primitivo n'aquella idade, vivendo no meio de paquidermes monstruosos, cercado dos tipos mais gigantescos da fauna d'aquelles tempos, o mamuth e o hipopotamo, cujos restos misturados com ossos humanos teem sido encontrados no solo mais profundo das cavernas, teve de sustentar grandes luctas, não tanto com estas feras, como contra os proprios elementos naturaes, resultantes das grandes revoluções geologicas.

No segundo periodo — o *monsteriano* — os utensilios e as armas seguem já um certo progresso, como facilmente se observa, contemplando os tipos encontrados na gruta ou caverna de *Monstier* (França), armas e utensilios, já mais variados e numerosos; o que indica, como dissemos, um certo desenvolvimento e civilização.

No terceiro periodo — o *soluteriano* — são mais numerosos os tipos; não figuram somente os instrumentos de pedra, mais ou menos pulidos, manifestando a aproximação do segundo grande periodo neolithico, mas instrumentos mais regulares e simetricos, mais esbeltos e polidos.

Na primeira parte do grande periodo paleolithico impoem-se nos as cavernas como sede da primeira habitação humana, sendo por isso o homem desse periodo conhecido pelo homem das cavernas ou *trogolodita.*

Na ultima parte, porém, começam a apparecer as *antas* ou *dolmens*, os *menhires*, os *alinhamentos* e *cromleks*, devendo, pois, ser estas contrucções talvez bem classificadas na transição do primeiro grande periodo *paleolithico* para o segundo, o *neolithico.*

A palavra *dolmen*, empregada pelos sabios e modernos arqueologos, deriva-se de dois termos bretões — *dol* (meza) e *men* (pedra) e significa uma construcção prehistorica, que se compõe de tres ou quatro pilares ou es teios, cravados no solo, com ligeira inclinação para o eixo vertical, cobertos por uma grande lage á feição de meza. Encontram-se dolmens com algumas variantes.

Menhires são pedras toscas, erguidas a pino e cravadas no solo, de forma variavel e de diversas dimensões representando em geral grandes monolithos.

Alinhamentos são construcções prehistoricas de *me-*

nhires, mais ou menos volumosos, de formas e dimensões variadas, enfileirados e mais ou menos distanciados entre si, com uma das extremidades cavada na terra, ou apenas sobre o solo collocadas. São *simples* ou compostos conforme constam de uma ou mais fileiras paralelas de *menhires.*

Cromleks são construcções monumentaes prehistoricas em que os *menhires*, geralmente de menores dimensões, ou pedras assentes no solo, se acham formando uma figura circular, oval ou rectangular, em uma só ordem, *quando simples*, porque nos cromleks *compostos* ha duas ordens de menhires com uma destas pedras servindo de centro, e outras a curta distancia entre si, circundadas d'um cromlek simples.

Não difinimos o que sejam *cavernas*, pois são assás conhecidas nesta pronuncia, nem damos a explicação provavel a cada um daquelles monumentos prehistoricos, pois apenas trazemos para aqui este assunto como principios previos muito convenientes para a aplicação que vamos fazer, quando entrarmos no estudo dos monumentos prehistoricos encontrados na freguezia do Algôs.

Durante o primeiro grande periodo prehistorico, o paleolithico, deram-se horriveis revoluções geologicas, de que resultou a actual configuração fisica das nossas terras e mares; e com essas transfigurações se alteravam a cada momento as condições climatologicas, transfigurando egualmente a nossa fauna e a nossa flora. Tudo ia obedecendo á mudança das circumstancias, sómente o homem, rei da creação, permanecera neste meio, vencendo, á força de resistencias e de sacrificios, e vivendo uma vida assás dificultosa e terrivel. Tinha que luctar com feras gigantescas e para se defender tinha apenas por armas a pedra lascada! Deveria ser horrivel uma tal vida, e a propria Biblia isto mesmo o confessa naquellas palavras do Genesis, cap. III, v. 17-18-19:... *maledicta terra in opere tuo; in laboribus comedes ex ea cunctis diebus... Spinas et tribulos germinabit tibi, et comedes herbam terrae... in sudore vultus tui vesceris pane...*

Effectivamente quam dura e difficil devera ser a vida do homem primitivo basta ler o que a sciencia paleon-

tologica nos ensina; e muito longo foi certamente o primeiro e grande periodo paleolithico, pois que os sabios menos exagerados lhe dão a duração de 222:000 annos, sendo o periodo *acheuleano* de 78:000, o *monsteriano* de 100:000 e o *soluteriano* de 44:000 annos. E a este calculo chegaram os sabios depois do estudo profundo feito sobre a formação das camadas da crosta terrestre.

E por que uma tal affirmação parece estar em contradição com a Biblia, deveremos aqui consignar a declaração de um crente catholico: «não ha cronologia biblica, porque esta, na frase do abbade le Hir, fluctua indecisa, visto que os calculos deduzidos da Biblia assentam unicamente na genealogia dos patriarcas desde Adão até Abrahão e nas indicações relativas á duração da vida de cada um delles». Ora entre as versões da Biblia, segundo o texto hebraico e a versão dos Setenta, ambas egualmente respeitadas pela Egreja, ha, entre Adão e Abrahão, e este e Noé, uma tal differença em numero de annos, que ascende a dois mil annos. Portanto as cifras não teem caracter algum de certeza; soffreram alterações e discordancias que, em cousa alguma, devem turvar a consciencia do christão, pois não se deve confundir a copia mais ou menos exacta de uma cifra com a inspiração divina da Sagrada Escritura, cujo fim consiste em illustrar o homem ácerca da sua origem e seus deveres concernentes ao seu fim ultimo — a vida eterna» escreveu Sampere.

Foi pois muito longo este periodo, durante o qual o homem primitivo passou vida difficil e atribulada, vivendo nas cavernas nas noites perigosas, e luctando ao ar livre contra os elementos. Neste tempo elle, como obedecendo ao preceito do progresso, foi aperfeiçoando as suas armas de combate, e caçando os animaes que lhe forneciam o seu alimento preferido, que consistia na medula dos ossos, de que ha grandes provas nas cavernas estudadas pelos sabios. Foi aperfeiçoando as suas armas de combate; e já na ultima parte deste grande periodo se encontram de mistura com as armas de pedra melhor trabalhadas armas de osso. Apparecem nos ultimos tempos d'este periodo os *dolmens*, *menhires* e *cromleks;* se é que, como alguns sabios

sustentam, aquellas construcções prehistoricas não pertencem a uma já avançada duração dos tempos neolithicos.

«Desde remotissimos tempos — affirma Estacio da Veiga — corriam vagas noticias e tradicções relativamente ás cavernas e não poucas se encontram dispersas nas obras dos escritores classicos, gregos e latinos. Varios geografos, historiadores e poetas da antiguidade falaram por vezes d'esses misteriosos edificios, que a natureza construiu e escondeu no amago da terra; ficou porém como reservado para o presente seculo o reconhecimento geologico, paleontologico e arqueologico destinado á comprovação das epocas e condições da jazida em que nesses reconditos depositos se hão manifestado ossos humanos ou productos da industria do homem, associados aos despojos dos grandes mamiferos extintos, ás ossadas de alguns ainda viventes, mas emigrados em regiões glaciaes, e finalmente ás especies da fauna actual; o que veiu logo mostrar que as raças humanas, desde as suas mais remotas manifestações, se utilisou das cavernas.»

«Póde, pois, affirmar-se que ás cavernas devem poderosos subsidios á geologia, á paleontologia e á arqueologia prehistorica. Se não fossem as suas tão significativas revelações, a sciencia não teria attingido tão alto grau.»

«Tournal e Christol foram os dois atletas que romperam as trevas em que jaziam as cavernas, alumiando-as com os fachos da sciencia e trazendo para o *forum* da publicidade a denunciação dos seus profundos segredos.»

«As lendas e tradicções suggeridas pela fertil imaginação popular e os misterios, maravilhas e preconceitos, que assignalaram esses sombrios, tenebrosos, mas explendidos e imponentes monumentos, vieram soffrer sobre as aras da sciencia o sacrificio do menosprezo para ceder á verdade, á critica e á soberania dos factos a palavra imperiosa da sabedoria ácerca da sua origem e dos seus destinos.»

Effectivamente foram maravilhosos os resultados obtidos do estudo das cavernas, e logo foram estas classificadas em tres gruppos:

1.º — Cavernas onde apenas foram encontrados esqueletos de animaes gigantescos da epoca paleolithica, sem ossadas humanas; 2.º — Cavernas onde foram encontrados esqueletos humanos e a cabeça, e pés d'esses animaes, cortados os ossos longitudinalmente, significando que o homem d'esse tempo se sustentava da medula d'esses ossos, matando por isso o animal e transportando para a caverna aquelles membros, d'onde podia extrahir essa medula; 3.º — Cavernas, onde sómente foram encontrados esqueletos humanos, rodeados, a certa distancia, das ossadas dos animaes gigantescos, mas encontrando-se junto dos esqueletos os restos das refeições.

Os trabalhos de M. Guérin, de Vibrage, de Franchet, de Ferriz, de Fronton e outros sabios, são tão completos, que hoje não resta duvida sobre aquellas grutas. Infelizmente ainda ninguem pensou em fazer um qualquer estudo na caverna do Guiné, a que Carlos Bonnet e Estacio da Veiga se referem e que nós vamos descrever.

As cavernas do 1.º gruppo, onde apenas se encontram animaes gigantescos da idade paleolithica, estão hoje explicadas mais ou menos racionalmente. Suppõe-se que atemorisados aquelles animaes ferozes por qualquer revolução geologica ou por qualquer inundação repentina, se abrigaram naquellas cavernas, de onde mais não poderam sair, morrendo ali todos.

Com relação ao 2.º gruppo e ao 3.º a explicação tem já sido dada no decurso desta obra.

Dentro da freguezia do Algôs existe a já celebre caverna do Guiné.

§ 2.º

Caverna do Guiné

Desta caverna escreve Carlos Bonnel no seu *Algarve: On m'a dit qu'il se trouvait, une caverne dans le serre de Guiné, montagne prés d'Algôs; comme cette montagne est analogue à do Poço dos Mouros e Igrejinha dos Soidos j'ai pensé que la caverne devait etre du meme genre; d'autant plus qu'il m'a été assuré depuis qu'elle assemblait beaucoup à celle dite Igrejinha, sauf qu'elle etait plus grande..*

O nosso benemerito escritor, Estacio da Veiga, no seu monumental tratado ácerca das *Antiguidades Monumentaes do Algarve* escreveu:

«A egreja do Algôs está situada em pleno terciario lacustre no contacto do jurassico superior, e é no Serro do Guiné, 2 quilometros a nordeste da egreja, que Carlos Bonnet, na sua memoria geografica e geologica, publicada em 1850, pag. 40, dá noticia de uma grande caverna, que todavia não visitou, mas de que teve informações.

«Não vi eu tambem esta caverna, com quanto d'ella me dessem conhecimento quando entrei na povoação do Algôs e fui examinar os campos adjacentes a oeste e a leste do Barranco Longo e da Ermida da Senhora

do Pilar ao sul do Algôs, onde me informaram ser frequente o apparecimento de pedras de raio, e donde com effeito já conhecia um polidôr de pedra, que desenhei na estampa XV, sob o n.º 3.

«Em Algôs comprei um machado de pedra, que havia sido achado nas proximidades da ermida do Pilar, o qual póde ver-se na minha collecção depositada no Museu do Algarve. Acham-se portanto nas proximidades d'aquella caverna, que se diz ser das maiores do Algarve, isolados criterios do periodo neolitico, deixando assim presumir que não deixariam de aproveitar aquella caverna os homens que taes instrumentos ali deixaram.»

Desejamos ver a caverna tão nomeada, embora já a conhecessemos como tendo sido habitada pelos Mouros. De criança nos costumámos a ouvir narrações de lendas, que nos prendiam toda a nossa attenção. Na caverna do Guiné viveram os Mouros — diziam-nos, e para auctorizar tal affirmação, narrava-nos nossa ama de leite historias, que ella ouvira contar aos seus ancestres. Certo era que em 1833 a caverna fôra realmente habitada, mas quem escolhera tal abrigo por *habitat* não fora um mouro e sim um português, o celebre Diogo do Guiné, mil vezes procurado pelos officiaes de justiça e nunca encontrado. Diogo do Guiné, era um criminoso fugido ás garras da justiça, e certo de que os soldados não ousariam penetrar naquelle ambito, cheio de misterios e de lendas, ali se refugiára.

E que lendas eram essas?

— Gente viva, diziam-nos, no tempo dos mouros ali vivera; e ainda até ha pouco tempo muitas pessoas antigas contavam ter ouvido *falas* lá dentro da caverna, mas *falas* que se não entenderam.

Como muito habeis escritores de antiguidades teem affirmado, e já nós tivemos occasião de observar, quando escrevemos a historia das *Mouras Encantadas* e *Encantamentos do Algarve*, o nosso povo não vai além, nas suas reminiscencias historicas, do tempo dos Mouros, que elles fazem coevos do tempo do povo judaico. O nosso português velho só conhece na sua antiguidade os mouros e o povo israelita; e como não

saiba classificar a antiguidade de cada um, considera-os contemporaneos.

Ainda hoje os moradores das vizinhanças da caverna do Guiné, ao aproximarem-se da boca da caverna, param e concentram o seu espirito, fazendo uma prece que os labios não formulam. E' profundo o respeito pela caverna, respeito que herdaram dos seus maiores...

O serro do Guiné está em terreno jurassico. Fazemos esta declaração, que hoje não é superflua, pois está demonstrado que as cavernas não existem sómente em terrenos daquella natureza. Por muito tempo se julgou que nos terrenos sedimentares não existiam esses velhos monumentos das cidades paleolithicas. A este proposito escreve Estacio da Veiga:

«Até ha poucos annos julgou-se que as cavernas sómente se podiam formar em montanhas jurassicas, porque, nestas rochas, são mais frequentes, com effeito, as grandes cavidades, deslocações, abatimentos locaes, e fracturas mais ou menos consideraveis, como resultado da natureza especial dessa formação, das acções plutonicas, da retracção e exsicação dos stratos e da erozão; mas a observação tem verificado a sua existencia nas séries sedimentares, principalmente na mesozoica e cainozoica, com quanto nas regiões propriamente calcareas sejam mais vastas e muito mais abundantes.»

A boca da caverna do Guiné é redonda e por ella apenas cabe um homem. Das informações colhidas na occasião em que estamos escrevendo estas linhas sabemos que ainda ninguem lhe chegou ao fim. São — dizem, grandes salões, com diversos compartimentos, formados de colunas de estalactites e estalagmites, a cuja fundura ninguem ainda chegou.

Nada mais sabem dizer. E' que a superstição do povo é ainda maior do que se pensa. Ha um profundo respeito por aquella caverna, a maior do Algarve.

Já ha muitos annos conheciamos a superstição das vizinhanças da caverna por este monumento Com um parente do Diogo do Guiné, o celebre criminoso que ali se costumava esconder, não sendo nunca ali encontrado, tivemos occasião de falar a este respeito e de

lhe ouvir dizer que os soldados limitavam-se apenas a chegar á boca da caverna, sem se atreverem a entrar dentro.

Em um dia pedimos a Antonio de Sousa Valente, nesse tempo rapaz destemido, e como tal conhecido em toda a povoação do Algôs, o obsequio de penetrar na caverna e perscrutar os seus segredos.

Estavamos a este tempo em Loulé. Por muito tempo não tivemos resposta sua, e em certa occasião que o encontramos no Algôs e lhe pedimos as desejadas informações, respondeu-nos, dizendo que fôra lá effectivamente, mas tão cedo lá voltaria, porque o espaçoso antro, com divisões e subdivisões, occultava precipicios por elle desconhecidos.

Além disso — accrescentou — a luz não se conserva acesa por muito tempo, e logo á entrada vi umas pedras, que pareciam estatuas, e vi colunas a luzir, que pareciam cousas de bruxaria.

Não foi preciso mais nada para nos convencermos de que o proprio Antonio de Sousa Valente, o destemido, entrára na caverna cheio de medo, e de lá saira ainda mais medroso.

Eis talvez as razões porque nem Charles Bonnet, nem Estacio da Veiga, não chegaram a entrar na caverna: não encontraram um guia que os acompanhasse naquelle dedalo. Sómente o Diogo do Guiné nos poderia informar seguramente, se não tivesse falecido ha muitos annos.

E desta forma conserva-se completamente virgem a quaesquer estudos a maior caverna do Algarve.

Não se tendo realizado estudos alguns na caverna do Guiné, não podemos affirmar nem negar que ali se encontrem documentos das primitivas civilizações; no entanto entendemos chamar a proposito o que se passou com a caverna da Sallustreira ou Salsteira, de Querença, proximo da qual esteve Carlos Bonnet e de que fez pouco caso, e mais tarde Estacio da Veiga, que a não estudou por lh'o não ser permittido pelo governo de então. Conta Estacio da Veiga que, passeando uma tarde, proximo da caverna da Querença, ficára impressionado com as informações que obtivera dos vizinhos. Chegando a Faro em 1884 ahi encontrára uns distintos

naturalistas inglezes e allemães, sendo um delles o dr. Gadow, professor da universidade de Cambridge, a quem communicou as suas impressões relativas áquella caverna, sendo atentamente ouvido pelo insigne arqueologo.

«Ao que parece — continua Estacio da Veiga — o sr. Gadow ligou alguma importancia a esta informação, e annunciou-me logo que no anno seguinte voltaria ao Algarve para visitar a caverna; e não faltou, porque em 1885, estando eu auzente, constou-me ter sido procurado por aquelle naturalista, que, não me encontrando, foi fazer um reconhecimento na Sallustreira, onde achou um esqueleto humano, contas de celaite e outros objectos, cujo descobrimento communicou ao eximio naturalista o sr. Alfredo Bensaude, a quem sou devedor destes obsequiosos esclarecimentos. Escrevendo-lhe, porém, o sr. Bensaude e eu posteriormente, pedindo informações mais desenvolvidas, o sr. Gadow não continuou a tratar d'este assunto.» Quer dizer: o sr. Gadow em castigo de malandrice indigena entendeu, e talvez entendesse bem, que não devia dar explicações a quem tinha obrigação de ser mais deligente e cuidadoso.

E é claro, o sr. Gadow ficou com o esqueleto porque as cousas de Portugal são para os inglezes: *rem nulius*.

E' o que ha de succeder aos segredos occultos na caverna do Guiné, desde o momento em que o governo do nosso paiz se não convença de olhar mais seriamente para o nosso peculio.

Repetimos pois: é necessario que o governo portugués mande estudar a caverna do Guiné. Quasi temos a certeza de que as pesquizas dariam excellentes resultados.

CAPITULO II

Periodo neolithico

Ao periodo paleolithico seguiu-se o *neolithico*. Não obstante termos seguido a opinião de alguns sabios que atribuem os *dolmens*, menhires etc. á ultima parte do periodo paleolithico, é certo que muitos outros os consideram filhos da civilização neolithica. Neste grande periodo já o homem se sente mais á vontade. A natureza tomara assento definitivo. E' de suppôr que o homem primitivo por algum tempo ainda continuasse a viver nas cavernas, pois que em muitos destes abrigos teem sido encontrados ossos humanos misturados com instrumentos de pedra polida, circumstancia esta que caracteriza este periodo. Neste tempo são os seus utensilios, armas de combate e instrumentos, mais variados e melhor trabalhados. Encontram-se em abundancia, facas, serras de silex, contas de steatite, enchós, machados, escôpros, pontas de frecha, lanças e lascas cortantes de silex, lanças de schisto, graes de pedra, fragmentos de louça e utensilios de pedra, apolimentados, e que denotam um grau de civilização mais adeantado. Apparecem tambem as mós de moer, que ainda hoje se encontram nas casas desta provincia, movidas simplesmente pelo braço do indivi-

duo, que se serve de um eixo de madeira encravado na mó superior.

Parece que neste periodo ou idade neolithica o coração do homem entra numa nova epoca. O estado armonico da natureza reflete-se em todos os utensilios, que o cercam. Nos seus proprios repastos a sua mesa se distingue pelo maior numero de pratos. Na ultima parte deste periodo se observam as habitações *lacustres*. Tinha já o homem, na parte avançada deste periodo, não largado de todo a sua caverna, mas já construia egualmente a sua cabana ao ar livre; e neste caso escolhe elle de preferencia a sua morada no alto das colinas, adotando os fundos dos barrancos, quando as colinas se acham occupadas por individuos da sua especie. Não ficaram, porém, aqui, pois que foram habitar os lagos e as lagoas.

Uma terrivel seca, em 1853 e 1854, occasionou um abaixamento de aguas tão pronunciado nos lagos suissos, principalmente no lago Zurich, que ficaram a descoberto dentro do lago uns pilões de madeira. Estudados estes e a area limitada por aquellas grandes estacas ou supportes, encontraram nos seus escombros todas as provas de que ali se haviam construido habitações neolithicas, a que chamaram *palafitas*. Identicos estudos feitos no lago de Genebra, em Laibach, e em Santo-Dos, na fronteira da França, deram eguaes resultados. Por este processo reconheceu se que no lago de Wangen havia 40:000 destes pilões, e no lago de Bobenhausen 100:000; o que faz crer que uma grande população neolithica habitava nesta edade os lagos. Estas habitações tão unidas no mesmo lago demonstram que os homens daquelle periodo já reconheciam a utilidade de viver em sociedade.

Eis o que escreve Estacio da Veiga relativamente a um d'esses lagos:

«Robenhausen, logarejo da communa de Wetrikon, pertencente ao cantão de Zurich, é um nome que ficou sendo celebre nos annaes da sciencia moderna, em razão dos descobrimentos que fez Messikommer, habitante do logar, pretendendo esgotar os alagadiços que separam aquelle povoado das margens do lago de Pfaffikon. As alluviões encobriram ali uma opulenta

estação neolithica, contendo muitos instrumentos de pedra polida e de osso, abundantes ossos de animaes, louças, cereaes e tecidos carboniados, bem como numerosos artefactos de madeira em perfeito estado de conservação. Nenhum objecto metallico era companheiro do famoso peculio da ultima idade da pedra, escrupulosamente estudado pelo sabio Keller, insigne mestre dos arqueologos suissos Foi o sr. G. de Mortilet quem adoptou a estação de Robenhausen como tipica da ultima idade da pedra.

«A curta distancia da margem do lago de Zurich, não longe de Robenhausen, sendo cortado um outeiro ou monticulo, um tanto abatido, Keller verificou ali os caracteristicos de um logar do lago, sendo as construcções formadas sobre esta estacaria, cujas pontas estavam ainda encravadas no lodo negro de que era formado o proprio monticulo, onde promiscuamente foram achados muitos fragmentos de carvão, pedaços de louça, ossos partidos, muitos instrumentos de pedra e de osso, objectos de adorno, tecidos e cereaes carboniados, pedras de moagem, pão de fórma achatada e diversos fructos, que ainda foi possivel reconhecer. Com todo este variado amontoamento, que bem mostrava ter o lago do Zurich sido habitado na ultima idade da pedra, appareceram craneos humanos.»

«A existencia de estacas no amago do monticulo seria mais que sufficiente para mostrar que tudo aquillo era uma parcella do espaço que as alluviões tinham usurpado ás aguas do lago, certamente muito mais amplo no tempo em que sobre a superficie tranquilla das suas aguas viveu um povo sedentario, furtando-se assim antes ao ataque e á destruição de tribus invasôras, do que á ferocidade de uma fauna, que já havia perdido os seus mais pavorosos devoradores.»

Leram, pois, nestes periodos transcritos o que são as chamadas *palafitas* e a sua razão de existencia.

Ha, porém, outras construcções da edade neolithica, que muito convem estudar: o *talaiot.* (A)

A construcção denominada *talaiot*, derivada certamente, segundo a opinião do conego Spano — da palavra cananea — *talal*, significa *habitação alta.* Por isso d'esta palavra derivamos a palavra *atalaia*, á imitação

dos hespanhoes. O *talaiot*, pois, era uma casa torre, construida de modo que seus moradores estivessem seguros contra os seus inimigos. Era como que uma torre para onde se subia, e em cujo plano superior estava a habitação da familia. Tinha de quatro a seis metros de altura, em forma de cone truncado. Para essa casa-torre subia-se por uma fiada de pedras dispostas em espiral, que desempenhavam o logar de degraus de uma escada. Bastava um só homem para defender a invasão de sua casa. Teem-se encontrado na peninsula este tipo de construcções e todos denotam datar do grande periodo neolithico. A paginas 92 do vol. 1.º da recomendavel obra — *Historia Del Lugo* — de Salvador Sanpere y Miguel, encontra-se a discrição d'esta especie de construcções neolithicas, e explica-se a sua razão de existencia. E na construcção deste monumento encontramos a prova de que o homem seguia a lei do progresso por uma forma maravilhosa, e que as guerras naquelles tempos eram já triste condição de humanidade.

Primeiramente viu-se o homem forçado a viver nas cavernas; mais tarde em covas e cabanas nos altos das collinas, e só mudando para junto das correntes d'agua, quando as mesmas collinas eram habitadas por gente amiga. Mais tarde, tiveram de construir as chamadas *palafitas*, nos rios, nos lagos e lagôas; depois construiram os *talaiots*, ou casas-torres, certamente para melhor se defenderem do inimigo e quiçá das feras. Mais adiante demonstraremos que no Algarve e ainda nesta freguezia existem rememorados nos contos esses antigos monumentos Quer-nos parecer que nesta freguezia existem gravados no nome dos sitios essas velhas construcções.

Foram principalmente os celebres arqueologos o marquez de Nadaillac, o marquez Guido dalla Rosa, M. Cazalis, de Fondouce y Cartallac, La Marmora, e Martoril os que melhor estudaram esta especie de construções neolithicas.

Por muito tempo se suppoz na peninsula que muitas covas encontradas fossem celleiros mouriscos. Essas covas excavadas no solo natural terminavam num fundo de forma concava, umas vezes nas collinas, outras nas rampas e algumas vezes nas planicies, sós ou cons-

tituindo grupos. E' possivel que essas covas fossem algumas vezes aproveitadas pelos mouros para nellas conservar os seus cereaes, pois diz-se que ellas conservavam os trigos por mais de seis annos; é, porém, mais certo que foram primitivamente aproveitadas como azilo do homem primitivo e de suas familias. Não é difficil a demonstração, e, para responder aos que as consideram celleiros mouriscos, pedimos nos expliquem a razão por que covas identicas teem apparecido na França, na Italia e na America, onde os mouros nunca residiram.

A este proposito escreve um illustre algarvio muito versado nestes assuntos:

«Duvida alguma ha hoje com referencia a este assunto, tendo-se achado, tanto na França, como na Italia e em outros paizes algumas d'essas covas artificiaes excavadas nos planos altos das collinas, nas suas rampas e nas planicies, ora isoladamente, ora constituindo gruppos, contendo ainda espessas camadas de cinzas mescladas de carvão, pedras grossas tostadas pela acção do fogo, numerosos pedaços de louças, muitas lascas de silex, instrumentos de pedra polida e varios artefactos de uso domestico, assim como abundantes despojos das refeições preparadas naquellas covas, que em tempo serviam de cozinha, casa de jantar, quarto de dormir, e estrumeira, sem que ninguem temesse o fumo da fornalha, as evaporações dos detritos organicos ali accumulados, o desconchego da cama e a escuridão das noites.»

Esperamos mais adiante apresentar provas e documentos dessas covas.

Já nos referimos a um dos caracteristicos por todos acceito da edade ou periodo neolithico — os instrumentos de pedra polida, que se differençam dos instrumentos de pedra lascada, caracteristico do periodo paleolithico. Como egualmente já notamos, estes grandes periodos não terminaram nem começaram ao mesmo tempo em todas as regiões da terra, nem ainda na mesma região. A passagem de uma para outra edade fez-se gradualmente segundo as leis do progresso humano. E' o que ainda hoje observamos com a *moda*,

que não começa ao mesmo tempo em todos os paizes, nem mesmo no mesmo paiz.

Demonstraremos mais adiante que nesta freguezia se encontram instrumentos de pedra polida, criterio importante do periodo neolithico.

Não teem apparecido nos museus muitas dessas pedras encontradas na freguezia do Algôs, o que não quer dizer que não existam Muita gente do campo tem a superstição de que taes pedras são um santo preservativo dos raios, e por isso a essas pedras chamam *pedras* de *raio*.

Em segundo logar não tem apparecido por aqui algum *curioso* que mostre interesse em fazer collecção desses instrumentos. Se aqui tivessem apparecido alguns, que não duvidassem de offerecer por elles algum dinheiro, a superstição teria sido levada de vencida, em muitos casos, e os instrumentos de pedra teriam apparecido.

Em criança vimos muitas dessas pedras dentro do leito da ribeira do Barranco-Longo, no ponto em que passa ao lado do sitio do Monte do Sobrado. Ignorando a sua significação, não lhe ligamos qualquer apreço. Mais tarde, quando as sciencias paleontologicas começaram a ser conhecidas e vimos pela primeira vez o desenho dos machados de pedra, immediatamente nos recordamos de os ter visto no logar acima indicado. Isto quer dizer que a ignorancia do seu significado tem obviado a que se tenha feito collecção de taes instrumentos de pedra. Se alguns os guardam como panacea contra os raios, outros os guardariam pelo seu valôr em face da sciencia e os offereceriam aos nossos museus.

O que falta no Algôs é quem se interesse por taes collecções. No entanto é certo que nos nossos museus existem instrumentos de pedra encontrados n'esta freguezia.

Não devemos concluir este artigo sem indagar se nessa antiga edade o homem neolithico tinha algumas crenças religiosas. Parece comprovada a affirmativa. Eis o que escreve um estudioso escritor:

«Havia já então a sublime crença da immortalidade da alma e juntamente a da resurreição. A morte era

portanto considerada como um estado transitorio, e por isso, quando cada pessoa resuscitasse, deveria logo achar em torno de si todas as suas alfaias para continuar a usal-as. Se esta era precisamente a idéa que presidia á pratica invariavel de se juntarem aos cadaveres, ou aos ossos exhumados de uns para outros depositos, os objectos que tinham pertencido a cada individuo, um bem definido direito de propriedade ficara por este modo instituido na sociedade neolithica, não permittindo que o defunto fosse expoliado dos seus haveres. O proprio amuleto, que mesmo reduzido a pedaços nunca minguava de virtudes, acompanhava o morto para melhor preparar o seu regresso á vida.

«A crença na existencia da divindade, o dogma da resurreição, a superstição, a veneração pelas reliquias humanas e o respeito pela propriedade dos que se finavam, são factos que parecem exemplicados por aquella civilização »

Do que affirma este escritor em harmonia com as opiniões de outros sabios nestes assuntos, podemos e devemos concluir que o povo neolithico era religioso.

Temos ainda a *tatuagem* como pertencente a este grande periodo neolithico. (B)

§ 1.º

Lagoa do Navarro

Os altos serros das Assumadas, Canaes, Gateiras e Guiné limitam a Nascente e ao Sul um grande valle, que, nos tempos neolithicos devia prolongar-se até outro valle limitado a Nascente pelo mesmo serro do Guiné. No primeiro valle ou bacia está situada a lagôa do Navarro, ficando esta tres quilometros de distancia, pouco mais, da caverna do Guiné; o segundo valle, ainda hoje conhecido por *Lagôa de Viseu*, está situado pouco mais ou menos, a mesma distancia da referida caverna, e a dois quilometros, pouco mais ou menos da lagôa do Navarro.

E ousamos affirmar que nos tempos neolithicos estas duas lagôas formariam certamente um grande lago porque vemos dos grandes pioneiros da sciencia que naquelles remotos tempos grandes lagos se acham actualmente representados por pequenas lagôas; que o rio Sena, que tinha naquellas edades trinta quilometros de largura, é hoje um pequenino rio, cujo volume é actualmente oitenta e quatro vezes menor do que então era; e finalmente que o rio Yonne, hoje um pequeno regato, arrastou em suas aguas penhascos enormes arrancados das alturas de Morvan (França).

Ora em redor da lagoa do Navarro giram umas lendas ennubladas pela acção dos tempos e que nos revelam o que quer que seja de misterioso.

Assim desta lagoa — diz Luiz Cardoso que em tempos calmosos chega a trasbordar e inunda os campos, mas por occasião das lavouras se ouvem grandes urros e a agua recolhe toda e some-se, porque toda recolhe ao mar.

Não seria aquella lagoa uma estação neolithica, em cujas palafitas habitassem os antigos povos? Pouco distante da caverna do Guiné e menos distante talvez ainda do Penedo Gordo, onde se encontra um *menhir*, e a quatro quilometros de Paderne, sede de uma grande civilização neolithica, na opinião auctorizada de Estacio de Veiga, não duvidamos de affirmar que seriam colhidos vastos documentos da civilização neolithica naquella lagoa se alguem quizesse ali fazer investigações cuidadosas.

As palavras de Luiz Cardoso, respeitantes á lagoa do Navarro, e se encontram no seu *Dicionario Geografico* são as seguintes:

«Ha nesta freguezia uma celebre lagoa, a que dão o nome Navarro, a qual bebe e chupa a agua, que escorre dos montes no inverno, e a guarda até o verão, em cujo tempo a costuma outra vez lançar de si, dando antes alguns bramidos, e sae com tal abundancia e furia que inunda os campos vizinhos, de tal modo, que mal teem tempo de tirar os arados, que deixaram nas suas terras.»

Esta lenda, como todas, póde ser a commemoração desvirtuada e confusa de algum combate de inimigos contra os habitantes das palafitas, que estes destroçaram com as suas armas e competentes algazarras, fazendo-os retirar, deixando armas e bagagens no campo.

Quando os homens daquella idade construiram as suas palafitas não obedeceram ao luxo e sim á necessidade.

«Além dos abrigos alpestres, o homem antigo ideou outro — escreveu Estacio da Veiga — e esse outro mais seguro, por ventura, porém de tão arrojado emprehendimento, de tão audaciosa execução, que até parece impossivel ter-se podido realizar.

«Refiro-me ás cidades lacustres ou palafitas, construidas no meio dos lagos, para servirem de habitação e defesa aos homens, que povoaram o globo terrestre, e por tanto ás diversas raças que em epocas remotissimas viviam em todo o mundo.»

Proceda-se, pois, a um rigoroso estudo na lagoa, como Estacio da Veiga desejou estudar a lagoa de Boinho, entre Cacella e Monte Gordo, e quer-nos parecer que tal estudo será coroado de grandes resultados.

Mede a lagoa de Navarro tres quilometros de comprimento, pouco mais ou menos, e dois quilometros de largura. Tem occasiões em que, estando completamente cheia, a agua desapparece num momento e então avista-se ao centro uma grande cova, denominada *sorvedouro.*

Nenhum estudo tem sido feito naquella lagoa ou naquelle sorvedouro, que, num momento para o outro, pode novamente encher e engolir no segredo das suas aguas qualquer curioso.

Dar-se-á o caso de existir ali restos de qualquer *palafita?*

A vizinhança da caverna do Guiné, da Torre e Torrejão, da lagoa do Vizeu, e do menhir ou Penedo Gordo, com a circumstancia das pedras de raio por ali encontradas e das lendas espalhadas, convence-nos de que aquelle sorvedouro ou aquella lagoa esconde em si restos formidandos das civilizações prehistoricas.

§ 2.º

Penedo Gordo

Mui proximo da povoação do Algôs existe um grande bloco de pedra, que, certamente, foi para aquelle logar transportado por gigantes. E dizemos que para ali fôra transportado porque evidentemente não é ali nativo. E eram verdadeiramente gigantes os homens d'aquellas idades. «A possança desses homens — escreveu Estacio da Veiga — não póde pôr-se em duvida, tanto em presença das obras em que o seu braço robustissimo se deixou caracterizado, como em vista da fórte musculatura que os seus ossos denunciam.»

Elles transportavam e punham a pino monolithos de 250:000 quilogrammas, tal é o peso do *menhir* de Loxmariaquer; elles derribavam arvores gigantescas e iam enfial-as no lôdo das grandes bacias lacustres para sobre os topos de taes estacas firmarem as suas vivendas!» elles, finalmente, apenas armados de armas de pedra, luctavam victoriosamente com as feras!

O bloco gigante conhecido em toda a freguezia do Algôs pelo «Penedo Gordo» estava ha annos arrumado ao pé de uma alfarrobeira, onde ainda hoje se acha.

Ultimamente mandamos medil-o por um amigo em quem depositamos toda a confiança. Tem de altura

tres metros e setenta e quatro centimetros, e de grossura, ou antes de circumferencia, 16 metros e cinco decimetros.

Pela descripção que os paleontologos fazem dos *menhires*, o Penedo Gordo é um d'esses monumentos prehistoricos.

No entender dos sabios, os *menhires* teem forma variavel e ainda hoje a sua significação é ponto problematico; suppõem-se pertencer ao periodo neolithico ou pelo menos ás primeiras idades dos metaes.

A proposito dos *menhires* teem apparecido muitas opiniões: umas suppoem-nos monumentos religiosos, e a crença popular inspira-se desse preconceito; outras simplesmente os consideram padrões funerarios, e o sr. de Mortilet julgou os *menhires* simplesmente padrões commemorativos. No Algarve encontram-se alguns destes monumentos prehistoricos em Silves e na Cumeada de S. Bartholomeu de Messines.

Não nos attrevemos a emittir opinião com relação ao Penedo Gordo, e por isso aqui lembramos aos sabios o estudo daquelle megalitho.

§ 3.º

Torre e Torrejão

A nascente da povoação do Algôs, distante desta dois a tres quilometros, existem dois sitios denominados *Torre* e *Torrejão*. Um dista do outro talvez um quilometro. Embora as suas denominações, nenhum indicio ali se encontra de construcções arabes ou romanas. O sitio da Torre fica em altura e domina completamente a varzea do Poço da Figueira, onde está situada a lagoa do Navarro, da qual dista pouco mais de um quilometro; o Torrejão, tambem em sitio um pouco elevado, fica fronteiro ao serro do Guiné do qual dista dois ou tres quilometros. Ligados estes quatro pontos por uma linha formam um losango.

Dentro desta figura geometrica teem sido encontradas muitas *pedras de raio*. Ninguem, pois, póde duvidar de que fôra aquella area occupada pelos neolithas. Não nos devemos esquecer de que a freguezia do Algôs assenta em pleno barrocal, distante uns dez quilometros do oceano atlantico. Parece, pois, que não eram aquelles dois sitios com aquellas designações pontos de vigia, como encontramos nas povoações proximas do mar, prevenidas contra o assalto dos mouros.

Tambem nenhuma tradicção existe de que tenham

os romanos ali construido castros ou fortalezas romanas, nem é de suppôr que fossem tão destituidos de intelligencia que mandassem construir tão proximo uma da outra aquellas duas fortalezas, a que se referem as suas respectivas denominações.

Talvez não estejamos longe da verdade, affirmando terem ali existido dois *talaiots* neolithas, que parecem ser rememorados nos muitos contos, que nesta freguezia e no Algarve correm atravez do tempo.

Dois desses contos correm na provincia e na mesma localizados. Reproduziremos esses contos, e que já foram por nós publicados em um livro: «*As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*.

A paginas 163 desse livro encontra-se este conto:

«Nas proximidades da Fuzeta existem as ruinas de diversas torres ou fortalezas, cuja fundação é de uma pasmosa antiguidade. A poente d'aquella povoação, sobre uma cumeada, que domina os esteiros de Tavira para Faro, encontra-se uma torre redonda, com um diametro de dez metros e pouco mais de altura, sem sinais ou quaesquer vestigios de escada por onde se possa subir ao parapeito.»

Um talaiote neolithico, certamente.

A pag. 273 do mesmo livro:

«Proximamente a Lagos, ao sair da ponte, que segue para o Odiaxere, houve uma horta e dentro desta um predio alto de bem extraordinaria construcção. Não tinha uma unica abertura: porta e janellas eram fingidas e apenas indicadas na alvenaria por sinais que lhes marcava a area. Tambem não tinha telhado, correndo por sobre toda a extensão do predio uma grande sotea.»

Nestes dois contos de Mouras Encantadas, e que, no estado de ignorancia do nosso povo (que suppõe a existencia das Mouras no nosso Algarve no principio do mundo) a um tão distante periodo de tempo se referem, parece registarem-se os talaiotes neolithicos.

Em os *Contos Tradicionaes* do Algarve, por nós colligidos e publicados, se encontram muitos contos em que figuram altas torres sem portas nem janellas. Por sinal, em um destes contos, o gigante sobe, fazendo escada do farto cabello de uma princeza mettida na torre.

Quem pois póde duvidar de que nesses contos e lendas se faça a rememoração das habitações de que os homens do periodo da pedra polida se serviam, já no estado adiantado da sua civilização?

Demais, sendo tantos os caracteristicos da civilização neolithica naquella região, não deve merecer extranheza a existencia dos *talaiots*.

Perpendicular á grande ribeira do Barranco Longo e ao norte ha um serro nesta freguezia, cujo cimo é habitado, e nos mais antigos roes da freguezia tem o nome — *Sobrado*.

Nesta freguezia, como em toda a provincia, aquella palavra designa o pavimento do andar da casa por cima e mais alto que o pavimento terreo; exactamente como os arqueologos descrevem os *talaiots* dos tempos prehistoricos. A designação *Sobrado* figura nos registos mais antigos do arquivo parochial da freguezia; e se nos seculos antigos já aquelle sitio era assim denominado, licito nos é suppôr que aquelle nome veio de remotissimas edades.

A circunstancia de se achar em logar proximo e prependicular á ribeira constitue para nós a supposição de que ali existisse um *talaiot*.

No sitio não ha absolutamente tradição alguma relativamente á origem do seu nome.

E nada mais diremos a este respeito porque não queremos de forma alguma se convençam os leitores de que propositadamente estamos a forjar documentos, que abonem a existencia nesta região de povos neolithicos, assás comprovada.

§ 4.º

Celleiros dos Mouros ou «silos»

Na encosta do outeiro em cujo cimo existe a ermida da S. do Pilar, a nascente, assenta o prazo denominado Amoreira, em cuja area no seculo passado foram encontradas muitas moedas romanas e teem sido encontrados instrumentos de pedra. Ha uns annos, andando uns trabalhadores cavando naquella propriedade por ordem da sua dona, a ex.ma sr.a D. Catharina Marreiros Neto, notaram em certo logar, na parte mais elevada, que o solo parecia ceder mais facilmente, e em pouco viram que era um poço entupido. Teimaram com o trabalho na esperança de encontrar algum thesouro, ou ao menos agua em abundancia: nem uma nem outra cousa. E então se recordaram de ouvir dizer aos seus maiores do que aquillo era certamente um *celleiro dos mouros*.

Muitos mezes depois tivemos conhecimento d'aquelle *achado;* e quando inquerimos um dos trabalhadores ácerca do que na cova tinha encontrado respondeu-nos que já se não lembrava, tendo sómente a certeza de que no fundo encontrára muitos testos de louças antigas de barro, e pedras.

As relações de velha amizade que nos prendem á

ex.[ma] proprietaria daquelle prazo, auctorizavam-nos a pedir o seu consentimento para ali fazer os nossos estudos ; mas receiamos de inicial-os sem um mestre que nos soubesse ilucidar.

Por isso aqui registâmos o caso e para elle chamamos a attenção dos entendidos.

Rectificando o que deixamos escrito, por virtude de uma carta da pessoa, que assistiu ao desentulhamento do poço, diremos que este não foi novamente entulhado e que entre a terra que o entupia se encontraram muitas *telhas*, *pedras*, *e alguns ossos*, *de que se não fez caso.*

E' claro que hoje os ossos desappareceram com a acção do tempo e as pedras por lá devem andar espalhadas.

Ausente alguns annos d'esta freguezia, e sendo de pouco tempo o desentulhamento do poço, não tivemos occasião de o visitar. Tinham-nos informado que o poço fôra em seguida entulhado e por isso não mais pensamos em ir ali fazer quaesquer estudos.

Temos a quasi certeza de que o poço não é mais do que um *silo* dos povos prehistoricos, embora mais tarde aproveitado pelos romanos e arabes.

Estudar aquelle poço como o que nelle foi encontrado é uma obrigação de quem tem a seu cargo taes estudos.

Com relação a estes *silos* ou poços dos mouros escreveu o unico sabio que estudou os monumentos neolithicos d'algumas freguezias do Algarve, o seguinte :

«Com as designações de celleiros, tulhas, silos ou matmorras são conhecidas umas cavernas, excavadas geralmente nas rochas brandas, de maior ou menor amplitude e profundidade, que a tradição indica como tendo sido celleiros na epoca mohemetana e já anteriormente nos tempos dos romanos... neste livro me tenho mais de uma vez referido a essas cavernas e subterraneos bem convencido de que estes teriam sido aproveitados para celleiros durante o dominio mourisco mas primitivamente abertas pelos habitantes dos periodos neolithicos.»

§ 5.º

Instrumentos de pedra polida

No vol. 1.º das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, escrevendo Estacio da Veiga a proposito da caverna do Guiné, informa o seguinte:

«Em Algôs comprei eu um machado de pedra, que havia sido achado nas proximidades da ermida do Pilar, o qual póde ver-se na minha colecção depositada no museu do Algarve. Achou-se portanto nas proximidades d'aquella caverna, que se diz ser das maiores do Algarve, isolados criterios do periodo neolithico, deixando assim presumir que não deixariam de aproveitar aquelle abrigo os homens, que taes instrumentos ali deixaram.»

A folhas 366 do vol. 2.º escreve:

«Algôs — é uma das melhores aldeias do Algarve. Está situada em terreno baixo, numa cota de 33 metros, mas rodeada de bons terrenos, onde por vezes teem apparecido diversas antiguidades, não minguando entre ellas os instrumentos de pedra comquanto não me fosse possivel obter senão um. Ha no museu outro instrumento de pedra obtido na freguezia do Algôs pelo sr. Judice dos Santos. E' o seguinte:

«Brunidôr de forma irregular, um tanto subcylindri-

co, mostrando nas extremidades do eixo maior dois planos convexos, assás polidos, com sensivel obliquidade.»

«Senhora do Pilar.......................... Era portanto assás propicio todo este terreno para que não escapasse aos agricultores da ultima edade de pedra, tanto mais tendo ali tão proxima uma das maiores cavernas de que ha noticia no Algarve. Alem das antiguidades romanas em que abunda aquelle sitio, muitos instrumentos de pedra (machados) teem apparecido e por isso, embora os não tivesse podido obter, deve este sitio ficar aqui recommendado.»

E creio que muitos instrumentos de pedra apparecerão depois de publicada esta *Monografia*.

§ 6.º

Tatuagem

Consiste a *tatuagem* no conjuncto dos meios, com que se introduzem debaixo da epiderme substancias corantes, vegetaes ou mineraes, para produzir desenhos duradores e apparentes.

Como para comprovar a civilização neolithica nesta freguezia, tão *inconscientes*, como as armas de pedra que nella se encontram, existem não poucos individuos do campo com imagens, datas, flôres desenhadas no peito, nos braços, nas costas das mãos e nas espaduas.

Inconscientes lhes chamamos, pois certamente ignoram que transmittem um processo, que, no dizer de todos os sabios, foi inventado pelos neolithas.

Quem ensinou aos nossos homens de hoje aquelle processo? Os mais novos aprenderam nos com os mais velhos, e estes com os seus ancestres, subindo-se assim, atravez dos tempos historicos, até aos prehistoricos. São as *tradições* a fulgurar e que ainda hoje nos subministram valiosa lição.

Parece, pois, que a par das *cavernas*, dos *menhirs*, dos *talaiots*, da presumida *palafita* e dos instrumentos de *pedra*, vem ainda a tatuagem confirmar a opinião

de que esta freguezia foi povoada pelos povos primitivos.

Cremos que o uso da tatuagem é muito vulgar entre os trabalhadores desta freguezia e de S. Bartholomeu de Messines. Não sabemos, porém, se entre elles ha quem exerça a profissão, sendo aliás certo que temos visto admiraveis desenhos, que denotam mão segura e experiente.

CAPITULO III

Breves considerações

Com um pé á entrada do grande periodo dos metaes e com o outro no grande periodo da pedra, permitta-se-nos descançar um pouco e fazer as considerações que resultam do estudo do homem da pedra. Singelissimos os seus costumes, limitadissima era a sua esfera de acção, nos seus primordios. Quasi se póde dizer que apenas luctava pela existencia.

No principio o homem dever-se-ia sustentar apenas dos fructos e das raizes, porque não inventára ainda a arma para derrubar os animaes. Tendo por travesseiro uma pedra, por tecto a ramagem das arvores, dormiria umas vezes sobre estas, outras procuraria para abrigo as cavernas, cavadas nas anfractuosidades do solo. Por isso Homero affirmou que o homem primitivo era troglodita: habitava as cavernas. Esta affirmação ainda a encontramos nas legendas dos antigos povos, na affirmação mithologica da lucta contra Titan, e finalmente nos estudos feitos nas mesmas cavernas.

Mais tarde, como obedecendo a uma lei, que Pelletan depois de seculos descobriu, o homem largou as cavernas e foi habitar cabanas, umas vezes no cimo das collinas, outras junto das aguas correntes, depois nos

lagos, e finalmente nos *talaiots*, onde neste momento de transição para novo periodo, os deixamos abrigados. Como já affirmámos, o seu estado primitivo foi o de um selvagem sem recursos alguns, tendo de viver exclusivamente do suor do seu rosto.

Nessa lucta primitiva teve de procurar armas de defeza e arrancou pedras lascadas, das quaes fez tambem os seus instrumentos de trabalho. Quando pela primeira vez viu o *fogo* e conheceu o auxilio que este lhe podia offerecer julgou-se um ser poderoso.

E' muito de suppôr — diz Luiz Figuier — que nessa epoca remotissima o mammuth, o elefante, o rinoceronte, o veado, o hipopotamo percorressem a Europa em bandos, pois que só assim se póde explicar as innumeras quantidades de ossadas que se encontram acumuladas nos mesmos locais. E o homem só, sem uma arma, e mais tarde apenas armado de uma pedra de silex, de arestas afiadas, e bordos cortantes, teria muitas vezes de se recolher temeroso para as cavernas, ou de esperar o inimigo e luctar. Depois que descobriu a arma foi mais abundante o seu repasto: fructos e carne.

Dos estudos feitos nas cavernas por Nilson, Arcelin, Ferry e outros paleontologos, acha-se provado que na epoca do mammuth, correspondente ao periodo paleolithico, o homem enterrava os seus mortos nas grutas, que em vida lhes serviam de habitação. Mais tarde, no periodo neolithico, esses enterramentos realizavam-se em tumulos ou dolmens. Dentro desses tumulos collocavam armas, provisões, amuletos, etc., de que os sabios tiram argumento para demonstrar que já nesse tempo a ideia religiosa predominava em seus espiritos.

Em algumas das cavernas estudadas por Lartet em Lordes e nos Baixos Pirineus (França) foram encontradas agulhas de coser, de osso. A este proposito escreve Sampere: «Que as agulhas de coser indicam um povo que cose não parece restar duvida; que não apparecessem nesse logar novellos de linha não é de extranhar. Um povo que cose é um povo que se veste, e os animaes podiam offerecer ao homem primitivo as suas pelles, como os animaes de pequeno talho poderiam offerecer os seus tendões, que substituissem a li-

nha ou o fio. Encontraram-se nessa caverna pedras talhadas cujo uso não foi possivel explicar; é que talvez essas pedras se destinassem á preparação das pelles para uso do homem.»

Tambem na caverna de *Langerie-Basse* foi encontrado o esqueleto de um homem, ou antes uma mumia, com o corpo salpicado de conchas das especies denominadas *Cipraca rufa* e *Cipraca lurida*, que ainda hoje vivem nos nossos mares; este caso prova que o homem já tinha por costume ornar-se, pois que naturalmente estas conchas estariam presas aos seus vestidos.

Emfim, estudando o homem através desses dois grandes periodos, conhece-se em todas as suas manifestações que elle vai sensivelmente seguindo a lei do progresso, proclamada mais tarde no Evangelho, quando não só ensinou mas impoz esse ensino, fazendo delle uma lei: sêde perfeitos — *estote perfecti*.

Nas edades neolithica e dos metaes o homem era já o verdadeiro vencedor na lucta contra a materia bruta; e os seus artefactos manifestam á maravilha o *quid* superior, que o faz distinguir como rei da fauna.

Por isso, quando do cimo do outeiro da Senhora do Pilar, de onde se goza de uma deliciosa vista, vemos á nossa direita, *o silo*, quasi a mergulhar nas nuvens o *serro do Guiné*, e no sopé desse serro a grande bacia onde está situada a lagoa do *Navarro;* quando fixamos as pequenas eminencias denominadas *Torre* e *Torrejão*, e a nordeste destas o *Penedo Gordo*, sentimo-nos commovidos, pensando que naquelles logares, milhares de annos atrás, pulsaram corações humanos, cheios de energia e eluminados pelas leis superiores, que lhes ordenavam *caminhar* e *caminhar* sempre; e por que nos sentimos pequenos e mudos diante de tantas energias, apenas, respeitosos e submissos, tiramos o nosso chapeu, em sinal de profundissimo respeito ás sombras que passam envoltas nas nuvens do passado.

E com razão. Comparados os homens da edade paleolithica com os da neolithica que differença se não nota a favôr d'estes, e em seu abono! Já neste periodo o homem mostrava até onde havia de chegar o *quid* superior que o havia de guiar. Ouçamos a este respeito

o que escreveu um abalisado escritor, que para nós tem a grande vantagem de ser tambem portugués e natural da nossa querida provincia — Estacio da Veiga:

«Ao despedir-se o periodo neolithico já havia agricultores, pescadores, marisqueiros, caçadores de monteria e volateria, fabricantes de armas e de instrumentos de pedra e de ossos, cavouqueiros, conductores de material de construcções, architectos, constructores, oalheiros, que fabricavam braceletes de conchas, de ambar e de vertebras de peixe, alfinetes de osso e marfim de segurar o penteado, pingentes e amuletos, desenhadores, esculptores e gravadores, polidores de pedras rijas, fabricantes de taças de marmore, tecelões, tintureiros, padeiros, forneiros, peleeiros, cortadores de le nha, alparcateiros, sacerdotes do culto, chefes, guerreiros, calligrafos e lapidarios, etc.»

E como se descobriu tudo isto, a milhares de annos da nossa data?

As cavernas abriram os seus antros, os dolmens os seus seios, os cistos as suas entranhas, as alagoas os seus abismos, e a terra, exposta á vista dos que teem olhos, os seus fructos de pedra. E todos estes collaboradores prestaram ao homem o seu valioso auxilio, quando o homem ordenou ás cavernas, aos dolmens, aos cistos e ás alagoas que o auxiliassem e lhe descobrissem os seus mais intimos segredos.

Como, porem, nem em toda a parte se tem cuidadosamente tratado de colleccionar aquelles segredos, nem ainda prestado a ouvil-os, por isso ainda não se sabe tudo o que se podia saber. No Algarve, Estacio da Veiga confessa ter feito pouco porque o não auctorizaram a fazer mais, e nesse pouco ficamos desde 1891, data do vol. 4.º da sua obra monumental sobre Paleoethnologia do Algarve.

CAPITULO IV

Idade dos metaes

Parece demonstrado que ao grande periodo neolithico ou da pedra polida se succedeu a edade do cobre, não obstante opiniões contrarias que sustentam seguir-se immediatamente a edade do bronze.

São questões estas estranhas ao nosso assunto, pois não estamos escrevendo um livro de paleontologia, e simplesmente uma monografia de apenas uma freguezia do concelho de Silves. Não obstante, como se pretende argumentar contra a immediata edade de cobre com difficuldades sonhadas, sempre diremos que nos não causa pasmo de que esses adestrados obreiros que souberam procurar o silex, a calcidonia, o quartzo opaco e cristalino, a obsidiana, o grés, os schistos, as diorites, etc., para a fabricação dos seus instrumentos de trabalho e armas de guerra, escavando poços e galerias; que colligiam o cinabrio, a limonite, a hematite vermelha, para com estes mineraes prepararem as diversas tintas das suas tatuagens, e a pintura, tanto de varias armas como de alguns ornatos; e que finalmente conheciam uns certos nodulos de ferro, de que se serviam para produzir o ferro, tivessem descoberto o cobre, e principalmente numa região em que este me-

tal abundava. Por esta fórma argumenta o nosso benemerito algarvio, Estacio da Veiga, trazendo em seu auxilio as suas descobertas nesta provincia, onde elle sempre encontrou os monumentos de pedra polida associados com o cobre.

Ora não obstante na freguezia do Algôs não existir minas exploradas de cobre, é certo que ella entesta com as freguezias de Paderne, Alte e Querença, onde abundam essas minas, já exploradas na edade que marca a transição do periodo neolithico para o dos metaes.

A caverna do Guiné, evidentemente sede das civilizações paleolithica e neolithica, como a lagoa do Navarro e o menhir do Penedo Gordo, distam apenas alguns quilometros de Paderne, Alte e Querença, onde, como vamos provar, existia o cobre, chamando para aqui alguns periodos do importante livro do benemerito Estacio da Veiga.

«Em 1872 Costa Sequeira, distinto engenheiro de minas reconheceu ao poente d'Alte 3 quilometros, no serro do Picalto, uma mina de cobre, e nella notou o mesmo engenheiro uma corta antiga, donde partiam varias excavações, e que todos os trabalhos antigos estavam entulhados, que provam ter ali havido fundição de minerio. Nessas excavações foram encontradas cunhas de cobre e nas immediações do Picalto teem apparecido muitos instrumentos de pedra.»

«Na mina da Atalaia d'Alte foram encontradas as mesmas cunhas e machados de cobre associados com os instrumentos de pedra polida.»

«Na mina de cobre da Vendinha do Esteval, na freguezia de Querença, foi reconhecida pelo engenheiro Ferreira Braga a existencia de restos de trabalhos de lavra de cobre ; e nas vizinhanças encontrou *cunhas de cobre* e machados de pedra polida.»

«Em 1875 o mesmo engenheiro Costa Sequeira reconheceu no monte do Valle de Pegas uma mina, e nella machados de cobre e de pedra, podendo-se portanto affirmar que em todos estes trabalhos andou gente que usava armas de pedra e de cobre.»

«No sitio da Tôr ou Athôr, freguezia de Querença, a entestar com as freguezias de Alte e Paderne, Manuel da Cruz Santiago abriu uma mina de 25 palmos

de fundo, com tres betas juntas de differentes ramos: uma de cobre, outra de ferro e outra de *pedra da cevar.*»

De tudo isto devemos concluir que ainda nos tempos neolithicos se trabalhou nas minas de cobre, sendo estas talvez descobertas, quando o homem de então tratasse de procurar schistos ou silices para a fabricação dos seus instrumentos de trabalho e de defeza.

Temos pois que a freguezia do Algôs foi sede das tres civilisações: paleolithica, neolithica e dos metaes.

De onde vieram esses homens primitivos?

Varias são as opiniões dos sabios. Intendemos que, para não darmos foros de seriedade ás theorias dos escritores imprudentes, e não preferirmos a religião dos que sustentam descender o homem do macaco, devemos preferir a licção da Biblia, fazendo descender a humanidade de um só par; e por isso appellamos para as antigas emigrações das gentes da Asia para a nossa peninsula. E estas emigrações continuaram mais tarde e já quasi nos tempos historicos, como se vê da historia dos Phenicios, Cartagineses e Romanos.

Com que nome são esses homens conhecidos?

São tantos quantos os historiadores que se occupam de tal assunto. Hoje mesmo, apezar de tantos emprehendimentos realizados por tantos sabios, fluctua a duvida, porque não ha absolutamente nenhuma certeza.

O auctor da *Monarquia Lusitana*, que confundiu muitas cousas verdadeiras com outras mentirosas, fundado na auctoridade de Josepho, Xenophonte, Laymundo, Martim de Liciana, Florião de Campo, e outros muitos escritores antigos, narra no 1.º vol. da sua obra, que 145 annos depois do diluvio desembarcára um filho de Japhet, por tanto neto de Noé, com as suas gentes, em terras de Portugal e edificára Setubal, povoando-a, e depois subindo mais alto fôra dar a outros logares que egualmente povoára; e que tendo-lhe nascido um filho a quem dera o nome de Ibero, fôra, por esse facto, chamada Iberia todo este paiz. Diz ainda o mesmo auctor que poucos tempos depois tornaram a desembarcar em terras da Iberia muitas gentes.

João Baptista da Silva Lopes na sua *Corografia do Reino do Algarve*, referindo-se aos antigos povoadores desta provincia, diz:

«Os antigos escritores gregos e romanos fazem menção de varios povos que habitavam esta região. São mais notaveis os Turdetanos, os Cuneus, Cinetas ou Cinescos, e os Celtas. Dos Turdetanos se lembra especialmente Ptolomeu, collocando-os em todo o territorio desde a foz do Ana (Guadiana) até o Promontorio Sacro. Festo Avicena põe entre um e outro extremo os Cuneus ou Cinetas; e Herodoto, a quem segue Estrabão, põe os Celtas vizinhos dos Cinescos. Sem embargo dos costumes, linguas e ritos de tão diversos povos que se introduziram no paiz, conservou este o nome primitivo da sua origem — *Turditanea.*

Escreve Abrah. Ortel: *Turditani Ptolomeo populi sunt, ubi hodie Algarbiae regnum est, pars regni Portugaliae. Videntur á Pomponio Turdoli veteres vocari.*»

«A fertilidade do solo d'aquelle paiz, a cultura e industria dos seus habitantes, a feliz temperatura do seu clima, a sua posição geografica, a multiplicidade de portos, a abundancia de fructos, gados e pescarias, convidaram successivamente os Fenicios, os Tyrios, os Carthagineses, os Gregos e Romanos, e logo depois os Godos e Arabes, a vir procurar e frequentar suas costas, e a apossar-se d'ellas e fazerem ali estabelecimentos e fundações.»

«Com a communicação destes estrangeiros adquiriram os habitantes uteis conhecimentos. O trigo, vinho, mel, cera, azeite e sal sobresaiam em bondade e particular gosto. E' Strabão que assim affirma: *Exportatur á Turditania multum frumenti, ex vini, oleumque non multum modo, sed optimum, Praeterea cera, mel, pix, coccus et minium sinopica terra non deterius..........*

«Tão avantajados nas artes do gosto e interesse naquellas eras juntavam á reputação de instruidos o valôr militar, no qual eram tidos pelas outras gentes como os mais valentes soldados, e a nação mais guerreira entre os Hespanhoes. Assim o affirma Deodoro Siculo: «*Inter Iberos fortissimi sunt qui Turditani appellantur.* Usavam de musicas e instrumentos em seus esquadrões, quando pelejavam, ideando e compondo canticos triumphaes a seus capitães.» *In bello ad numeram incedunt, paenes canunt, quando hostes aggredientur. Peculiare quippam Iberis, et maxime Lusitanis, in usu est.*»

Que relações de parentesco, porém, ha entre estes Turdulos e os primitivos povos que habitaram a nossa provincia ?

Alem de antigas emigrações, fala-nos o illustre auctor do livro *Phenicios e Carthaginezes* de uma grande emigração *turiana*, vinda da Asia ; raça turiana esta donde procederam os egipcios, pelasgos, iberos, tartessos, ligurios, libyos, siculos, sardos, etruscos, venetos, oestrymnicos, albiões, scandinavos, palé-americanos, povos todos estes pertencentes a uma e a mesma raça, cuja invasão na Europa precedeu a ariana.

Depois desta emigração o mesmo illustrado escritor fala de outra, pela seguinte forma :

«Aos emigrantes turianos ou turanianos, que sairam do centro da Asia, proximo ao Turan, invadindo a parte septentrional e occidental da Asia, estendendo-se pelas faldas do Caucaso até ao Danubio e d'ali para o rio Pó, envolvendo no seu movimento as terras lemitrofes do Mar Negro, seguindo pelas praias do Egeu ao Nilo, as regiões da Libia, ás ilhas do Mediterraneo e á Iberia, succederam-se as emigrações semitas, que, por terra, nunca passaram da periferia, que vae dos valles do Tigre e Euphrates até ás praias do Egeu, aos desertos da Arabia e ás vizinhanças do Nilo. Aproximaram-se os semitas, pouco a pouco, do litural do Mediterraneo, e na Cananea juntaram se ás colonias turanianas ali já existentes e desta fuzão ethnica procederam os phenicios.»

E' claro que a historia destas emigrações como das anteriores não é questão *historicamente* certa e isto pela simples circunstancia de que não póde haver historia nos tempos prehistoricos.

O que se nota entre alguns sabios é que estes admittem ou não admittem as emigrações. Alguns ha que negam por completo as primitivas emigrações, fingindo acreditar que nos primitivos tempos, os homens saltavam da terra, armados e prontos, como Minerva da coxa de Jupiter. E a tão grande auge chegou a *invenção humana* que sob os nossos olhos temos um livro onde encontramos opiniões de sabios que não creem nas emigrações vindas da Asia, sustentando que as emigrações primitivas se deram sim, mas da Europa para a Asia !

Por todas estas razões não podemos dar opinião segura de quem descendem os turdetanos ou turdulos, embora, por sua vez, nossos ancestres.

O que podemos, porem, é reivindicar para os turdulos ou turdetanos uma gloria que os Fenicios reivindicaram para si, ou antes, que os velhos classicos da antiguidade grega e romana reivindicaram para os Fenicios, sem razão. Proclamaram os antigos escritores que a invenção do alfabeto era devida aos Fenicios, bem como a estes pertencia a honra de terem sido os primeiros que ousaram atravessar os mares e rios em embarcações. Os estudos modernos, paleontologicos e arqueologicos, demonstraram exhuberantemente que não foram os Fenicios os inventores do alfabeto nem os primeiros marinheiros. Antes que os Fenicios nascessem do cruzamento da raça turaniana e semita já os indigenas da nossa peninsula tinham o seu alfabeto e atravessavam os mares do norte até á Irlanda. Estacio da Veiga demonstra com tanta felicidade estes dois factos, em vista dos estudos feitos por Gongora na *Cueva de los Murciëlagos*, e dos seus proprios estudos em Bensafrim, que victoriosamente assenta que foram os habitantes da nossa peninsula, que inventaram o alfabeto e fizeram as primeiras travessias pelos mares em troncos de arvores. Em vista dos documentos encontrados no interior da terra, conclue um arqueologo:

«Tendo enfim arqueologicamente demonstrado que nenhum documento grafico ou ideografico póde aproximar-se da immensa antiguidade de que datam as mais remotas manifestações epigraficas da peninsula luso-hispanica; que a navegação entre as nações do Mediterraneo já era exercida na ultima edade da pedra, e que os alfabetos das Gallias, da Etruria, da Grecia e o dos Fenicios mais antigos, são na sua maioria compostos de caracteres, uns identicos e outros semelhantes aos que existem gravados nos mais antigos monumentos epigraficos desta peninsula: manda a natural boa razão, simplesmente auxiliada pela logica, que todos esses alfabetos e quantos mais existam, total ou parcialmente formados de taes caracteres, sejam considerados como directa ou indirectamente derivados do primitivo sistema grafico peninsular, mui sufficientemente exem-

plificado pelo monumento ceramico manifestado na celebre estação neolithica do termo de Ubuñol sobre o plano mais baixo da celebre caverna, que os naturaes d'aquella região granadina denominam: *Cueva de los murcielagos*».

«Estando por este modo demonstrada a estação de mais remota antiguidade epigrafica em pleno periodo neolithico; conhecida a forma dos caracteres gravados nos monumentos peninsulares mais antigos, como ordinalmente se devem conhecer em razão da determinação scientifica das edades das estações a que pertencem; sabendo-se que o documento grafico mais antigo, de que se diz terem os phenicios deduzido o alfabeto que rege todo o grupo denominado semitico, pertence á epoca da 18.ª e 19.ª dinastias egipciacas, como propoz o sr. Lenormant, isto é, a uma faze já meio adiantada da primeira edade de ferro no Egipto, na Grecia, e geralmente nas outras nações do Mediterraneo; observando-se, finalmente, que a grande maioria dos caracteres graficos dos chamados alfabetos fenicianos se acha nos monumentos peninsulares de maior antiguidade, excepto simplesmente alguns dos que cada idioma teve de adaptar ás exigencias do seu fonetismo particular; segue-se que todos os referidos alfabetos foram originariamente derivados do mais antigo sistema grafico peninsular, incluindo as variantes que representa nos seus diversos grupos geograficos, e que o proprio sistema cuneiforme abrange muitos simbolos, que, apezar da sua feição especial, mostram não ter tido outra origem».

Por virtude do que fica exposto julgamos ser tempo de obliterar por completo essas falsas tradicções ou puras lendas, que atribuiam aos Fenicios honras e glorias, que nunca lhes pertenceram e dar por certo que os turdulos ou turdetanos (iberos) foram os inventores do alfabeto e os que primeiro devassaram os seios dos mares com as suas embarcações encavadas nos troncos das arvores.

§ 1.º

Exploração cuprifera

Estacio da Veiga no seu precioso livro, mais de uma vez aqui citado, diz: «observa-se que o terreno occupado pelas freguezias do Algôs, Alcantarilha, Pera e Albufeira teria revelado exparsos vestigios de cobre se tivesse sido explorado em conformidade do programma de trabalhos, tantas vezes alterado pelos prazos fataes que me eram impostos».

Effectivamente no sitio das Ferrarias, a norte da povoação do Algôs, distante uns dois a tres quilometros, encontram se escorias cupriferas, pedras de uma côr escura e acinzentada, que bem caracterizam a existencia de exploração cuprifera naquella região.

Proximo do predio do falecido lavrador Francisco Mendes vimos essas escorias exparsas.

O proprio nome do sitio está a significar alguma cousa nesse sentido, pois tanto na Hespanha como em Portugal, as *Ferrarias* significam sempre essas explorações cupriferas.

Na *Carta Prehistorica* inserta no 1.º vol. das *Antiguidades Monumentaes do Algarve* e sob o titulo *Fundições antigas* lemos os nomes de dois sitios: *Serro das Ferrarias* em Martim Longo: *Monte das Ferrarias* em

Alcoutim, onde egualmente foram encontradas pelo benemerito Estacio da Veiga escorias metallicas; e se o eminente escritor se não refere ás *Ferrarias* do Algôs, é porque, segundo uma sua observação, elle omittiu muitos logares com provas de fundição antiga, por não terem sido observados; ora Estacio da Veiga não chegou a observar o nosso sitio das *Ferrarias*.

TEMPOS HISTORICOS

CAPITULO V

Reminiscencias historicas

Embora entrados no periodo historico, não serão os monumentos escritos, que nos guiarão neste trabalho. O periodo historico não tem para os diversos povos o mesmo anno ou a mesma epoca do seu começo. Ha povos, que para elles o começo da sua historia é muito moderno. Para o nosso intuito começaremos com a entrada dos romanos na nossa peninsula a historia da freguezia do Algôs; e ainda assim é ella tão omissa em documentos escritos, que, ainda mais outra vez teremos de appellar para os misterios dos terrenos da sua area, pedindo-lhes luz, que nos alumie nas nossas investigações. Portanto, verdadeiramente a historia da freguezia do Algôs começará com a historia da nossa monarquia, ou um pouco antes, pois que ainda mesmo o que nesta freguezia se passou pouco antes de proclamado rei D. Affonso Henriques anda tão envolvido em lendas, que, com verdade, não podemos affirmar onde acaba a lenda ou onde começa a historia.

Sabe-se pela historia do povo romano que ahi pelos annos 932 antes de Christo desembarcaram na peninsula iberica alguns Fenicios; sabe-se que 509 antes de

Christo um numeroso exercito carthaginés desembarcára aqui, vindo em auxilio dos seus ancestres, os Fenicios, então em guerra com os habitantes desta região: e da chegada dos Carthagineses á nossa região existem documentos, representados nas cidades que aqui construiram, entre as quaes se contam Silves, Lagos, Faro, Tavira, Loulé e outras. Sabe-se finalmente que em seguida ás luctas verdadeiramente homericas entre Roma e Carthago, os romanos, no ultimo combate ferido na nossa peninsula, em que os carthagineses ficaram completamente derrotados, deixando mortos no campo do combate vinte mil soldados e outros tantos presos com onze elephantes, e cento e trinta e trez bandeiras, se apossaram do nosso paiz e daqui expulsaram de todo os cartagineses.

Conservaram-se os romanos na nossa peninsula, quasi sempre em armas, durante muitos annos; e na freguezia do Algôs deixaram monumentos da sua existencia, entre os quaes, enterrados, os seus ossos e as suas cinzas. Para documentar esta asserção, invocaremos o testemunho dos que escreveram do Algôs.

João Baptista da Silva Lopes na sua *Corografia do Reino do Algarve*, pag. 284 (*in fine*) escreveu:

«A menos de tiro de espingarda da povoação (Algôs) está assentada sobre um serro a ermida de N. S. do Pilar com deliciosa vista, pois d'ali se descobrem sitios de 14 freguezias: a O. deste serro ha um arieiro do qual se tira a areia á força de alvião, de tal qualidade para edificios, que, misturando se em 4 alcôfas e ás vezes 5, uma só de cal, tomam as paredes tão forte consistencia que dobram as pontas dos pregos que nellas se pregam.

«Na encosta oriental do mesmo serro ha um praso chamado *Amoreira*, no qual se encontram sepulturas, alicerces, porção de cinzas, que pareciam amontoadas, e bastantes moedas de prata, parte das quaes foram levadas ao sr. arcebispo Cenaculo, por um clerigo, que as comprou, e outras ainda vendidas a um almocreve por 14$400 réis.»

O auctor do *Domingo Illustrado* escreveu, pag. 884, 2.ª col.

«Como quer que fosse, esta povoação foi outr'ora

villa muito populosa, e mesmo muito mais enriquecida de edificios de que restam numerosos vestigios. Teve grossas muralhas, mas não sabemos quando foram arrazadas.»

Quasi o mesmo escreveu o illustrado auctor do *Portugal Antigo e Moderno*.

Sabemos por averiguações emprehendidas que as moedas compradas pelo venerando bispo D. Manoel do Cenaculo, honra da egreja catholica, uma verdadeira gloria das letras patrias e amigo intimo de outro venerando prelado, o santo bispo D. Francisco Gomes, eram romanas e parece foram depositadas, por aquelle prelado, no museu de Evora, que elle creou e enriqueceu quando arcebispo-bispo d'aquella cidade.

Com relação ás sepulturas e porção de cinzas, a que o nosso benemerito algarvio, Baptista Lopes, se refere, é de suppôr as considerasse da mesma epoca romana; e dizemos *é de suppôr*, visto que nos tempos daquelle escritôr eram desconhecidas as investigações paleontologicas e nem se falava dos tres grandes periodos prehistoricos.

Effectivamente, não restam hoje indicios das antigas muralhas, mas que tivessem existido não resta duvida alguma. Mais adiante, quando nos referirmos ao dominio arabe, mencionaremos o facto de um rei de Castella, vindo correr terras de mouros e conquistar Silves, ter accomettido as muralhas da villa do Algôs.

Ora taes muralhas tinham certamente sido construcção romana, embora não communguemos da opinião de Fr. Agostinho de Santa Maria, quando, no *Santuario Mariano*, tomo 6.º, pag. 457, referindo-se ás muralhas de Paderne, tenha escrito: «Querem alguns que este castello seja obra dos Mouros. Mas eu mais me inclino o mandaria fazer ou edificar o Mestre da Ordem de Santiago D. Payo Corrêa, por que os Mouros não fizeram cousa, que merecesse nome, como barbaros destruiram as obras grandes; que por serem memorias e monumentos dos Romanos, mereciam se eternizassem». E não commungamos d'esta opinião por que está hoje demonstrado que o estado de civilização dos Mouros era muito superior ao do nosso algarvio e ainda ao do nosso paiz. O que é certo e averiguado é que o frade

agostiniano claudicou, quando tentou atribuir a D. Payo a construcção do castello de Paderne.

Deixando porém este assunto continuemos a exhibir as provas da existencia da civilização romana na freguezia do Algôs.

Dentro d'esta freguezia e a Este da sua povoação ha um sitio, denominado a *Torre*. Da nossa historia patria não consta que ali se construisse uma fortaleza.

Já atrás nos referimos a esta Torre, da qual não restam os mais leves indicios; e se essa Torre não commemora o antigo *Talayot* neolithico, significa uma construcção romana.

O mesmo diremos em relação a outro sitio proximo daquelle, denominado o *Torrejão*.

Como é sabido, nesta freguezia nenhuns estudos archeologicos teem sido iniciados, não obstante os monumentos encontrados na sua area estarem a convidar os sabios a um tal estudo.

Conservaram-se os romanos na nossa peninsula até á invasão dos barbaros do norte. O Algarve foi meza farta para toda a especie de bandidos; e todavia o povo algarvio d'elles não conservou memoria a não ser numa ou outra palavra, em que a barbaridade d'essa gente se acha caracterizada.

Povos septentrionaes, godos, visigodos, wandalos, alanos, selingos, invadiram as Gallias, onde deixaram os ostrogodos, e passaram os Perineus, invadindo e saqueando a nossa peninsula. Todos estes povos com os suevos e godos fizeram crua guerra aos romanos e expulsaram-nos. Eram aquelles povos turbulentos e indisciplinados. Em breve tempo se desavieram e logo se seguiu uma encarniçada guerra entre si, destruindo muitas povoações da Lusitania, até que Ataces, rei dos Alanos, regulou com os outros chefes barbaros a demarcação dos reinos, ficando elle com a maior parte da Lusitania e parte da provincia de Carthagena, tendo por capital Merida. Alguns dos wandalos e selingos occuparam a Betica, a que deram o nome de Wandaluzia (hoje Andaluzia) e outros, com os suevos, dividiram entre si a Galliza, ficando estes com a região que se estende desde Lisboa até ao rio Minho, fazendo Braga sua capital.

Em 585 da nossa era, Leovegildo, rei dos godos, tutor de Eburico, ultimo rei dos suevos, usurpou-lhe o trono, aclamando-se senhor dos dois reinos, e assim terminou o reinado dos suevos na Lusitania, depois de uma duração de 160 annos.

Com o tempo godos e visigodos constituiram uma só nacionalidade e permaneceram na peninsula até o anno de 711, anno em que foram desbaratados pelos arabes, recolhendo-se os vencidos nas montanhas das Asturias e da Galliza, onde fundaram pequenos reinos, que mais tarde constituiram a base da monarquia espanhola.

De todos os barbaros que invadiram a nossa peninsula foram os godos os mais aptos para a civilização. Tinham abraçado a religião christã no tempo de Constantino Magno. Restam ainda algumas das suas leis que denotam sabedoria e bons costumes.

Dos outros barbaros sómente contamos tristes memorias; assim ainda hoje possuimos a palavra *vandalismo*, que é bem caracteristica.

Com a invasão arabe ficou todo o Algarve sujeito ao seu dominio. Silves (Chelbes ou Chilbes) foi a sua capital; e toda a gente sabe quão poderosa foi esta capital, que chegou a ser dez vezes maior do que Lisboa, e a praça de guerra mais temivel e que mais deu que fazer ás armas christãs.

CAPITULO VI

O dominio arabe

Durante o dominio arabe na nossa provincia, pouco podemos relatar com referencia á freguezia do Algôs. Não encontramos documento escrito que a esta povoação se refira, o que nos faz crêr que outro nome tivesse. E' de suppôr que os habitantes do Algôs experimentassem nos primeiros annos do dominio arabe os mesmos tormentos e agruras dos mais povos das provincias do norte, motivadas pelas differenças da religião.

Certamente a povoação do Algôs era christã no momento em que foi forçada a entrar no dominio mourisco. Appellando-se para as *Memorias Eclesiasticas do Reino do Algarve*, estas nos informam que logo no primeiro seculo da Igreja aqui se plantou a semente do christianismo.

«Desde o nascimento do christianismo lançaram seus dignos apostolos na Betica e na Luzitania copiosas sementes da doutrina, capazes de produzir promptos e immediatos frutos nos corações dos habitantes destas regiões. Não é temeraria a conjectura de serem os Hespanhoes instruidos nos misterios da religião christã por S. Paulo, pois foi expressa a determinação deste apos-

tolo das gentes de querer partir e santificar com a sua presença esta parte da Europa. E' isto o que vemos da *Ep. ad Roma*, cap. XV, v. 24, ad. 28.................

«São conformes os Auctores em affirmar que Santo Hezychio, discipulo de Santo Yago foi quem primeiro pregou em Quarteira.»

Depois, por quaesquer circunstancias desconhecidas, foi Ossonoba erguida á honra de Cathedral no nosso Algarve, e segundo as citadas *Memorias* ahi se conservou a sede da egreja algarvia, durante quatro seculos, até o anno 713 ou 714, anno em que o Alfaghar caiu sob o dominio dos mouros.

Portanto a freguezia do Algôs, a exemplo de todas as desta provincia, entrou com as suas crenças para o dominio de uma nação, que professava doutrina differente.

Hoje não é desconhecido que nos primeiros annos do dominio agareno muito soffreram as egrejas nas Hespanhas, pondo ainda assim de parte os exageros dos nossos cronistas sempre incansaveis de apregoar que os dominantes eram barbaros. Tinham uma civilização mais adiantada do que a dos nossos ancestres, mas intolerantes, no principio, em materia de religião. Por isso se explica o seu procedimento primitivo.

«Não houve uma só cathedral em Hespanha que elles não destruissem, acompanhando esta selvageria de uma atroz perseguição contra os christãos — escreveu D. Rodrigo, arcebispo, *in Lib* III de *Rebus Hispanis*, cap. XXII.»

Verdade é que mais tarde modificaram de tal sorte o seu procedimento antigo que muitas vezes succedia em quanto o almoadem chamava os moslens á oração, o sino catholico chamar os christãos ao culto; e encontravam-se nas ruas, cada um ao logar onde era chamado, sem que os christãos ouvissem dos seus inimigos na crença alguma palavra desagradavel.

Perto de seis seculos dominaram os mouros no Algarve, e certamente no tempo em que elles foram expulsos, todos os filhos do Algôs professariam o mahometismo, se a luz que irradiava da sepultura de um santo no alto de um premontorio os não animasse a manter-se na fé do catholicismo.

Ainda assim quantos habitantes do Algôs crentes, por convicção, crentes, por medo, das muralhas de Silves não causariam a morte de muitos soldados de D. Sancho I ou de D. Affonso III? Quantos não se iriam prostrar na mesquita do Algôs, com a face voltada para Meca, a pedir a Mafoma o vencimento das armas agarenas contra os perros christãos?

Cremos, pois, que ainda mesmo dentro da villa do Algôs se deveriam repetir as questões resultantes do dualismo de crenças dos seus habitantes, e muito principalmente quando fosse aberta qualquer lucta entre mouros e christãos. Sabe-se pela historia e pela tradição, que em 1069 D. Fernando, o grande, rei de Castella, passou pelo Algôs, com suas forças militares, quando caiu sobre Silves, e a tomou de assalto. Este acommetimento por parte de um rei christão devia certamente animar os christãos do Algôs. Conta-se até que fôra esse rei que em resposta aos seus cabos de guerra, que amesquinhavam a importancia das nossas muralhas, dizendo que nada era, elle disséra: — *algo és*, e a estas palavras se fôra buscar o novo nome da villa — *Algoes*, *Algôs*.

Se este facto é historico, é que, proximo do rei e dos seus homens de guerra, estava algum filho da villa, christão, que da resposta se aproveitou para mais tarde, quando a villa de todo caiu sob o dominio christão, substituir o nome que a villa tinha.

Em 1189 D. Sancho, auxiliado por uma frota de cruzados, atacou com grandes forças a cidade de Silves. Chega a causar immensa admiração o estado então florescente da cidade. Escreve um dos cruzados que assistiu ao ataque o estado da cidade da seguinte forma: Em grandeza não discrepa Silves de Goslar; todavia tem muito mais casas e mansões amenissimas; é cingida de muros e fossos de tal arte que nem uma só choupana se encontra fóra dos muros e dentro d'elles havia quatro ordens de fortificações.»

Em outro logar, accrescenta: «Por quanto, Silves era muito mais forte do que Lisboa, e dez vezes mais rica e com edificios de mais valôr. Asseveravam os Portuguezes que em toda a Hespanha não havia terra mais forte, nem que mais damno fizesse aos christãos.»

Foi renhida a lucta, e empregaram-se, tanto no ataque como na defeza, todos os meios então conhecidos. Em certa occasião, nos trabalhos das minas e contraminas, encontraram-se sob a terra; e a lucta ahi foi medonha e horrivel. Finalmente foi tomada a cidade depois de um apertissimo cerco, saindo d'ella os seus moradores de ambos os sexos, em numero de 15:000.

Ainda os que maior odio e má vontade tinham aos desgraçados ficaram horrorizados, vendo-os de perto. Eis como o citado escritor escreve:

«Pela manhã foram conduzidos com mais alguma decencia para fóra da cidade, e então vimos a miseravel situação, a que estavam reduzidos: muito macilentos apenas se podiam ter em pé. Muitos andavam de gatinhas, e encostados aos nossos que os sustinham; outros estavam estirados pelas ruas, mortos ou moribundos, e por isso era insuportavel o fedôr que havia na cidade, assim de cadaveres das pessoas como dos animaes.

«Tambem sairam os christãos, que elles tinham captivos, os quaes apenas respiravam, pois havia quatro dias que não recebiam cada um mais agua do que cabia na casca de um ovo... Não amassavam pão por falta de agua... e mantinham-se de figos... As mulheres e as creanças comiam terra humida, etc.».

Tomada a cidade, D. Sancho ordenou immediatamente a sagração da mesquita, transformando-a em sé cathedral e nomeou D. Nicolau o seu primeiro bispo.

Pouco tempo se conservou a cidade no dominio português, por que um exercito arabe, commandado por eminentes chefes, novamente a retomou, e só no reinado de D. Affonso III entrou para sempre na corôa portuguesa.

D'esta vez, ainda para ser reconquistada, o valente Mestre de Santhiago teve de empregar o estratagema. Fingiu que ia atacar o castello de Estombar. Correram os soldados de Silves em auxilio d'este castello, mas D. Paio, proximo de Estombar, avançou a passos forçados sobre Silves, e ahi se pelejou fortemente.

Com a conquista definitiva da heroica cidade todas as povoações circumvizinhas facilmente se entregaram,

sendo certamente o Algôs uma d'ellas. Antes de fazer a sua descripção corografica, permitta-se-nos faça em breve resumo a sua historia até nossos dias.

Parece-nos proceder coherentemente, completando até nossos dias a historia de uma dada região da qual temos tratado desde os tempos prehistoricos.

CAPITULO VII

Um pouco de historia portuguesa

Com a conquista de Silves no tempo de D. Affonso III ficou a freguezia do Algôs incorporada na corôa portuguesa. Seguiu por tanto os destinos da provincia algarvia e a acompanhou sempre nas suas vicissitudes de entorpecimento, e de ventura.

E' de suppôr que no reinado de D. Fernando fosse a villa do Algôs assaz importante. Todos os que escreveram a seu respeito se referem a essa grande importancia, affirmando que fôra grande villa, muito mais extensa para nascente do que na actualidade; affirmam tambem que aqui fundaram uns fidalgos hespanhoes, que tinham seguido D. Fernando nas guerras contra Castella, o seu solar. Esta affirmação sustentada pelo respeitavel auctor do *Portugal Antigo e Moderno*, e transcripta pelos que escreveram posteriormente acerca d'esta especie de assuntos, tem para nós todos os caracteristicos de verdadeira. No *Portugal Antigo e Moderno* não se fazia uma affirmação d'esta ordem, se o seu auctor não visse documento serio que a tanto o auctorizasse. Estes fidalgos pertenciam á nobre raça gallaica dos Tenreiros, e foi D. Guarcia Tenreiro que aqui estabeleceu o seu solar. Certamente n'esse tempo era

o Algôs villa importante, aliás não seria escolhida pelo fidalgo hespanhol.

Sempre obedientes e respeitosos ás determinações dos seus superiores, os habitantes do Algôs acompanharam a sua provincia nas grandes emprezas dos nossos monarcas. Viram elles com lagrimas nos olhos alguns dos seus filhos beijar o chão da morte nos areiaes de Alcacer-Kibir quando um rei moço e inexperiente, levado de extrema vaidade em egualar os seus maiores, os arrastou para os plainos da Africa; mas, não obstante serem previstos esses horriveis desastres, obedeceram, consentindo que esses filhos dessem o nome nos registros de matricula abertos em Lagos, quando el-rei D. Sebastião ali foi embarcar.

Invadido Portugal pelos hespanhoes em 1580, pois que sómente invasão se póde chamar á entrada por força d'armas dos reis Philippes, o Algôs sujeitou-se como toda a provincia e todo o reino ao dominio castelhano, mas a prova da má vontade com que obedeceu está nas festas que celebrou quando teve conhecimento da feliz revolução do 1.º de dezembro de 1640.

A esse tempo já o Algôs tinha decaido muito da sua primitiva grandeza. O Algôs viu então a sua agricultura entorpecida, e definhada a sua industria. Felizmente n'essa occasião sentiu que as algemas hespanholas, que lhe arroxeavam os pulsos, lhe tinham caido ao grito de: Viva D. João IV!

Proclamada pois a nossa independencia e entoados os hymnos ao Deus das Victorias, a breve trecho novos males se succederam: quinze annos depois de ser concedida por D. Pedro II uma provisão ou alvará, confirmando o *monte-pio* fundado pelo benemerito Thomé Rodrigues Pincho, filho do Algôs, um violento tremôr de terra, em 6 de março de 1719, causou grave damno no Algarve. Trez annos depois, em 27 de dezembro de 1722, outro tremôr, mais terrivel nos seus effeitos, desmorona muitos predios da sua povoação; e no 1.º de dezembro de 1755 outro tremôr de terra, muito mais horroroso do que o antecedente, faz vestir de lucto quasi todo o povo e freguezia! As doenças que se seguiram áquelle enorme cataclismo vieram agravar mais

aquelle povo, roubando ás familias muitos dos seus membros.

Este ultimo tremôr de terra, como dissemos, succedeu em 1 de dezembro de 1555. N'este dia costumam as creanças andar em magotes, de casa em casa das pessoas suas conhecidas, principalmente parentes, a pedir os *bolinhos*, que são pequenas offertas de amendoas, castanhas, nozes, figos, etc. e n'esse dia nossa bisavó, do Benagaia, freguezia de Pera, então creança, andava com umas suas amigas, da mesma idade, a pedir tambem os *bolinhos*. Dirigindo-se para um sitio proximo, viram, pasmados, que os passarinhos voejavam em redor de umas arvores a pipilar, como medrosos, e as arvores a bailar.

— Olhem aquellas arvores a bailar! — observou uma das crianças.

Mal pensavam que iam encontrar os predios dos seus parentes em ruinas, servindo de tumulo aos seus moradores e que na volta ás suas casas as não encontrariam, servindo egualmente do tumulo dos seus paes!

Passaram-se annos, até que veiu a invasão franceza, acompanhada dos horrores inherentes a todas as invasões; e ainda mal refeitos dos seus estragos, os habitantes do Algôs viram se a braços com a guerra civil.

«Com enthusiasmo — escreve um algarvio — abraçaram os algarvios a liberdade proclamada no Porto em agosto de 1820; deram-se com prazer a gostar dos bens, que d'ella bem arreigada podiam esperar, contando á sua sombra ser aliviados dos males que os oprimiam; e amargurados ouviram a sua queda em 1823, sendo muitos perseguidos e alguns presos. Posto que em outubro de 1826 apontasse o germen da usurpação, deve esse labeu ser antes imputado a sordidos manejos urdidos por mãos occultas... Frustrados os esforços dos verdadeiros liberaes, tiveram estes de succumbir; e mais de mil habitantes do Algarve foram encerrados em lobregas masmorras...»

Semelhantemente os que no Algôs esperavam anciosos que a liberdade vencesse, mas receiosos de que mais uma vez ella tivesse de se amortalhar nas suas bandeiras, vendo que lavrava fundo no coração dos seus adversarios a vindicta cobarde, tiveram de se homiziar,

uns recolhendo aos pontos fortificados, outros occultando-se ás vistas dos seus perseguidores. Duas familias importantes d'esta povoação se tinham dado as mãos pela santa causa da liberdade, e os membros validos de ambas se viram forçados a deixar os seus lares. Os filhos do povo, que até esse momento nunca tinham esquecido o respeito devido a essas duas familias, animados pelas predicas de uns falsos apostolos da santa religião do christianismo, esqueceram de pronto esses sentimentos de respeito e começaram a levantar o colo contra as proprias senhoras d'essas familias.

Parece que o desembarque da divisão expedicionaria, commandada pelo duque da Terceira perto de Cacella, em 24 de junho de 1833, mais acirrou os animos dos legitimistas, porque, a seguir, bandos de malvados, capitaneados por homens obscuros, derramavam por toda a parte a morte, o roubo, os estragos.

O coronel Diogo João Mascarenhas do Algôs retirou-se para Silves, não conseguindo que sua esposa o acompanhasse, confiada em que não lhe faltassem ao respeito, ficando apenas com dois filhos bem creanças. A familia Gonçalves, ligada já então á familia Marreiros, resolveu acolher-se ao castello de Albufeira, Já a esse tempo o castello não pôde acolher a todos, tendo de voltar para o Algôs as senhoras d'aquella familia.

Em uma noite entraram os guerrilhas, vindos de Messines, no Algôs e roubaram o que encontraram. Entraram no predio nobre da familia Mascarenhas, e mesmo na presença da esposa do coronel Diogo João, saquearam tudo, terminando por arrancar portas e janellas e por abrir as torneiras ás pipas de vinho e azeite. Ao sair de casa, vendo em um dos dedos da dona da casa um annel de ouro, lh'o arrancariam á força se a senhora lh'o não entregasse.

Não fôram felizes os filhos do Algôs que se recolheram ao castello de Albufeira.

Entrados os guerrilhas n'aquellas villas e fortificados os amigos da liberdade no castello, ainda estes por algum tempo sustentaram o fogo, mas faltando-lhes munições de boca e de guerra, offereceram a capitulação que os proprios guerrilhas acceitaram.

Cá fóra e desarmados, em breve conheceram que tinham sido illudidos, porque os guerrilhas sob um falso pretexto, não duvidaram espingardear em 27 de julho de 1833 74 pessoas, que do castello tinham saido, confiadas na seriedade de uma capitulação.

A esta epoca de carnificina seguiu-se outra.... de vergonhas: as chamadas reações. Nada ha que mais vergonhoso seja do que o queixoso transformar-se em juiz da propria vingança. A vingança no vencedor é uma infame cobardia. Não devemos nunca vingar-nos — diz um escritor — porque se o nosso adversario é poderoso, será imprudencia ou loucura, se desgraçado, será baixeza ou crueldade.

Depois dessas terriveis luctas civis, agravadas com a *colera morbus*, que no Algôs fez innumeras victimas, no mesmo anno de 1833, e em cujo numero entrou nosso avô — João Xavier de Athaide — entrou a freguezia do Algôs num periodo de socego, e então reconheceu que não podendo já atingir a sua primitiva importancia, pelo lado das edificações materiaes, poderia ainda assim tornar se conhecida pelas suas edificações moraes, e então pensou em sacrificar-se pela educação dos seus filhos. E o que desejou, conseguiu, afóra a parte que nos possa pertencer nessa gloria, por que nos honrâmos de ser filho de um pequeno lavrador do Algôs.

De ha uns cincoenta annos a esta parte têem saido do Algôs quatro bachareis formados em direito, um em theologia e outro em medicina; seis dignissimos ecclesiasticos, alguns dos quaes paroquiam freguezias importantes desta diocese; quatro officiaes do nosso exercito, um falecido ha bem pouco tempo, o major João Xavier de Athaíde Oliveira, irmão querido de quem escreve estas linhas; e finalmente muitos e dignos professores de instrucção primaria de ambos os sexos, que lá foram honram a sua patria querida; e um major de veterinarios (reformado).

Parece-nos que outras terras do concelho de Silves e muitas villas do Algarve não pódem exigir mais desta bonita povoação, offerecendo-lhe o seu proprio exemplo. Não é verdade?

E eis explicada a razão porque o povo do Algôs não tem acompanhado o progresso dos grandes centros em

materia de construcções. Tendo os seus filhos de desempenhar funcções inherentes ás suas habilitações legaes em terras extranhas, nestas fôram forçados a estabelecer as suas residencias. E' esta a razão.

Vamos, nos seguintes capitulos, fazer a discrição corografica do povo e freguezia do Algôs. E' já tempo. Devemos porém prevenir toda e qualquer suspeição, declarando que nenhuma apreciação elogiosa ácerca do Algôs ou da sua freguezia será aqui feita sem a sua prova comprovativa. Sômos muito amigo da nossa terra natal ; toda a povoação do Algôs considerâmos e estimâmos como se fizesse parte da nossa propria familia ; os seus ares, o seu clima, os seus montes e os seus sitios, o proprio sol e o seu templo, têem para nós uma significação misteriosa e seductora, que nos encanta e nos extrae.

E' que tudo constitue o ambiente dos nossos tempos de meninice, que, ao mesmo tempo que nos vamos adiantando em annos, se vão mais e mais fotografando na nossa memoria. E' que a memoria é o deposito das santas recordações da nossa meninice e infancia. Podenos a memoria falhar em relação aos factos recentes, raras vezes nos será ingrata quando tentemos relembrar factos que comnosco se passaram em criança.

Apezar porém de todo o nosso amor pela nossa terra e por todo o seu ambiente, nem uma só vez nos esqueceremos de que a nossa qualidade de investigador nos obriga a ser sério e circumspecto.

Acima de tudo está a verdade núa e simples, porque esta vale sempre mais do que a mentira, embora ornada das mais bellas flôres e vestida dos mais finos tecidos.

ACTUALIDADE

CAPITULO VIII

§ 1.º

Situação do povo e freguezia do Algôs

SENDO dois os sistemas de dividir a area de toda a provincia, um em duas partes distintas, fundado em terrenos cultivados e não cultivados, *algarve* e *serra;* e o outro, mais natural e racional, fundado, por assim dizer, na qualidade dos terrenos, em tres partes, *beiramar*, *barrocal* e *serra*, adotaremos este segundo sistema, informando que a freguezia do Algôs se acha situada na parte barrocal da provincia, e confronta do nascente com as freguezias de Paderne e Albufeira, do norte com a freguezia de S. Bartholomeu de Messines, do poente com a freguezia d'Alcantarilha e do sul com as freguezias da Guia e Pera.

A sua situação politica desde remotas epocas tem sido pertencer ao concelho e comarca de Silves, de cuja sede dista 12 quilometros, 35 de Faro, ficando situada a 240 quilometros ao sul de Lisboa.

§ 2.º

Hidrografia e Hidrologia

Junto da povoação, corre, vindo do nascente, uma ribeira, que, proximo de S. Lourenço dos Palmeiraes, se une á ribeira, chamada do Barranco Longo, que vem do noroeste, cortando a estrada do Algôs para S. Bartholomeu e Silves e atravessando grande parte d'aquella freguezia e do Algôs. Reunidas as duas ribeiras no logar indicado, vão depois incorporar-se com a ribeira da Enxurrada, e todas as suas aguas passam debaixo da ponte de Alcantarilha e se dirigem para o mar.

E' a freguezia do Algôs abundante de agua, um pouco calcaria. Dentro da sua area existem muitos poços e noras, que regam importantes hortas e pomares, cujos fructos são deliciosos.

Dentro da povoação e a menos de cincoenta metros de distancia existem sete noras abundantes d'agua, que rega outras tantas hortas dentro da povoação. Alem d'estas tem na freguezia oito hortas mais, no Poço Velho, no Poço das Vaccas, no Poço dos Bois, mais duas no mesmo sitio, nas Taipas, no Poço da Figueira, outra ainda no mesmo sitio, e ainda outra no já referido sitio das Taipas.

Tem mais sete poços, tres publicos e quatro pertencentes a particulares, no povo; e oito na freguezia, nos

sitios do Poço das Vaccas, Poço dos Bois, Poço do Mogo, Poço dos Amendoaes, e ainda outro no mesmo sitio, Poço da Figueira, Poço do Valle de Silves, cuja agua é excellente, e outro no sitio dos Alvaledes.

§ 3.º

Clima

Situada na quinta zona, que tem por limite ao sul o oceano atlantico, gosa esta freguezia de um clima temperado e ameno. Por isso aqui se dá perfeitamente a oliveira, que, na classificação de Gasparim, constitue o caracteristico das regiões temperadas, embora, em dados periodos do anno, um pouco *quente*. Dão-se perfeitamente nesta freguezia a vinha, a figueira, a amendoeira, a alfarrobeira, todas as arvores de fructo, e bem assim a palma rasteira, originaria da Africa, mas completamente aclimada, os cereaes e legumes, a batata, o mendobi e outros vegetaes exoticos.

A fertilidade desta freguezia, resultante do seu clima e da natureza privilegiada dos seus terrenos, tem sido sempre apontada pelos que se teem encarregado de escrever ácerca da região algarvia.

Desta freguezia informa Silva Lopes amadurecer a uva muito cedo, de sorte que no fim de agosto está concluida a vindima. O facto, que ainda assim só é verdadeiro, comparados os terrenos desta freguezia com as freguezias a oeste da provincia, é consequencia da sua posição especial ao nascente.

§ 4.º

População

Pouca ou nenhuma confiança nos merecem as estatisticas da população de um dado concelho ou de uma certa circunscrição, principalmente se essas estatisticas forem organizadas como as de Loulé. E como não suppomos que o concelho de Loulé gose do privilegio de organizar estatisticas por seu sistema, todas as que lemos não nos merecem confiança alguma. Todavia para que nos não acoimem de excentricos em um assunto, que tanto interesse publico está despertando, aliás em outros paizes mais civilizados, diremos que a estatistica publicada em 1732 acusava a existencia de 276 fogos na freguezia do Algôs. Em 1837 ainda a estatistica affirmava ter o Algôs 366 fogos; em 1873, 605 fogos, sendo 1171 individuos do sexo masculino e 1129 do sexo feminino; e em 1900, vinte e sete annos depois, a estatistica accusa existir na freguezia do Algôs, 1322 individuos do sexo masculino, e 1375 do feminino. Em 27 annos a população do Algôs augmentou em 327 individuos.

Actualmente, até á data em que estamos escrevendo este artigo — 3 de fevereiro de 1905 — a freguezia do Algôs conta 790 fogos, representados por 2356 habitantes, sendo 1424 do sexo masculino, e 1432 do sexo feminino. — Um augmento de 341 individuos em pouco mais de quatro annos!...

§ 5.º

Vias de communicação

Começou em agosto de 1849, em Portugal, a construcção de estradas empedradas, ou, a mac-adam. A camara municipal de Silves desejou seguir as outras camaras do distrito no afan de fazer as suas estradas concelhias por aquelle sistema, e não se descuidou. Da sede d'esta povoação saem as seguintes estradas: uma para a estação do caminho de ferro das Ferreiras; outra para a Guia, e outra para Pera e Alcantarilha, entrando as tres estradas na grande estrada do litoral do Algarve. Tem mais a estrada para S. Bartholomeu de Messines e a estrada para Silves.

Ultimamente estabeleceu-se n'esta povoação uma estação do caminho de ferro de Tunes para Portimão, ficando assim esta freguezia em communicação diaria com a sede do distrito e com a capital do reino.

Dentro da freguezia do Algôs, estão situadas duas estações importantes da via ferrea, Tunes e Algôs, e dois apeadeiros, Alvaledes e Monte do Sobrado.

§ 6.º

Flora

Tendo já informado que a freguezia do Algôs está toda assente em pleno barrocal, portanto no coração do Algarve, onde é mais rico e pujante o reino vegetal, basta agora que informemos em relação a outras especies da nossa flora algarvia, e por tanto algosense.

A flora do Algarve comprehende quasi todas as especies dos paizes temperados e grande numero de especies exoticas provenientes de todas as partes do mundo. Esta observação feita pelo sr. Gerardo A. Pery é egualmente aplicavel á flora da freguezia do Algôs. Entre as arvores fructiferas, já apontadas e indicadas, quando tratamos do seu clima, encontram-se n'esta freguezia o pecegueiro, a macieira, a cerejeira, gingeira, amoreira, etc , das quaes ha grande numero de especies.

Além d'aquellas especies temos outras muito valorisadas, embora mal apreciadas pelo nosso trabalhador e lavrador : temos o sumagre e o opio resultante da papôila ; a grã do carrasco e do carapeto, a açafrôa, o lirio, a urzela, o tornesol; tem em abundancia o almeirão, a avenca, os poejos, o malvaisco, a mostarda e muitas outras especies classificadas entre as plantas medicinaes ; e finalmente, entre as plantas aromaticas, possue a alfazema, o alecrim, o rosmaninho, a salva,

a losna, o tomilho, etc. de que se podiam extrair os oleos e essencias, que os estrangeiros nos impingem por altos preços, se o nosso filho do Algôs fôsse mais cuidadoso. As folhas do pilriteiro ou o pinheiro alvar, de casca verde, de que Mr. Bourdin d'Avesnes fez a experiencia de aplicar em substituição do chá da India, logo reduzida a pratica por um inglez que obteve a patente de privilegio para o preparo da folha do pilriteiro para o chá, abundam n'esta freguezia, que, pelo facto de occupar o centro do Algarve, é de todas as freguezias a mais rica em plantas.

Nas hortas da freguezia do Algôs dão-se á maravilha as hortaliças, couves, agriões, espinafres, o nabo, rabano, a cenoura, a salsa, o coentro, a alface, com todas as suas variedades Emfim de todas as freguezias do concelho é uma das mais ricas em fructos dos pomares.

§ 7.º

Fauna

A fauna d'esta freguezia é constituida pelas especies de animaes domesticos communs á provincia, pelos mamiferos (quadrupedes) proprios da região, pela maior parte de especies de aves, e por um determinado numero de especies de reptis, insectos e molluscos.

Entre os mamiferos que propriamente constituem, para os effeitos juridicos, a *pecuaria*, encontram-se o gado cavallar, o muar, o asinino, o bovino (sendo esta raça muito apta para o trabalho e para a engorda), o ovino, caprino e suino.

Tem, dos outros mamiferos, o furão, o coelho, duas especies de lebres, o ouriço, a toupeira, o musaranho e o rato. Felizmente de ha muito tempo não apparece aqui o lobo, sendo rara a rapôza. Nalguns logares humidos, proximos das ribeiras, ainda se encontra a lontra; é muito raro o texugo ; apparece por vezes a doninha e o gineto; e tambem no Serro das Pedras, um dos sitios desta freguezia, apparece o gato bravo, ou gato cerval.

Não possuimos estatistica alguma que nos forneça informações seguras do movimento pecuario d'esta freguezia ; poderemos todavia emittir um calculo relativo ás suas differentes especies.

Encontram-se raros individuos de raça cavallar, e embora, como os mestres affirmam sentados á mesa dos seus gabinetes, seja mais proprio do sul o tipo *betico-lusitano*, é certo que a raça cavallar pequena e rija, que aqui existe, pertence ao tipo *gallizіano*. Naturalmente é preferido este tipo porque se presta ao trabalho e não serve sómente para cavallaria.

E' mais abundante o gado muar, aqui empregado tambem nos serviços da lavoura. Este animal possue qualidades apreciaveis de trabalho.

O gado asinino abunda principalmente nos sitios desta freguezia; pois que raro é o lavrador e o proprio jorneleiro, que não possue o seu jumento, *filosofo* que assim como se presta ás contemplações psycologicas, quando as bategas de agua lhe incidem sobre as orelhas, assim se presta a todo o genero de trabalho de que elle é realmente um *moiro*.

Com relação ao gado bovino não podemos affirmar que na nossa provincia apenas haja uma raça especial, das oito conhecidas no nosso paiz; e o mesmo diremos em relação a esta freguezia. Podemos dizer que embora a raça chamada algarvia predomine no Algôs, é certo que se encontram muitas variedades, que se filiam em qualquer das raças, minhota ou gallega, barrosã, mirandeza, arouqueza, ribatejana, turina, alentejana e algarvia.

De gado ovino e caprino raros serão os individuos pois que as posturas municipaes com razão aqui os prohibem.

Abunda o gado suino; raro é o casal que o não possua em suas pocilgas; e até, dizem-nos, muita gente dorme com elle portas a dentro, e na mesma cama!

De insectos e molluscos encontram-se muitos tipos, assaz conhecidos em toda a provincia.

Do coelho, lebre e perdiz, nada podemos informar desde que uns *nihilistas* de mau caracter tomaram por fundamento essencial do seu filosofico sistema caçar em todos os tempos e desaninhar as aves, roubando-lhes os ovos. Esses bandidos não devem ser perseguidos pelos artigos do codigo penal, mas a cacete e á ponta do pé. Seria sómente este o castigo apropriado ao seu *crime*.

§ 8.º

Agricultura

Está toda a freguezia assente em pleno barrocal, e por isso tem excellentes predios rusticos, esmeradamente cultivados. Nelles se dão perfeitamente todos os tipos botanicos da flora algarvia.

Como a propriedade nesta freguezia está muito dividida, é na sua grande parte cultivada pelo proprio dono, quasi sempre auxiliado pela mulher. Desta forma a mulher não constitue sómente o individuo encarregado do governo interno da casa, mas um famoso auxiliar nos serviços mais leves do campo: um factor importantissimo.

Em tempos antigos era a vinha que mais predominava na freguezia; devido a quaesquer causas, cessou essa cultivação; ultimamente, porem, o lavrador torna a povoar de vinhas os terrenos, que menos se prestam a outra cultivação.

Tem o Algôs excellentes varzeas que produzem muito trigo, cevada, centeio, milho e toda a especie de plantas leguminaceas; como egualmente possue optimos terrenos para toda a qualidade de arvoredo. Colhe-se muito azeite, figo, amendoa, alfarroba, e os seus numerosos pomares produzem boa laranja, pera, pero,

ameixa, pecego, maçã, cidra e ainda fructos exoticos, pois que a tanto se prestam o seu clima e a exposição dos seus terrenos.

Estão inscritos na matriz predial 754 predios urbanos com o rendimento collectavel de 2:028$743 réis e 4551 rusticos com o rendimento collectavel de réis 23:395$091. Ao todo 250:423$834 réis.

* * *

Porque a agricultura constitue a principal fonte de rendimento dos habitantes d'esta freguezia, e este ramo é o que está mais sujeito ás diversas crises resultantes das estações, deve o nosso lavrador convencer-se de que, por si só, e com os seus recursos, não póde fazer face a essas crises, que estão amargurando a classe agricola. D'essa convicção, lá fóra bem avaliada, resultou o estabelecimento, no norte do nosso paiz, e no extrangeiro, das associações agricolas sob o nome de *Sindicatos*, já hoje superiormente regulados, especialmente pelos decretos de 5 de julho de 1896 e carta de lei de 3 d'abril do mesmo anno.

Os Sindicatos agricolas são associações profissionaes locaes de agricultores e individuos que exercem profissões correlativas á agricultura, tendo por fim estudar, defender e promover tudo quanto importe aos interesses agricolas geraes e aos particulares, que façam parte da associação. Neste intuito compete-lhes representar os seus associados, servindo-lhes de intermediarios em todas as transações dos lavradores. Como o Sindicato é pela lei reconhecido pessoa juridica, é claro que é este que responde por todas as transações dos seus associados perante os tribunaes, e por tanto, os que falsearem os contractos no intuito de enganar o lavrador, não é com este que teem de questionar, e sim com o Sindicato, o que é mais sério.

E desta forma os que teem por habito illudir o lavrador na especie de mercadoria, como adubos quimicos, maquinas de agricultura, etc., crendo que o lavrador a tudo se sujeita, porque em regra não tem dinheiro para recorrer aos tribunaes, já teem a certeza de

que não será o lavrador e sim o Sindicato que irá para os tribunaes a reclamar contra a falcatrua.

E' este o fim geral dos Sindicatos, cuja constituição póde ser feita consoante as disposições das leis citadas.

Mas os Sindicatos, que, por assim dizer, são os representantes dos seus associados, podem no intuito de promover os interesses da associação fazer mais, pois podem promover as *cooperativas agriculas.*

* * *

Em geral o nosso lavrador, habituado a trabalhar isoladamente na sua propriedade, é desconfiado; e por isso não entra facilmente nesta especie de associações, receioso de que estas o desfraudem.

Não vê o lavrador que, sendo toda a associação composta exclusivamente de lavradores, todos elles teem o mesmo fim commum sendo todos egualmente solidarios? Mais razão teem de desconfiar do extranho que lhes compra a mercadoria no intuito de a revender sempre com grandes lucros, á custa, é claro, da ignorancia de quem lh'a vendeu. Por isso os Sindicatos agricolas prestam um grande serviço aos lavradores criando as *cooperativas*, que podem ser de tantas especies quantas as necessidades dos associados.

Podem ser: 1.º *cooperativas de consumo*, e consistem em comprar por junto com todas as garantias de boa qualidade e revender aos socios, com pequeno lucro. Os generos alimenticios desta forma custam ao lavrador associado muito mais baratos, porque esse pequeno lucro, salvo pequenas despesas, entra na caixa geral, que é propriedade dos mesmos associados. Como esta cooperativa, podem ser criadas outras *para a venda collectiva dos productos*, etc., etc., etc.

Ainda os Sindicatos agricolas pódem prestar outros serviços importantes aos lavradores, filiando-os nas *Instituições de credito e seguros agricolas.*

* * *

Uma das maiores dificuldades do nosso lavrador resulta da falta de capitaes com juro modico para o ama-

nho da sua propriedade. Em regra tem mais facilidade o negociante, embora trinta vezes falido, de obter dinheiro do que o nosso lavrador. Não resulta isto de circunstancias especiaes do nosso modo de vida social, pois que no estrangeiro nota-se o mesmo fenomeno. Lá já foi remediado esse mal. Para isso, entenderam que o remedio devia partir do proprio lavrador. Como? Facilmente. Reunem-se em cada circunscrição 20 ou 40 lavradores, e por escritura publica constituem uma associação, encarregada de obter as quantias que forem precisas aos seus associados, obrigando-se todos e cada um de per si, sem limites, por seus bens, ao pagamento d'essas dividas. E' claro que entrando cada lavrador com todos os seus bens para essa associação e supondo que cada um possua dez contos a associação representa uma propriedade no valor de duzentos ou quatrocentos contos, como garantia aos emprestimos. Quem é o capitalista que duvidará fazer o emprestimo a uma associação tão rica e poderosa? D'aqui tem resultado o emprestimo de quantias com pequeno juro, sem que o lavrador se veja forçado a hypothecar os seus predios. Como todos os socios se conhecem, e sabem o valôr dos predios de cada associado, não se tem dado nunca o exemplo da mais pequena fraude.

Em Portugal, onde as grandes ideias teem maior dificuldade de entrar no espirito dos nossos patricios, do que a *moda* no espirito das senhoras, já temos bastos exemplos de *sindicatos agricolas*, de *cooperativas* e de *associações de credito*. Temos sindicatos agricolas em Ponte de Lima, em Evora, e Arraiolos, em Braga, em Montemor-o-Novo, Anadia, Bombarral, Guarda, Castello Branco, Amarante, Castello de Paiva, Torres Vedras, Coimbra, Vidago, Alter, Nellas, Carcavellos, Merceana, Beja, Salvaterra de Magos, e até bem perto de nós, Lagoa, onde está constituido o *Sindicato Agricola Lagoense*.

Constituidos os sindicatos e formando entre si uma federação, o elemento lavrador ainda mais poderoso se torna, porque tem a defender os seus interesses o seu sindicato, auxiliado por todos os sindicatos de uma dada região.

Convençam-se os lavradores do Algôs de que nada poderão fazer contra as crises a que estão sujeitas as suas propriedades, em quanto não se convencerem da necessidade de formar *sindicatos*, *cooperativas* e *associações de credito*. Dispam-se desses receios e dessas desconfianças; larguem de uma vez a antiga rotina, porque só assim poderão com facilidade resistir ás garras do agio, e ás intemperies das estações agricolas.

Os que quizerem estudar mais profundamente este assunto leiam o *Guia Pratico* do sr. Pedro Ferreira dos Santos, que profundamente estudou tudo o que diz respeito ás *Associações Agricolas*.

* * *

Tendo acima escrito das arvores, cujos frutos mais uteis são ao lavrador, mencionámos a figueira, a alfarrobeira, a oliveira e a amendoeira. São effectivamente os fructos destas arvores, que constituem o principal commercio do lavrador algarvio. A vinha está hoje sendo muito plantada nesta freguezia.

No Algarve ha uma grande variedade de figo. Em junho apparece o chamado figo lampo, muito desenvolvido e assucarado. No meio d'agosto começa a apparecer o figo *côtio*, enxairo, de Bella-Mandil, de Ponte de Quarteira, e outras innumeras variedades. E' sobre o figo *côtio* que se faz maior commercio porque é realmente o que mais abunda. Infelizmente, n'estes ultimos tempos, este figo tem descido muito de valôr nos mercados extrangeiros, e com certeza é isso devido ao descuido do proprio lavrador na maneira de o preparar, e aos roubos commetidos pelos que aqui o compram para depois os vender a quem se incumbe de os enviar para o extrangeiro. Já no tempo do venerando prelado D. Francisco Gomes se commetiam taes falcatruas que elle com vehemencia verberou numa sua pastoral (C) produzindo então essa pastoral optimos resultados.

No Algarve a figueira cresce, desenvolve-se e produz optimo fructo desde a borda do mar até 360^{m} de altura sobre o nivel do mar; d'ahi para cima é o figo memos assucarado e mais aquôso.

A alfarrobeira é arvore de folha fixa, e uma das mais bellas pelo seu desenvolvimento. Desenvolve se maravilhosamente em maus terrenos e prescinde de cultura cuidadosa. E' todavia nos terrenos calcareos onde melhor se desenvolve. Alem do seu fructo, que obtem bom valôr no mercado, offerece excellente madeira, dura e compacta, que muito bem é aplicada em differentes alfaias agricolas.

Ha no Algarve diversas especies: *mulata*, *canella*, *galhosa*, e de *burro*, sendo de todos preferivel a *mulata* A alfarrobeira é originaria d'Africa.

A oliveira começa a crescer perto do mar, a uma altura de 10 a 20 metros sobre o seu nivel, e a sua vegetação estende-se até 300 metros, começando a decrescer aos 450 metros acima do mesmo nivel. O algarvio não sabe cultivar esta arvore com o primôr e os cuidados das provincias do norte.

A amendoeira é uma das arvores que não demandam muito acurada cultura. Ha muitas variededes. Florindo em janeiro, quando as mais arvores se acham despidas, imprime á nossa provincia um tom alegre na força do inverno

São estas as arvores mais apreciadas na nossa provincia, sendo todavia certo que o nosso lavrador olha para a amendoeira com certa desconfiança, caracterizada pelo rifão:

Anno de amendoa
Cá nunca venha.

Porque, para que esta arvore produza muita amendoa, não quer annos em que janeiro e fevereiro deem chuvas, que lhes estraguem a flôr. Isto mesmo se observa neste anno. A falta de aguas naquelles mezes fez vingar a flôr, mas roubou-nos os cereaes.

No Algôs, ha uns annos, pouco se cultivava a vinha; sendo certo que nos fins do seculo XVIII a vinha fôra muito cultivada nesta região. Ultimamente começaram os nossos lavradores a cultival-a.

§ 9.º

Industria

Infelizmente ainda nenhum curioso cuidou de introduzir no Algôs qualquer ramo importante de industria. O meu estimado patricio e amigo, o sr. Mascarenhas Gregorio, ainda desejou de estabelecer aqui uma filial da sua grande fabrica de rolhas, mas poz de parte essa idéa, assás generosa, por algum motivo.

Appareceram ha muitos annos uns individuos de Loulé que tentaram estabelecer neste povo, na Quinta, hoje pertencente aos herdeiros do honrado proprietario Paulo Marreiros Neto, umas fabricas de ceramica. Naturalmente não tiveram logo os rezultados que esperavam e largaram as fabricas.

Encontram-se aqui alguns officiaes insulados das industrias extrativas, mas cada um exerce a sua profissão asoldadado lá fóra Assim temos canteiros ou officiaes que vivem e sustentam suas familias no trabalho em pedra e temos quem se occupe dos fornos de cal: pouco mais.

Os sapateiros, alfaiates, carpinteiros e pedreiros, são poucos e estes mal dão para as obras a realizar dentro da freguezia.

Se alguma industria ha, essa é a mulher que a exer-

ce: a industria da empreita. Rara é a que não sabe trabalhar neste ramo de industria, que, sendo pouco rendoso, ainda assim ella a exerce, quando desembaraçada dos serviços caseiros, e nas noites de serão.

Em tempo conhecemos pessoas que se entregavam exclusivamente ao preparo da pita; hoje, porém, se existem, não as conhecemos.

E' o nosso povo essencialmente agricola, e por isso sómente della cuida, não que se exerça a grande cultura, pois que a propriedade está aqui muito dividida.

Ha no povo dois lagares de azeite: e na freguezia tres: um no sitio dos Ciprestes, outro no Poço da Figueira e outro no Paço.

Na freguezia existem duas fabricas de telha e de ladrilho: uma situada proximo da ermida da Senhora do Pilar, e outra no sitio do Valle de Silves. Tem 12 moinhos de vento, cinco no sitio, que tem a designação de *Moinhos*, dois no Monte do Sobrado, um nos Cortesões, outro nos Canaes, dois nas Gateiras e um no Paço e Corgo.

Como é sabido, dividem commumente a industria em dois ramos: a grande e a pequena industria. Aquella é representada pelas grandes fabricas de fiação, cardação, estamparia, tecidos, tinturaria, sabão, papel, fundições, pisões, louça faiança, porcelana, vidros, cortumes, azulejos, gelo, massas, oleados, productos quimicos, guano, rolhas de cortiça, tipografias, ourivesarias, fabricas de azeite, de aguardente, etc. D'estas teve o Algôs pequenas fabricas de louça, uma filial de rolhas de cortiça, e tem algumas fabricas de azeite de oliveira acima mencionadas.

Na pequena industria comprehendem-se os moinhos, os padeiros, os fornos de pão, teares, alfaiates, sapateiros, tamanqueiros, chapelleiros, costureiras, barbeiros, marceneiros, serralheiros, ferradores, tanoeiros, escultores em madeiras, funileiros, e caldeireiros; e d'estes tem o Algôs alguns, como egualmente deixamos acima indicados.

Todas estas industrias, como outras não indicadas, comprehendem-se na respectiva matriz industrial sob oito classes: *industrias textis* (Linho, Algodão, Lã, Seda), *industrias do vestuario* (Fato, Chapelaria, Calçado,

Luvas), *industrias dos metaes—artes ceramicas, Papel, Impressão*, *industrias diversas,* (Vinagres, Couros e Pelles, Materias gordas, Sabão, Madeiras, etc.,) *industria de pesca* e *industrias extractivas* (Pedreiras, Marmores, Materiaes de Construcção, Granito, Calcareos Ardosias, Cal e gesso e Argila).

§ 10.º

Emigração

Felizmente esse movimento espontaneo causado pelo desejo aventuroso de conquistar a fortuna e o bem estar, que na patria se não encontram, é facto que se não nota n'esta freguezia; por isso não tem ella experimentado os desgostos que causam sempre as emigrações para paizes estrangeiros, aonde vão adubar com os seus ossos terras estranhas. Não conhecemos um só caso de emigração n'esta freguezia. Nunca nesta terra se manifestaram as causas que levam o cidadão a largar a sua patria, por isso nunca se deu um caso de emigração.

São varias as causas da emigração, mas duas as principaes: a negação para a vida militar e a ambição das riquezas. Estas causas, apontadas em um excellente livro do sr. Gerardo de Pery, publicado em 1875, são ainda hoje as mesmas. Ora a freguezia do Algôs não tem negação pela vida militar, antes alguns dos seus filhos a teem procurado e seguido; por isso não deve esta freguezia imposto algum de sangue. Com respeito a ambição de riquezas, todos desejam melhorar as suas circunstancias pecuniarias, mas nunca em troca de tão grande injuria á sua terra querida, largando-a, desprezando-a, para ir em outros paizes longinquos

constituir casa, com a mira no dinheiro, que nunca, num espirito patriotico, pode valer mais do que os ares da nossa terra natal, as relações da nossa infancia, parentes e amigos, arvores e flores, que constituem o que se chama a *nossa patria*.

Bem haja o Algôs neste seu louvavel procedimento.

E cousa notavel : da mesma forma pensa a nossa querida provincia. Temos sobre a mesa do nosso trabalho a estatistica da emigração relativa ao anno de 1874. Vê-se o seguinte : neste anno emigraram de Aveiro 925 pessoas, de Beja 2 — de Braga 1062 — de Bragança 19 — de Castello Branco 3 — de Coimbra 384 — de Faro 0 — da Guarda 37 — de Leiria 12 — de Lisboa 623 — do Porto 2.900 — de Santarem 2 — de Vianna 638 — de Villa Real 733 — de Vizeu 760 — de Angra 1.123 — da Horta 273 — da Ponta Delgada 869 — do Funchal 3.

De modo que nessa hecatombe de 10:368 individuos, entre os quaes 2:177 menores, que foram extrumar terras extrangeiras, desprezando a patria, nem um só algarvio ali se encontra ! Bemdita provincia que tão amada és de teus filhos !

Infelizmente, consta-nos que ha ahi povoações a sotavento, que, nestes ultimos annos, teem dado o triste exemplo da emigração, exemplo mau e cuja lição o Algôs não seguiu... nem seguirá !

«Dos emigrantes que vão para o Brasil — escreve um autor — uma grande parte morre. Dos poucos que regressam á patria, a maior parte vem mais miseravel do que foi. Se alguns, pouquissimos, arranjam fortuna, muitas vezes a arranjaram á custa de improbos trabalhos e de medonhas privações, a menor das quaes consiste em servir de galegos. Apenas se encontra uma ou outra excepção, que d'aqui podiamos apontar a dedo.»

§ 11.º

Monte de Piedade

De remotas eras existem em grande numero de povoações do nosso paiz instituições de Beneficencia sob a designação de confrarias, irmandades, albergarias, azilos e hospitaes e muito principalmente as chamadas Misericordias, instituições estas genuinamente portuguesas inspiradas por um santo frade e postas em pratica por uma santa rainha, a desditosa D. Leonor. Estas instituições tinham e teem por objectivo fazer bem ás classes pobres e invalidas. Sempre Portugal se distinguiu nestas instituições, filhas da caridade; e ainda hoje, consoante as Estatisticas, emquanto em Portugal existe um estabelecimento de caridade para 3 ou 4 habitantes, na mesma data, em 1869, a proporção entre cada estabelecimento d'esta natureza, em França, era de um para 23:760 habitantes!

São egualmente muito antigas outras especies de associações, chamadas de *Previdencia*, que teem por fim dar aos associados, ricos ou pobres, umas certas garantias, mediante o pagamento de uma quota paga pelo mesmo associado e uma certa joia.

Em 25 de abril de 1702 Thomé Rodrigues Pincho fundou nesta povoação um *Monte de Piedade* no ex-

clusivo intuito de acudir aos lavradores pobres nos annos criticos. Esta instituição, que foi approvada, em 30 de julho de 1704, por D. Pedro II, é talvez a primeira d'esta provincia, pois que o *Monte de Piedade*, de S. Bertholomeu de Messines, além de ser mais limitado, pois que o seu fundo primitivo era apenas de 30 alqueires de trigo, que mais tarde o fundador augmentou com outros 30, foi approvado e confirmado por provisão em 19 de maio de 1783 — oitenta e um annos depois.

O Monte de Piedade do Algôs foi fundado com um capital de 33 moios de trigo para se prestar aos lavradores com o premio de 3 alqueires por moio, devendo ser administrado por tres irmãos de confraria do SS. eleitos annualmente em escrutinio secreto.

D. Pedro II por sua provisão confirmou e deu sua sancção a todas as clausulas estipuladas na escritura constituitiva d'aquelle estabelecimento. (D)

Pelo decreto de 16 de novembro de 1852 foram ainda respeitadas aquellas clausulas, havendo alteração com referencia á forma de administração dos celleiros communs. Mais tarde, em 1864, nova lei deu ás juntas de Paroquia a administração de taes celleiros, e essa lei foi promulgada em 25 de junho d'aquelle anno.

§ 12.º

Instrucção

Já tivemos occasião de informar que, das freguezias do concelho e comarca de Silves, é a freguezia do Algôs que mais tem cuidado da educação dos seus filhos.

Parece que o povo turdulo, tão notavel pelas suas grandes faculdades, e que, no dizer de Estrabão, assentara seus arraiaes nas vizinhanças do nosso litoral, foi o ancestre dos habitantes d'esta freguezia.

Não se póde atribuir a educação scientifica dispensada aos filhos d'este povo a um excesso de capitaes disponiveis, representativo de um *haver* superior ao *dever*, pois que infelizmente não são os mais ricos os que mais caso tenham feito da educação dos seus filhos; a outra causa, pois, devemos attribuir os resultados que se estão observando, e essa causa consiste na innata inclinação dos seus habitantes para as letras, para as siencias e para as artes, e na profunda convicção de que o melhor patrimonio, mais valioso, e *mais illustre*, que um pai póde legar aos filhos, é a instrucção. E' pela instrucção que os homens se distinguem dos homens; é a instrucção o maior dos thesouros.

Tem o Algôs duas escolas para as crianças de am-

bos os sexos ; e os seus professores, na distribuição dos elementos primarios de instrucção, teem sabido inspirar aos seus discipulos tão sãos ensinamantos, que elles, em breve, se fazem homens na carreira das letras.

§ 13.º

Doenças endemicas

A freguezia do Algôs — como já se disse — é atravessada pela ribeira, que passa junto da povoação, e ainda pela que vem de S. Bartholomeu de Messines, e ambas se vão reunir em S. Lourenço dos Palmeiraes.

Em alguns pontos do seu percurso formam pegos, que, durante o verão, se tornam focos de infecção e de sezonismo. Por isso em 1860 os povos residentes junto da Ribeira Baixa (um sitio da freguezia por onde passa a ribeira que vem de Messines) soffreram muito, morrendo de perniciosas, não poucas pessoas. Hoje com a limpeza da ribeira, que passa junto do povo, é este o mais sadio de todo o concelho na opinião dos medicos.

Effectivamente, como affirma proficientemente, no seu estudo do Sezonismo, o sr. Ricardo Jorge, o sezonismo é uma infecção extinguivel; e extinto se acha elle numa grande parte da Europa. O sezonismo, ou *maleitas*, nome pelo qual os antigos conheciam esta doença, foi em epocas antigas de consequencias terriveis. Com o tempo e com a quina este mal tende a desapparecer de todo. Raros são hoje os casos, ainda mesmo nos pontos em que mais se repetiram; não obstante, não cessaram por completo, pois que, no estio e no outo-

no, ás vezes apparecem. Não somos medico, mas temos a sufficiente curiosidade de ler tudo que nos possa interessar de perto. Lemos o *Sezonismo* do sr. Ricardo Jorge e temos a certeza de que se os individuos, atacados por essa doença, lessem aquelle pequeno livro, desembaraçar-se iam em pouco de tal infecção. Isto não é um reclamo ao livro, é simplesmente aplicar o remedio para de todo se dar por finda tal *malaria*.

E' da quina que todos devem estar prevenidos para combater a primeira sezão. Não devemos consentir que o mal se aposse do organismo porque então mais difficil se torna o combate contra a enfadonha, e, muitas vezes, perigosa enfermidade.

A quina, porém, custa dinheiro, e nem todos os habitantes do Algôs estão em circunstancias de ter em casa, depositos de quina, que nem sempre seja precisa· Neste caso quando, numa certa região da freguezia, se manifeste a *malaria*, deve a junta de paroquia immediatamente representar á camara municipal afim de que lhe proporcione o remedio, e a junta encarregar-se de o fazer distribuir pelos atacados do mal.

Ha poucos annos deu-se um facto no concelho de Loulé, que não nos cançamos de o narrar sempre que tratâmos de assuntos d'esta natureza. Desenvolveu-se em Alte uma grande ipedemia, que, principalmente, atacou as classes pobres. Chegou isto ao conhecimento da camara, e esta não só mandou para ali um dos medicos municipaes, mas tambem um farmaceutico com os remedios apropriados para a extinção da enfermidade. Ali se conservaram medico e farmaceutico emquanto reinou a epidemia : mais de um mez.

Assim procedem sempre as camaras em casos identicos, quando teem noção dos seus deveres e obrigações. Da mesma forma procederá a camara de Silves quando factos semelhantes se deem dentro da area do seu concelho.

CAPITULO IX

Povo do Algôs

Situada em um d'esses formosos valles que são como que o reflexo dos edens encantados, encontramos a fertil e linda freguezia do Algôs, nome cuja pronuncia nada tem que vêr com a sinistra figura do antigo matador legal, como erradamente alguem snppôz.»

«Segundo a tradição, em epocas remotas certo rei de Castella, vindo a correr terras de mouros algarvios, passou junto d'esta povoação. Os cavalleiros do sequito real lembraram-lhe o ataque á villa que, na sua orgulhosa opinião *não era nada*. El-rei, que pelo nome não perca, respondou logo : — *algo és.*»

«Não damos fé a semelhante versão que temos por disparatada. Se a cada palavra saida dos labios de um rei se desse sentido equivalente bem aviada andaria a historia.»

«Como quer que fosse, esta povoação foi outr'ora villa muito populosa e mesmo muito mais rica de edificios, de que restam numerosos vestigios. Teve grossas muralhas, mas não sabemos quando foram arrazadas nem quando perdeu o seu titulo de Villa.»

«Os arabes chamavam á estrella fixa *Persen-algol*, e

talvez que d'esta estrella elles tirassem o nome d'esta povoação.»

«A antiga povoação occupava muito maior extensão conforme se presume, andando-se cerca de cem metros fóra da aldeia, até á capella da Senhora do Pilar, que fica na cumiada de um serro D'ahi, regalada a vista com o esplendido panorama que a natureza offerece, quem descer a encosta a nascente encontra um prazo denominado a Amoreira, onde ha muitas sepulturas, alicerces de construcção, porções mais ou menos fartas de cinzas e moedas de diversos cunhos, algumas de prata e todas de remotas eras.»

«Tambem se vê proximo as ruinas de um grande edificio, no Guiné. Deram os velhos estes nome ao serro em memoria da quantidade de escravos negros que para ali foram trabalhar nas obras de um padre riquissimo.»

«Existe nesta freguezia uma lagoa chamada Navarro que durante a estação calmosa chega a trasbordar e innunda os campos. E' caso assás curioso e raro, a que nos não dão explicação cabal os escritores que teem tratado d'esta povoação.»

«Um bom homem desta localidade, chamado Thomé Rodrigues Pincho, fundou aqui um *monte de piedade*, ha cerca de trezentos e quarenta annos. Iniciou-o com trinta e tres moios de trigo, emprestando-os aos lavradores da paroquia e de outras freguezias confinantes. Os juros eram de tres alqueires por moio, e com esse producto se pagava ao medidor, escrivão e administradôr.»

El-rei D. Pedro II auctorizou esta instituição, dandolhe provisão regia em 30 de julho de 1704.»

«Distante do Algôs tres quilometros está a aldeia de Tunes. Houve no Algôs um optimo solar dos Tenreiros, cavalleiros castelhanos que tomaram o partido de D. Fernando I, quando este sonhou a posse da corôa de Castella. Era Gallaico o tal D. Garcia Tenreiro e teve de emigrar para Portugal onde gosou grandes honras e privilegios, herdados pelos que delles descenderam.»

Até aqui escreve o auctor do *Domingo Illustrado*, pag. 884, 2.ª col. — agora daremos nós uma pequena

explicação. Diz, e diz bem, o *Domingo Illustrado* ser duvidosa a origem do nome do Algôs, mas não diz bem quando tem como disparatado derivar-se o nome de uma villa das simples palavras de um rei. E não diz bem porque foram as palavras de um rei que deram o nome á villa de Loulé. (*Mouras Encantadas* e os *Encantamentos do Algarve*, pag. 2.)

Estacio da Veiga, escrevendo do Algôs, diz ser uma das melhores povoações do Algarve, e Carlos Bonnet denomina esta povoação — *grande village*.

João Baptista da Silva Lopes, em 1841, na sua *Chorografia do Reino do Algarve*, fala do Algôs, chamando-lhe povoação *grande e rica*, e Fr. Luiz Cardoso, no seu *Dicionario Geografico* dá ao Algôs as honras de villa do padroado das Rainhas.

E assim foi.

Reclinada sobre a encosta de um outeiro como virgem pudica sobre um sofá de flores, a linda povoação do Algôs abre os olhos para o oriente como a contemplar as terras santas da Asia menor, onde se ergue a cruz em que expirou o mais doce e o mais santo dos profetas — Jesus Christo. Quem atravessa, nas azas do vapôr, os plainos que a circundam, e a avista a distancia, crê contemplar um palacio encantado, perfumado de murta e alecrim.

E' o Algôs uma linda povoação que se estende de nascente a poente, na raiz de um pequeno outeiro até o coroar a linda capella de S. Sebastião, beijando-lhe os pés a antiga ermida de S. José.

Do Algôs escreve Fr. Luiz Cardoso, no seu *Dicionario Geografico:*

«Algôs — Bispado do Algarve... Termo de Silves, é do Padroado das Rainhas de Portugal. Consta a povoação e freguezia de 350 fogos. Está situada num valle. A Paroquia fica dentro da povoação e tem por Orago Nossa Senhora da Piedade, e consta o templo de uma nave e sete altares, o maior com a Imagem da Senhora, e o Santissimo Sacramento, e dois collateraes, um de N. S. do Rosario e o outro de Santo Antonio; as mais capellas são: do Senhor Jesus, das Almas, de S. Pedro Apostolo e de S. Francisco de Assiz, com sua Ordem Terceira da Penitencia. Tem tres irmanda-

des sujeitas ao Ordinario, que são: do Rosario, do Santissimo e Almas. O Paroco é cura da apresentação do Ordinario, com seu coadjutor da mesma apresentação. Tem o cura de renda, que lhe pagam os freguezes, sete moios e meio de trigo, pouco mais ou menos, e trezentas arrobas de figos passados; o coadjutor tem de renda, paga pelos mesmos freguezes, tres moios de trigo, pouco mais ou menos.»

«Ha aqui um *Monte de Piedade* com trinta e tres moios de trigo, que se emprestam aos lavradores pobres da freguezia e aos das circunvizinhas, pagando tres alqueires por cada moio, cujos acrescimos servem para pagamento do administrador, escrivão e medidor. O administrador tem jurisdicção privativa com Provisão Real, e de tres em tres annos, lhe toma contas o Provedôr da comarca. Foi este *Monte da Piedade* instituido por Thomé Rodrigues Pincho, moradôr e natural desta povoação, não se sabe o anno.»

«Ha na povoação e freguezia tres ermidas, uma dentro da povoação e é a de S. José, as duas fóra: S. Sebastião e a Senhora do Pilar.»

«Os fructos da terra em maior abundancia são: trigo, vinho, amendoas e figo. Recolhem azeite em menos quantidade, havendo uma fabrica dentro da povoação.»

«Governa-se por juiz vinteneiro, sujeito ás justiças da cidade de Silves Tem familias nobres »

«Ha nesta freguezia uma celebre lagoa a que dão o nome *Navarro*, a qual bebe e chupa a agua, que escorre dos montes no inverno, e a guarda até ao verão em cujo tempo a costuma outra vez lançar fóra de si, dando antes alguns bramidos, e sai com tal abundancia e furia, que inunda os campos vizinhos, de tal modo que mal teem tempo de tirar os arados, que deixaram nas suas terras.»

A esta discrição feita nos principios do seculo XVIII accrescentaremos a que João Baptista da Silva Lopes faz na *Corografia do Reino do Algarve*, em 1841, reservando periodos dessa descrição para quando em especial descrevermos os sitios a que se refere.

«Algôs, aldeia grande e rica, situada na facha do barrocal, 2 leguas S. E. de Silves, em um valle des-

coberto pelo N. E. com um monte ao S. e pelo O. terreno um pouco elevado. Igreja boa com as Irmandades do SS. Sacramento, Rosario, e Almas. Conta esta aldeia algumas casas ricas, e uma boa estalagem: bebe agua de tres poços, que estão muito perto da aldeia, e um dentro; mas as nascentes passam por terras calcareas. Excellentes varzeas de grande producção a E. e a O.; vinhas cujo fructo amadurece muito mais cedo, de sorte que no fim de agosto está concluida a vindima: algumas hortas com boas fructas e abundancia de agua; tres moinhos de vento ao S. e dois lagares de azeite, em que se fabrica muito bem. Os dizimos da massa grossa andavam ultimamente arrendados por 800$000 réis, forões por 150, vinhos por 100, e as miuças, que pertenciam á fabrica da egreja, por 200, ficando ao paroco a escolha de uma das hortas para si.»

. . . .

«A O., immediato ao Algôs, está a ermida de S. Sebastião e a E. a de S José. Proximo do Algôs corre a ribeira do seu nome, tendo esta logares onde as mulheres lavam a roupa. Aliaz de ter as suas nascentes, ha pontos em que a agua se secca, dando logar a molestias infeciosas. Cessaram estas depois que dois proprietarios, Diogo João Mascarenhas Neto e Joaquim Gonsalves, limparam e apertaram o seu alvo, murando as fazendas que possuiam aos lados; corta esta ribeira a estrada real que vai da Quinta do Passo para a aldeia, passando por baixo de uma pequena ponte junto ao poço dos bois.»

«Tem esta freguezia um Monte de Piedade fundado por Thomé Rodrigues Pacheco, morador na mesma, e confirmado por alvará de 30 de julho de 1704, como se lê na L. 55 de D. Pedro II fh 163 n.º , com o fundo de 33 moios de trigo. Hoje é esse *Monte* administrado por tres irmãos da confraria do SS. Sacramento, eleitos por todos em escrutinio secreto, com o titulo de administrador, escrivão e medidor, e dão contas no fim de cada triennio ao provedor da comarca de Faro.»

No *Portugal Antigo e Moderno*, obra de incontestavel valôr, e que levou ao seu auctor quasi meio seculo de profundas investigações, não chegando a concluil-a,

mas cujos primeiros volumes foram por elle revistos, encontra-se um excellente e profundo estudo d'esta freguezia. Foi o 1.º vol. desta obra gigantesca publicado em 1873 e deste transcrevemos o artigo referente ao Algôs, sómente aproveitando os seus pontos principaes:

«Algôs... foi do padroado das rainhas. Orago N. Senhora da Piedade. Bispado do Algarve, distrito administrativo de Faro.»

«Situada em um valle. Foi villa muito populosa. Ainda hoje se descobrem vestigios de grossas muralhas e outros edificios, portaes, pedras lavradas, etc.»

«Diz-se que a etimologia da palavra Algôs se deriva do seguinte facto: Vindo um rei de Castella com o seu exercito a correr terras de mouros algarvios, os fidalgos que o acompanhavam lhe disseram que se atacasse a villa, pois aquillo *não era nada*, ao que o rei respondeu: *algo es.*»

«Outros dizem que é palavra arabe *algol* com que os mouros designavam a estrella fixa *Perseu*. Escolham.»

Em seguida descreve o *Monte de Piedade* constituido por Thomé Rodrigues Pincho e continúa:

«E' terra abundante em trigo, vinho, amendoa, figo, azeite, etc. Ha nesta freguezia uma celebre lagoa, chamada do Navarro, que, transbordando de verão, alaga os campos immediatos.»

«E' terra muito rica, situada na facha do barrocal, com fertilissimas varzeas.»

«A uns cem metros da aldeia, sobre um serro, está a capella da Senhora do Pilar, com bonita e estensa vista.»

Em seguida o illustre autor descreve o prazo da Amoreira e o sitio do Guiné e conclue, escrevendo:

«Foi aqui, no Algôs, o solar dos *Tenreiros*, appellido nobre d'este reino, originario da Galliza. Guarcia Tenreiro, fidalgo gallego, tomou o partido de D. Fernando I. de Portugal, nos direitos que este rei julgava ter á coroa de Castella por morte de D. Pedro, o cruel; pelo que veio para Portugal com seus filhos e seu irmão Gonsalo Tenreiro. Foi aqui feito capitão mór das frotas (almirante) e senhor da villa do Algôs e outros logares. Suas armas são — em campo azul, um pinhei-

ro verde, perfilado de ouro, com pinhas do mesmo metal, e enroscada n'elle uma serpente de prata, lampassada de purpura, com azas estendidas. Timbre, a serpente das armas, rompente. Foi em 7 de agosto de 1781 que D. Maria I assignou a provisão para o uso destas armas a favôr de Miguel Antonio Tenreiro.»

«Outros do mesmo appellido trazem por armas um sol de ouro á direita do pinheiro, e a lua de prata da esquerda, e dois bois de ouro, armados de prata, marrando na serpente. As raizes do pinheiro são de prata, sobre um campo verde, onde os bois teem os pés.»

Actualmente não são exactas e rigorosas as informações que Luiz Cardoso e ainda Baptista Lopes nos subministraram em seus livros, embora o fossem na epoca em que escreveram; por isso, no decorrer deste trabalho, faremos as respectivas ementas. Começando já pela disposição dos altares do templo diremos: que á entrada da igreja, pela porta principal, fica-nos ao lado direito a capella da Senhora das Dôres, e ali se veem as Imagens do Senhor preso á columna, do Senhor do Calvario, e da Senhora da Boa Morte. Em frente, ao lado esquerdo, está a capella das Almas, onde egualmente se encontra a Imagem de S. Luiz. Mais acima, ao lado direito ha o altar do SS. Sacramento, e em frente, ao lado esquerdo, o altar dos Passos; mais acima ao lado esquerdo o altar da Senhora do Rosario e á direita o altar de Santo Antonio, ficando o altar mór simplesmente com a cruz ao centro e S. José, tendo dois nichos aos lados com as imagens do S. da Piedade e de Santa Barbara.

Ao lado sul e pegada á egreja fica a torre com bons sinos, entre os quaes o sino do relogio.

Tem o Algôs escolas de instrução primaria para as crianças do sexo masculino e feminino. Tem uma pharmacia bem provida e estação do correio de 4.ª classe. Não tem medico, embora, quando se criou o partido medico, a camara no respectivo concurso lhe destinasse aqui a residencia, por ser o ponto mais central das freguezias que tinha obrigação de visitar. Foi Vianna o primeiro medico; uma das suas filhas casou em Albufeira, e o medico passou a residir naquella freguezia, sem mais respeitos nem atenções. Substituiu-o o medico

Chaves, que tendo casa em Alcantarilha, por ser ali proprietario, ali se conservou. Cremos, porém, que o mesmo não se repetirá com quem lhe succeda.

Tem paroco e coadjutor, recebendo aquelle de cada fogo um alqueire e meio de trigo e uma arroba de figo; este uma quarta de trigo na povoação e meio alqueire de trigo nos fogos da freguezia e um moito de trigo do paroco.

A palavra *fogo* adotada na nossa peninsula para significar uma casa ou uma familia que vive na mesma casa, data dos tempos da Idade Média, porque as estatisticas daquelle tempo, organisadas para se saber o numero de familias, que havia em cada povoação, empregaram sempre a palavra *fogo* como sinonimo de *familia*: tantos fogos quantas as familias que viviam sob o mesmo chefe.

Tem o Algôs nos dois extremos da povoação duas ermidas: de S. Sebastião e de S. José, e fóra a ermida de N. Senhora do Pilar.

Tem dois espaçosos largos; o da praça e o do Rocio; dois poços, o chamado *poço da rua* e o *poço velho*. Enfloram-no pelo norte cinco bellas hortas, todas regadas com agua nascida dentro.

Tem tres bons estabelecimentos de capella e outros de mercearias.

Tem o armazem do celleiro, onde se deposita o trigo pertencente ao Monte de Piedade.

Tem as seguintes ruas: Rua de S. Sebastião, da Igreja, onde nasceram a mãi querida do signatario desta Monographia e bem assim o signatario e seus irmãos, a Rua de S. José, Rua da Praça, Rua Grande, Largo do Rocio, Rua da Moinheta, e Rua dos Quintaes, que communica com a rua da Moinheta e vae communicar com a Rua da Estação.

Saem da povoação as seguintes estradas a mac-adam: Estrada para a Estação do caminho de ferro das Ferreiras, estrada para a povoação da Guia, estrada para as povoações de Pera e Alcantarilha, estrada para Silves e estrada para S Bartholomeu de Messines. A cem metros da povoação está situada a sua estação do caminho de ferro.

Passa-lhe a norte e arrumadas ás hortas uma ribeira,

que vem do nascente, e toma a direcção do sitio de S. Lourenço dos Palmeiraes, reunindo-se á ribeira do Barranco Longo, que vem de Messines.

Em curto praso abrir-se-á uma nova rua da povoação para o caminho de ferro, ao lado de cuja estrada já estão actualmente construidos alguns predios e armazens.

Tem poucos predios altos, os mais são todos — *rez-de-chaussée* — alguns dos quaes de excellente construcção.

Tem uma boa casa de receber passageiros, mesmo no centro da Praça.

Na parte mais elevada da povoação e antes de chegar á ermida de S. Sebastião, está construido o cemiterio.

E' o Algôs séde de uma das assembleias eleitoraes na eleição dos deputados e da camara.

Tem, como todas as freguezias, constituidas legalmente, a sua Junta de Paroquia, que demonstra saber respeitar os preceitos da lei na sua boa administração.

Não nos foi possivel apurar o anno em que foi construida a igreja matriz do Algôs. Na cantaria da porta principal lê-se a data — 1690; e no arco de cantaria da capella-mór lê-se a data — 1816. Ora antes de 1690 já havia igreja matriz como se vê dos respectivos registos paroquiais. Cremos portanto que a primitiva igreja foi reformada em diversas occasiões.

O côro da matriz foi construido em 1882 e pintado em 1895, data esta em que se fez a compra do sino do relogio.

Os sitios da freguezia do Algôs, pela ordem alfabetica, são: Affonso Vaz, Aivados, Alvalêdes, Amendoaes, Assumadas, Baiañs, Barranco Longo, Canaes, Chaminé, Cortezões, Cyprestes, Ferrarias, Gateiras, Guiné, Moinhos, Montes de S. Sebastião, Paço e Corgo, Palmeiral, Poço da Figueira, Quintas, Relvas, Ribeira Alta, Ribeira Baixa, Serro d'Aguia, Serro das Pedras, Sobrado, Taipas, Tunes e Valles.

Espalhadas pela freguezia, existem boas Quintas, algumas das quaes, estão hoje, em ruinas, com excepção da Quinta do Paço, solar dos herdeiros do dr. Anastacio Cupertuno. Além desta havia a Quinta da Torre, que tinha a capella, Quinta das Serras, a Quinta do

Papagaio, e duas quintas no sitio sob esta designação, uma das quaes conhecida pela Quinta Redonda, sendo com esta designação que o povo a distingue da outra, que lhe fica muito perto.

Encarregados da missão religiosa, que desejam cumprir na sua plenitude, tem o povo e freguezia um paroco e um coadjutor, residindo aquelle em casas da junta de paroquia, este em casa sua, pois a junta de paroquia não foi bem aconselhada, quando consentiu que as casas pertencentes ao coadjutor, e eram da junta, fossem vendidas em hasta publica.

Com relação aos fidalgos Tenreiros, senhores solarengos da villa do Algôs, pedimos aos leitores que mais adiante leiam o que escrevemos relativamente á *Quinta da Torre*

§ 1.º

Ermida de São José

Ha mais de cincoenta annos que esta ermida está em ruinas, e profanada. As imagens, que aqui existiam, foram transferidas para a Matriz, sendo a imagem de S. José collocada na capella mór.

Sob o pavimento do corpo da ermida havia uma semelhança de catacumba e nella uma sepultura e um altar e diversos ossos ao lado do altar. Na pedra que cobre a sepultura, existe ainda a seguinte inscrição:

S'Q MANDOV FAZER P.º
CORREIA MAS PERA SIESEVS
DESCENDENTS ANNO 1770

Este Pedro Corrêa Mascarenhas era genro do benemerito Thomé Rodrigues Pincho, o fundador do Monte da Piedade, como se prova com a escritura de doação publicada neste livro na secção das *notas*.

Vimos muitas vezes na parede d'essa catacumba uma antiga inscrição em letras maiusculas que dizia o seguinte:

ESTÃO AQUI DEPOSITADOS
OS OSSOS DOS SILVEIRAS
DE LOULÉ

A inscrição desappareceu: apagou se.

Estes Silveiras de Loulé eram os ascendentes do sr. Antonio Vaz Mascarenhas e a referida ermida fazia parte das propriedades que aquelle cavalheiro possuia e as vendeu, ha muitos annos, ao falecido Manuel Mascarenhas Neto, do Algôs.

E' de suppôr que os ossos do grande benemerito do Algôs, sogro de Pedro Corrêa Mascarenhas, aqui estivessem tambem depositados, e estes, confundidos com os ossos dos Silveiras, fossem levados para o cemiterio do Algôs, quando o falecido Manuel Mascarenhas ali os mandou collocar. O certo é que ninguem sabe onde jazem os ossos de Thomé Rodrigues Pincho!

Não se conhece a data d'esta ermida, mas tudo nos indica que fôra fundada por uma familia nobre, residente no Algôs. Seria fundada pelo fidalgo D. Guarcia Tenreiro, que tinha aqui o seu solar?

Sabemos que em principios do seculo XIX era esta ermida pertença em vinculo dos Silveiras de Loulé; sabemos que estes Silveiras eram representados em 1804 por Roiz Dias da Silveira e duas irmans, solteiras, casando uma destas senhoras com o juiz de fóra Salgueiros, de cujo casamento nasceu D. Maria Joanna Salgueiros, que casou com Antonio Vaz da Fonseca e Mello, pae do sr. Antonio Vaz Mascarenhas, e por tanto avô do sr. João Vaz Mascarenhas, actualmente moradôr no Algôs; não sabemos, porém, até este momento, o laço juridico que prendeu a ermida de S. José á familia Silveiras; e bem assim a relação de parentesco entre esta familia e Pedro Corrêa Mascarenhas, que, na mesma ermida, mandou abrir um jazigo, em 1720.

§ 2.º

Ermida de S. Sebastião

Raras são as povoações no Algarve que á sua porta, um pouco fóra, não tenham uma ermida dedicada a S. Sebastião. Explica se este facto, lembrando que este santo é o advogado contra a *colera morbus*, e que Portugal, durante alguns seculos da monarquia, foi por muitas vezes visitado por esta impiedosa enfermidade.

Por isso correm muitas lendas pela provincia que proclamam a intervenção do glorioso santo contra tal infecção. Lembrados estamos da lenda que corria no nosso tempo de criança com relação a S Sebastião de Albufeira. Dizia a lenda que em uma occasião que a colera morbus entrou em Albufeira, o santo saira de noite pela villa e acolhera a si a enfermidade, não havendo mais casos de colera naquella villa.

E por esta lenda explicava-se a côr um pouco pallida e desmaiada daquella imagem.

E' de suppôr que esta lenda, se é que não houve ordem régia ou preceito de qualquer prelado, desse occasião a que todas as povoações erguessem á sua entrada pequenos sanctuarios dedicados a S. Sebastião. A ermida de S. Sebastião do Algôs ergue-se a poente da povoação, em o cimo de uma encosta, a distancia

de uns trinta metros. Compõe-se de uma só capella, e no nosso tempo de criança fazia se todos os annos a sua novena, de tarde. E' sufficientemente espaçoso o corpo da ermida.

Diligenciámos descobrir a data da construcção desta ermida, mas não nos foi possivel encontrar o mais leve indicio.

§ 3.º

Cemiterio

Aos menos conhecedores dos costumes das igrejas, não é desconhecido que primitivamente os enterramentos dos fieis eram feitos dentro dos templos. Com a elevação á cadeira episcopal do venerando prelado D. Francisco Gomes, os enterramentos nas igrejas foram por este santo bispo prohibidos. Como nem todas as freguezias poderam n'um momento mandar construir os seus respectivos cemiterios; a essas, pobres e sem fundos disponiveis, consentiu-se o enterramento nos adros das igrejas; o que o povo, sem grande indisposição acceitou, pelo facto do seu chão ser considerado egualmente santo. Foi o que succedeu na freguezia do Algôs.

Estamos muito bem lembrados de ver, no antigo soalho de madeira da igreja do Algôs, delineadas as sepulturas, quando estas eram abertas na igreja; vimos depois os enterramentos no adro, e só em o anno de 1866 se constituiu o actual cemiterio do Algôs, onde a ex.^ma^ sr.^a^ D. Catharina Marreiros Neto mandou construir um mausoleu para nelle depositar os ossos dos membros de sua familia.

Dissemos acima que o povo facilmente consentiu no

enterramento dos fieis nos adros, mas, n'esta expressão apenas nos referimos ao povo do Algôs. E' sabido que em algumas povoações, particularmente em S Braz de Alportel, reagiu-se fortemente contra aquella ordem episcopal, vendo-se o venerando prelado obrigado a desterrar alguns individuos que em vozes tumultuosas e em procedimentos condenaveis se opposeram aos seus beneficos preceitos. Como dissemos na *Biografia* daquelle venerando bispo, muitos annos antes de que o governo de S. Majestade se convencesse de que os enterramentos nas igrejas eram nocivos, já o eminente prelado algarvio prohibira o enterramento nas igrejas.

§ 4.º

O celleiro

E' assim designado um grande armazem situado na Praça, onde os lavradores depositam o capital e os juros em trigo, conforme deixamos dito, quando escrevemos a proposito do *Monte da Piedade*.

Existe sobre a porta de entrada uma inscripção assim lavrada:

«Monte da Piedade constituido por Thomé Rodrigues Pincho. 1704.»

Esta inscripção lavrada em pedra foi talvez redigida em vida do seu benemerito fundador, pois que o seu obito, segundo consta do respectivo termo, deveria ter succedido em 2 de agosto de 1713, visto que foi enterrado no dia 3 d'este anno e mez.

Pela escritura de doação dos 33 moios de trigo sabe-se que a casa, celleiro, sobre cuja porta existe aquella inscripção, foi egualmente doada ao mesmo celleiro pelo benemerito Thomé Rodrigues Pincho. Diz assim a escritura: ...«doa aos lavradores e mais moradores pobres do Algôs» umas casas que estão neste logar do Algôs... as quaes casas servirão para celleiro e mais ministerio do Monte da Piedade, que agora, por esta escritura, institue...»

Portanto esta casa do celleiro constitue igualmente parte do mesmo Monte da Piedade, e, emquanto houver um lavrador e um pobre d'esta freguezia, não poderá aquella casa ser mudada, nem a sua inscrição arrancada, sob pena de uma grave offensa á memoria sagrada do mesmo benemerito filho desta povoação e freguezia. Veja-se a escritura publicada no fim deste livro.

CAPITULO X

Sitios da freguezia

Depois da descripção da ermida da Senhora do Pilar, erguida na freguezia, faremos pequena descripção dos seus sitios, regulando-nos pela ordem mencionada no fim do capitulo antecedente. Devemos, porem, notar que aquelles sitios foram transcritos, conservando a mesma ordem seguida no rol dos confessados, e portanto somente veem indicados aquelles onde ha moradores, com o seu registo naquelle livro. Ora, alem daquelles sitios habitados, outros ha, com as suas designações antigas, e por taes desde remotos tempos conhecidos. De alguns delles teremos de fazer menção muito accentuada; mas para não alterar a ordem alfabetica adotada no rol e por nós seguida, resolvemos indical-os no fim, fazendo então as apreciações que a cada um respeite.

Somente faremos excepção do sitio da Senhora do Pilar, pela circunstancia da sua ermida, que, alevantada no cimo de um monte, imprime a tudo que a rodeia um singular respeito e uma especial devoção.

§ 1.º

Ermida da Senhora do Pilar

Baptista Lopes descreve esta ermida da seguinte maneira:

«A menos de tiro de espingarda do Algôs está assentada sobre um cerro a ermida de N. S. do Pilar com deliciosa vista, pois dali se descobrem sitios de 14 fregrezias. A O. deste cerro ha um arieiro, do qual se tira a areia á força de alvião, de tal qualidade para edificios, que misturando-se em 4 alcofas e ás vezes 5, uma só de cal, tomam as paredes tal consistencia que dobram as pontas dos pregos que nellas se pregam. Na encosta oriental do mesmo cerro ha um prazo chamado Amoreira, no qual se encontraram sepulturas, alicerces, porção de cinzas que pareciam amontoadas, e bastantes moedas de prata, parte das quaes foram levadas ao arcebispo Cenaculo por um clerigo que as comprou, e outras foram vendidas a um almocreve por 14$400 réis.»

D'esta ermida escreve Estacio da Veiga:

«E' uma ermida que dá o seu nome aos terrenos adjacentes. O cerro está ao sul e a curta distancia do Algôs, medindo 90 metros a sua maior altitude. E' bellissimo o panorama que se observa junto da Ermida. Baptista Lopes, na *Corographia do Reino do Algarve* diz

que d'ali se avistam sitios de quatorze freguezias, e dá noticia de se terem encontrado muitas sepulturas, bem como restos de antigos edificios, naquella parte da rampa oriental do cerro, a que chamam Amoreira, e proximo do sitio do Guiné. Correm perto as ribeiras do Algôs e dos Palmeiraes: a esta junta-se pouco adiante a do Barranco Longo, indo reunir-se á da Enxurrada, que passam pela ponte de Alcantarilha.»

A ermida compõe-se apenas de uma capella abobadada, e sobre o seu altar se acha collocada a linda imagem. Trabalho primoroso presidiu áquella abobada, hoje em ruinas. E' certo que brevemente se vae tratar de fazer os respectivos reparos, pois que a Senhora do Pilar é muito visitada pelos habitantes da freguezia. Pegada á ermida pelo poente existe uma casa, talvez antiga sacristia, onde havia um poço, que foi entulhado. Se muito antigo, não sabemos, pois que nunca o chegamos a ver desentulhado. Dizem-nos que um curioso, desejando saber se no poço havia boa agua, o desentulhara; vendo que nenhuma agua ali havia, ou muito pouca, o entulhou. Seria um *silo*?

Refere-se Silva Lopes ao prazo da Amoreira. Este prazo foi constituido em 1769, em segunda vida, ao alferes José Vieira, e nesse tempo confrontava pelo nascente com fazenda de José Antonio, norte com o capitão mór de Loulé, poente com fazenda de Manuel José de Loulé e sul com matos. Era senhorio directo deste praso o cabido da Sé de Faro, que annualmente recebia o foro ou canon de 66 alqueires de trigo.

Hoje a grande propriedade da Amoreira pertence á ex.ma sr.a D. Catharina Julia Marreiros Neto, por ter herdado o dominio util de seu irmão José Marreiros Neto e ter arrematado o dominio directo em 1889.

Silva Lopes, fazendo a descripção da deliciosa vista de que se gosa do cimo do outeiro da Senhora do Pilar, diz que dali se descobrem sitios de 14 freguezias. Pedimos licença para rectificar esta noticia, pois que de ali se descobrem sitios de 22 freguezias. Naturalmente o benemerito escritor foi mal informado ou apenas se quiz referir ás freguezias da provincia algarvia, não contando as do Alemtejo.

§ 2.º

Affonso Vaz

No rol dos confessados, que seguimos para a nomenclatura dos sitios d'esta freguezia, é o designado por aquelle nome o primeiro sitio d'esta freguezia. E' evidente que este sitio tirou o seu nome de pessoa importante que ali residisse, se não preferirmos a opinião de que foi a primeira que o povoou. Ainda hoje é este sitio pouco povoado. Os seus terrenos, embora muito arborizados, em resultado dos grandes esforços dos seus proprietarios, não são muito invejaveis. Não produzem muitos cereaes e quasi se pode dizer que são os fructos das arvores que recompensarão de certo modo os sacrificios do lavrador.

Está este sitio nos limites ao norte d'esta freguezia.

Diz effectivamente a lenda que em primitivas eras ali residira um proprietario rico e affamado, e que esse proprietario se chamou Affonso Vaz. E' possivel. No entanto sempre diremos que a riqueza de tal proprietario não promanou certamente das grandes colheitas obtidas naquelle sitio, pois suppomos que em tal epoca o sitio estaria completamente inculto. No entanto entendemos dever reproduzir a lenda que dá a Affonso Vaz o po-

derio, que resulta da riqueza, mas nada informa dos seus bons ou maus costumes, pois que o facto de ser rico não explica que fosse virtuoso. Lá diz o evangelho: mais facil é passar um camello pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no reino do ceu.

§ 3.º

Aivados

Embora o nome d'este sitio seja o plural de um substantivo português, quer-nos parecer que o nome actual do sitio está corrompido. *Aivado*, segundo Moraes, significa o buraco da colmeia. Haveria em tempos antigos naquelle sitio muitas colmeias? Sem affirmar nem negar, ousamos todavia suppôr que o nome primitivo do sitio fosse talvez *Albardos*, nome que ainda hoje especializa uma povoação na nossa provincia da Extremadura. A palavra *Albardos* é a derivação de uma palavra mourisca — *Albarde* — que significa *cousa fria*; e por extensão significa tambem *campo esteril*, *terras pedragosas*. Preferimos esta origem, verdadeiramente adaptavel áquelle sitio.

Os seus terrenos são realmente pedregosos e estereis. Ao braço do homem se deve a sua actual arboricultura. Hoje está elle bem arborizado; nelle se semeiam trigo, cevada e legumes com uma certa producção á custa de muito trabalho e de repetidas adubações.

Por tudo isto inclinamo-nos a que foram os mouros que deram aquelle nome a este sitio.

E' certo que ainda hoje ali se encontram algumas colmeias; é certo que nos contos populares antigos se

emprega muitas vezes a frase aivado da colmeia, expressão, por tanto, que não era desconhecida do nosso povo, que tanto a empregava no seu *romanceiro*, mas ainda assim preferimos a opinião dos que affirmam derivar-se o nome da palavra arabe acima indicada.

§ 4.º

Alvalêdes

D'esta aldeia, mais pequena do que Tunes, a uns trezentos metros, pouco mais ou menos, escreve João Baptista da Silva Lopes:

«Um pouco a E. da aldeia de Tunes está situada outra aldeia mais pequena, denominada Alvalêdes, cuja gente é quasi o avesso d'aquella.»

E' de suppôr que esta apreciação fosse feita exclusivamente por virtude dos misteres dos habitantes daquella aldeia. Os habitantes de Tunes são todos lavradores e cada um tem a sua propriedade, maior ou menor, que amanha. Ora é ponto assente que o lavrador é manso de coração, respeitoso das leis, e amante da vida campestre, sempre socegada. Não é exactamente a vida dos habitantes dos Alvalêdes: mais industriosos, mais sagazes, mais bulhentos e menos socegados. A sua maior parte, naquelles tempos, comprava e vendia cavalgaduras nas feiras, e cada um tratava de se *governar* como podia e sabia. Talvez fosse esta consideração que levou aquelle escritor a fazer aquelle juizo.

Quasi arrumada a esta aldeia existe uma fabrica de moer azeitona, que, segundo nos parece, pertenceu ao ex.mo sr. Manoel de Figueiredo Mascarenhas, de S. Bar-

tholomeu de Messines, no inventario por obito de seu tio, o visconde de Messines.

Junto da aldeia ha um bello olival que se estende até ao sitio das Taipas: é talvez o mais estenso de toda a freguezia.

Muito proximo dos Alvaledes residia uma senhora D. Marta, já avançada em annos, que o povo respeitava muito, dando-a como descendente de uma açafata da Rainha. Esta senhora era casada, mas vivia muito pobremente.

Não podemos encontrar a origem do nome d'esta aldeia. Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno* escreve de uma aldeia, no Algarve, chamada *Alvalade*, que outr'ora foi villa importante; mas Alvalade não é o mesmo que *Alvaledes*, e nem ha tradição de que esta aldeia fosse villa. O proprio Pinho Leal não sabe dizer onde tal villa ou tal aldeia estivesse situada, nesta provincia.

Pela certidão de obito daquella senhora D. Marta verificámos chamar-se Marta Joaquina Telles de Azevedo Coutinho Corte Real, filha legitima de José Telles Moniz Corte Real e de D. Marianna Victoria Xavier de Azevedo Coutinho Corte Real, naturaes de Silves. Aquella senhora foi casada nos Alvalêdes com Antonio Vicente Alves, e morreu muito pobre, no mesmo sitio, na edade de oitenta annos, e em o dia 25 de fevereiro de 1869. (E)

§ 5.º

Amendoaes

Este sitio fica entre a *Lagoa do Navarro* e a *Lagoa do Vizeu*, em um plano pouco mais elevado, mas cujos terrenos nos primitivos tempos estiveram egualmente debaixo d'agua. Não são hoje ignoradas as revoluções geologicas que se realizaram no nosso globo, nos tempos paleolithicos; e por isso nenhuma duvida deve causar a nossa opinião, quando tenta explicar que todos os terrenos comprehendidos entre aquellas duas lagoas estiveram debaixo de agua, formando uma só lagoa.

E' este sitio muito povoado, muito arborizado e em terrenos que se prestam a toda a especie de cultivações. O seu nome deriva talvez da qualidade do arvoredo que principalmente o povoa — a amendoeira. Os seus terrenos teem muita silica: são muito areiientos, diz o povo, na sua linguagem facil e bastante comprehensivel; e realmente fazem grande differença, pela sua natureza, dos terrenos, que se não acham situados entre aquellas *Lagoas*. Por isso sustentamos que todos elles estivessem debaixo d'agua, nos tempos paleolithicos.

É claro que não nos conhecendo com auctoridade sufficiente para incutir no animo do leitôr as nossas opiniões, ousamos pedir aos governos mandem fazer exames scientificos em toda aquella região.

§ 6.º

Assumadas

Este sitio está em um alto serro, que assoma para a Lagoa do Navarro, que lhe fica a norte. E' quasi na raiz deste monte que fica aquella lagoa. E' um sitio aspero, pedragoso, mas muito arborizado e povoado.

Era deste sitio o Miguel Cego, individuo muito conhecido em toda a freguezia, não pela sua riqueza ou pelas suas faculdades intellectuaes, mas pela *sua voz*.

Era um tenôr afamado. O paroco do Algôs, José Severino de Lima, falecido em Loulé, aproveitou-o nas festas da Igreja, fazendo-o cantar á estante. Temos ouvido tenores celebres em S. Carlos, que dariam tudo por possuir aquella voz fresca, sadia, doce e afinadissima. Tinha, porém, o nosso Miguel Cego, um fraco, e desse fraco muita gente se aproveitou para simplesmente o *arreliar*. Como o Miguel era considerado o cantor eclesiastico entendia que estava isento dos encargos impostos aos freguezes, entre os quaes pagar o premio ao prior. Não pagava, pois, o premio, nem o prior pensava em o receber. Ouve quem fosse dizer ao Miguel Cego que o paroco o mandava citar para pagar o premio. Miguel deu um alto cavaco, sendo preciso que o paroco em pessoa desmentisse a noticia. Dahi em dian-

te bastava que alguem lhe chegasse proximo, na occasião em que á estante entoava maravilhosamente os *kirios*, e lhe dissesse: Olhe que o prior manda cital-o por causa do premio, — para elle largar a estante e dar immenso cavação.

E o certo era que não mais se importava com as ceremonias da festa!

Ai! quantas vezes fui eu o culpado de fazer acreditar ao pobre homem que effectivamente o prior estava na resolução de o mandar citar pelos premios em divida!

§ 7.º

Baiães

Ignoramos o que signifique esta palavra, e por isso a consideramos corrupção de outra palavra portuguesa. No antigo português havia a palavra *baianco, bajanco*, (barranco, cova, quebrada com mais ou menos agua) que, effectivamente, ainda hoje póde ser adaptada áquelle sitio.

Em parte corre o sitio por terrenos baixos, cortados de barrancos. São estes terrenos *magros e delgados*, na expressão popular, e aplicavel aos terrenos pouco *fundaveis*, outra expressão tambem do nosso povo.

A moderna agricultura tem operado milagres. Quem visitasse aquelle sitio ha cincoenta annos e o visite hoje encontra-o muito melhorado. Embora os terrenos se não prestem muito á cultivação dos cereaes, hoje possuem um bello arvoredo muito productivo; e entre a figueira sobresae a alfarrobeira, arvore esta que está auxiliando muito o nosso lavradôr. Infelizmente as fabricas de distilação de Faro que muito se utilizavam da alfarroba para a fabricação da aguardente, estão fechadas e por isso o fructo não tem grande procura nos mercados do paiz. Valem-nos porém a Inglaterra e a Hespanha que aqui se fornecem d'aquelle artigo.

Em criança vimos vender alfarroba a oitenta réis cada 15 quilos; hoje o seu preço medio em relação áquelle peso regula entre duzentos a duzentos e quarenta réis. Ha poucos annos, quando trabalhavam as fabricas de distilação chegou a vender-se a 450 réis cada 15 quilos.

§ 8.º

Barranco Longo

E' este o nome de uma ribeira que sae da freguezia de S. Bartholomeu de Messines e entra na freguezia do Algôs, dando o seu nome a todo o sitio por onde faz a sua entrada nesta freguezia. Nesta parte o sitio está muito arborizado e nelle se encontram grandes plantações de vinha. Antigamente as aguas da ribeira, que sómente correm no inverno, eram muito desaproveitadas.

Esta ribeira atravessa com longo percurso toda a freguezia do Algôs e vae reunir-se ás duas ribeiras do Algôs e da Enxurrada, formando todas uma só, que vae passar sob a ponte de Alcantarilha, e dali se dirige ao mar

Como já dissemos, esta ribeira seca se no verão, sem embargo de ter algumas nascentes, que já são aproveitadas pelos predios marginaes.

Possue o sitio do Barranco Longo alguns terrenos que se prestam á cultivação dos cereaes e dos legumes; e naquelles onde as aguas são aproveitadas encontram hortejos e sementeira, de milho, que, por dever do seu nome, muito produz. E' sabido que a esta semente foi primitivamente dada o nome latino *milia*, pois que viram os romanos que cada um bago produzia mil.

§ 9.º

Canaes

Evidentemente este nome, que se encontra nos mais antigos registos da Paroquia, teve uma origem. Qual? Não sabemos. Limita este a nascente uma grande varzea dentro da qual está situada a grande *Lagoa do Navarro*. Haveria, já nos tempos historicos, alguns ensaios de canalização das aguas para aquelle sitio? Nesses tempos tal empresa seria uma loucura, pois que o sitio dos Canaes está na encosta de um serro e num nivel muito mais elevado do que as aguas da referida lagôa. No sitio não se encontram tradições algumas a tal respeito. Os terrenos que constituem o sitio dos Canaes prestam-se ao arvoredo; e nalguns encontram-se excellentes vinhedos. E' um sitio muito povoado e em parte atravessado pela via ferrea de Tunes a Messines e de Tunes ao Algôs. No mesmo annel de montanhas figura a parte elevada d'este sitio, o sitio das Gateiras e o do Guiné, onde se encontra a caverna de que mais de uma vez aqui temos escrito.

Quem se colloque á entrada do valle, limitado a nascente por aquelles serros, terá em sua frente, por facil illusão de optica, um só serro de sul a norte, sendo a extremidade norte a parte que constitue o sitio do Guiné.

§ 10.º

Chaminé

Talvez porque este sitio se acha em logar elevado e a chaminé sobresair quasi sempre ao edificio, dessem aquelle nome de Chaminé ao mesmo sitio. Não conhecemos outra opinião que explique aquelle nome.

O sitio de Chaminé estabelece a linha divisoria entre as duas freguezias: S. Bartholomeu de Messines e o Algôs.

E' um sitio muito arborizado e n'elle se encontram terrenos que muito bem se prestam para as sementeiras de cereaes e legumes.

Diremos ainda que nos mais antigos registos da paroquia se encontra já o sitio da Chaminé.

Conhecemos em criança um bom velhinho n'aquelle sitio, chamado, se a memoria nos não falha, Manuel dos Santos. Foi durante muitos annos o *recebedor* da confraria das almas. Sempre muito exacto nas suas contas, era considerado o modelo d'esta qualidade de funccionarios. Toda a gente conhecia o Manuel dos Santos, e todos lhe tributavam respeitos e considerações.

§ 11.º

Corgo

Este sitio figura no rol da freguezia annexo ao Paço de que é limitrofe. Naturalmente veiu-lhe o nome da sua posição topografica. Corgo ou Corrego se chama ao sitio, onde ha sulcos abertos, caminhos estreitos entre montes, ou entre muros, atalhos fundos, etc. E' este sitio muito arborizado, mas muito pouco povoado, visto os seus terrenos constituirem apenas pertensas exclusivamente ou quasi exclusivamente de uma familia.

Está demonstrado que as vias de communicação imprimem uma certa vida aos terrenos, que atravessam. Conhecemos o Corgo, antes de aberta a via de communicação entre a estação dos Ferreiras e o Algôs. Parecia então que o sitio vestia sempre de luto. Nenhuma vida. Atravessavam-se terrenos estereis que nem matto sabiam produzir. Depois que foi aberta aquella via, a um ou outro, despertou-lhes a vontade o construir uma pequena casa na beira da estrada, cultivar a pequena embelga, que lhe circunda o predio, e finalmente fazer luz, onde até ahi sómente havia trevas.

Por isso não nos admiramos de que, de dia a dia, a agricultura vá tomando incremento. De ha cincoenta annos a esta parte a freguezia do Algôs tem experimentado uma radicalissima transformação.

§ 12.º

Cortezões

Eis o plural de um nome muito adotado por um escriptor antigo, Francisco Rodrigues Lobo — e que se affasta da regra consignada com relação ás palavras, que terminam em *ão*.

Muitos escritores nossos pluralizam o nome cortezão — cortezãos, mas o povo e o escriptor citado dão ao plural a terminação em *ões* — cortezão, cortezões.

Em todos os termos antigos o nome do sitio é — Cortezões.

Muitas vezes os sitios devem o seu nome a circumstancias fortuitas, como aos nomes dos primeiros que os habitaram. Ha em Loulé um populoso sitio, conhecido pela denominação Gilvrazinho, que suppomos corrupção de um nome proprio e apellativo que primeitivamente seria *Gil Braẓinho* ou Gil Vazinho.

Viveriam nos tempos antigos n'aquelle sitio alguns individuos, que residissem na corte?

Sendo este sitio muito proximo da *Alagoa de Viẓeu*, um prazo antiquissimo pertencente á corôa, e como tal até 1833 inscrito entre os bens da corôa, acaso os Tenreiros Gallaicos, que tinham o seu solar no Algôs, viveriam no sitio dos Cortezões, derivando o nome d'aquelles fidalgos?

Não sabemos responder.

Pela historia de Portugal sabemos que muitos fidalgos hespanhoes, nas luctas entre Portugal e Hespanha, tomavam o partido dos nossos reis, e para Portugal vinham residir, onde eram accumulados de honras e bens: os Tenreiros entram no numero d'esses fidalgos; mas sabemos tambem que alguns d'esses fidalgos se congraçavam mais tarde com os seus legitimos monarcas e voltavam para Hespanha, embora se sujeitassem ás penas de confisco dos seus bens, que voltavam para a coroa. Dar-se-ia esse caso com os Tenreiros e assim explicar a razão do prazo da *Alagôa de Vizeu* pertencer á coroa portugueza? (F.)

Nada podemos informar. Parece que os Tenreiros se conservaram sempre em Portugal, pois que ainda no tempo de D. Maria I foi publicada em 7 de agosto de 1784 uma provisão, auctorizando o uso das armas dos Tenreiros a favôr de Miguel Antonio Tenreiro. E' possivel que seja outra raça de Tenreiros, pois que parece haver duas familias Tenreiros, como já informamos, quando escrevemos o artigo referente á povoação do Algôs.

Seja como fôr, o que é certo e não offerece duvidas algumas é que o sitio dos Cortezões figura nos primeiros termos d'esta freguezia.

D'este sitio apenas encontramos um termo de batismo, que nos despertou a attenção, em que foi padrinho Manoel Lopes Guisado (G.).

Em Boléquême reside uma familia importante e com vinculo, denominada a familia Cortezão. Residiriam aqui alguns membros d'essa familia? Os Cortezões é um sitio proximo de Boléquême.

§ 13.º

Cyprestes

Eis o nome de um sitio que parece derivar da existencia d'alguma velha arvore d'aquelle nome. E' conhecida n'esta freguezia o cipreste, ou cypreste, como soem escrever os portugueses, que se basofiam de saber grego...

O cipreste é uma arvore alta, de mediana grossura, cujas folhas são como as do cedro, e as ramas ordenadas de sorte que formam uma piramide. O seu lenho é odorifero.

Em tempos remotos os ramos do cipreste figuravam nas ceremonias funebres Por isso dizem que este nome fôra dado ao sitio, cuja situação é realmente triste. Entendemos que não foi pela significação luctuaria do sitio que se lhe deu tal nome. E' muito possivel que em primitivos tempos alli existisse esta arvore, que desse o seu nome ao sitio.

Com relação á natureza dos terrenos que o constituem, se não merecem famosa apreciação, tambem não são tão tristes como a significação do seu nome. Teem algum arvoredo, e, sendo bem cultivados, prestam-se ás sementeiras de cereaes e legumes.

N'estas questões de etemologias de nomes, apparecem

algumas opiniões, que denotam partir da primeiro circumstancia que ao espirito humano se apresentou como mais provavel: é por isso que ha quem invente ter n'aquelle sitio morado uma dignidade eclesiastica, denominada arcipreste, tomando o sitio o nome d'esta dignidade, sofrendo atravez do tempo a perda da primeira sillaba. Como quizerem.

§ 14.º

Ferrarias

São numerosos os sitios que no Algarve, e ainda no estrangeiro, se denominam Ferrarias, tendo todos o mesmo caracteristico. Chamam-se *Ferrarias* aos logares onde se prepara o mineral extraido das minas, ou ao trabalho de extrair o ferro e lavrar as suas minas e apural-o para se lavrar em barras. Strabão, antiquissimo escritor, falando das minas da Turditania, nome pelo qual então era conhecido o nosso paiz, diz que para a reducção do minerio era costume geral dos turdetanos dar aos fornos grande elevação, em razão de que o fumo, que sae dos fornos, de sua natureza espesso e deleterio, se dissipasse em maior altura no espaço.

Temos pois que áquelle sitio foi posto aquelle nome por ali existirem fornos para fundir o minerio. Parece ainda hoje que sobre os terrenos d'aquelle sitio, actualmente muito arborizado, se encontram os productos minerios, transformando as pedras em marmore cinzento e negro.

De quando dataria a pesquiza das minas n'aquelle tempo ? Dos neolithas, dos turdelanos ? dos romanos ?

Em Portugal continuar-se-á nesta ignorancia, por que

o Ministerio d'Instrucção Publica não existe, e quando existir, nenhum caso fará d'estes estudos.

Está o sitio das Ferrarias em logar elevado. E' populoso, e ao norte é atravessado pela ribeira do Barranco Longo.

§ 15.º

Gateiras

Este sitio está encostado a um monte que forma o contraforte do serro do Guiné. E' este sitio tão antigo como a freguezia. Procurar atravez das tradições a origem d'este nome aplicado ao sitio, é impossivel. Cremos que o nome nasceu de qualquer pequeno incidente local, hoje completamente esquecido. Muitos nomes modernos conhecemos n'este concelho de Loulé aplicados a sitios de uns trinta annos a esta parte, que, de futuro, d'aqui a um ou dois seculos, constituirão verdadeiras charadas para os investigadores.

Ha quem se contente com os dicionarios e a sua propria imaginação. Depois reduzem á escrita o producto d'aquelles dois factores e lá vai a figurar de moeda de bom quilate o genuino *latão*. Abra-se a proposito da palavra *Gateiras* um diccionario, aplique se depois a imaginação, e veja-se a variedade de origens que podiamos aqui dar.

E' este sitio muito arborizado e possue nateiros muito productivos. Pelas suas vertentes, ao norte, passa a linha divisoria entre a freguezia do Algôs e Paderne

Olha de fronte, voltado para poente, o sitio do Poço da Figueira e a lagoa do Navarro, ficando esta a poente e a sul. E' hoje o sitio das Gateiras bastante povoado.

§ 16.º

Guiné

E' um dos sitios da freguezia do Algôs e que dá o nome a uma alta montanha, comparada com as outras que existem nesta freguezia, não obstante estar esta situada em pleno barrocal Na classificação das montanhas d'esta provincia, Charles Bonnet apresenta dois sistemas: o 1.º, e mais importante, é commum a Portugal e Hespanha e comprehende os mais altos serros, estabelecendo, na região portuguesa, como tipico, o serro de Monchique; o 2.º, e menos importante, é tambem menos estenso e comprehende os serros menos altos e que designa sob o nome de *Fico Ceratonico*, por isso que abrange em si grande quantidade de figueiras e alfarrobeiras, que se desenvolvem admiravelmente nos seus terrenos, que correspondem á parte barrocal da provincia. E' este sistema representado por uma serie de anneis separados uns dos outros, por valles mais ou menos largos, mais ou menos estensos. Este sistema occupa o centro do Algarve. O 2.º annel deste sistema começa no serro de S. Vicente, 1/2 legoa a E. do Algôs e continua até 1/2 legoa distante de Tavira, formando o serro de S. Vicente, o serro da Picota com as suas ramificações, o serro da Cruz da Assu-

mada, o serro de S. Romão, o Barrocal de Tarejo, o serro do Bengado e um grande numero de outros até o rio do Almargem. Em seguida, continua o mesmo auctor:

«Du Serro de S. Vicente sur l'Ouest, il y a un grand nombre de petites montagnes très divisées et ramifiées, mais dont la direction me les a fait rapporter á ce chainon, ce sont les Serros de Guiné, Serros d'Algôs etc.» E' pois nesta *petite montagne*, que habitam individuos da freguezia do Algôs, onde existe a famosa caverna que tirou o nome do sitio.

Neste sitio existem umas ruinas ás quaes se refere Silva Lopes nas seguintes palavras:

«Ali (no Algôs) ha um serro chamado o *Guiné*, onde existem umas ruinas de grande moradia, e tradição de que fôra edificada por um clerigo bastante rico, que possuia muitos escravos negros, do que talvez lhe derivam o nome.»

Já atraz explicámos qual a posição deste serro em relação a Alagoa do Navarro, Alagoa de Vizeu, Torre e Torrejão e o Penedo Gordo.

Não obstante a sua elevação, no seu cimo, e na sua encosta, dão-se perfeitamente as arvores do nosso clima. E' egualmente um sitio muito povoado.

Em 1833 morava naquelle sitio um individuo chamado Diogo, por alcunha, do Guiné: Diogo do Guiné. Sendo accusado de uns crimes, não sabemos se roubos ou tambem mortes, foi muito perseguido pelos officiaes de justiça e pelos soldados, que nunca o poderam apanhar. Chegou a ir uma força de Loulé commandada pelo sargento Rocha, pae do farmaceutico Rocha, que por algum tempo teve a farmacia na mesma villa, segundo o proprio sargento nos contou sessenta annos depois. Chegou a força ao sitio e não o encontrou em casa, o que era de suppôr. Sendo ali informados de que o criminoso se costumava esconder na caverna, para lá se dirigiram. Fazia parte da força um soldado, natural da freguezia de Albufeira, muito proximo do sitio do Guiné. O soldado conhecia bem o sitio e ouvira muitas vezes falar da caverna. Não se sabe que cousas extraordinarias o soldado contou aos seus camaradas ácerca da caverna. O que se sabe é que chegando a força mi-

litar á bocca da *furna*, como a vizinhança diz, fez alto e em muito bom portugués respondeu ao sargento: não entramos.

— Porquê ?

— Não entramos sem o nosso sargento ir lá dentro e voltar — responderam os soldados.

E não entraram, como tambem o sargento não entrou.

— E porque não entrou o senhor Rocha na caverna, perguntámos nós ?

— Como eu era o commandante da força, e não a podia deixar, apontei os nomes dos soldados desobedientes á minha ordem e entreguei ao sr. Marçal Aboim a participação da minha queixa: e logo os mandou metter no calaboiço e queria que elles respondessem a um conselho de guerra, que eu, a muitas instancias, consegui evitar.

Esta resposta não era a expressão da verdade ; sabiamos isso por informação de pessoas verdadeiras. A participação entregue ao conselheiro Marçal reduzia-se á informal-o que tendo a força, sob o seu commando, empregado todos os esforços para apanhar o criminoso, não fôra possivel encontral-o.

E' que egualmente o sargento Rocha, tendo sido informado pelo soldado de que dentro da caverna havia muitos homens de pedra e muitos precipicios, entendeu ser prudente o afastar-se do sitio !

O Diogo da Guiné, da parte de dentro, estava a ouvir o que os soldados cá fóra diziam ao seu commandante.

Devemos ainda accrescentar que a caverna do serro do Guiné abre a sua entrada na freguezia de Paderne, limitrofe da freguezia do Algôs, por aquelle lado.

§ 17.º

Moinhos e Montes de S. Sebastião

Como facilmente se vê, o sitio dos *Moinhos* deriva o nome da existencia de alguns moinhos de vento, que povoam os cumes dos serros e que formam uma cadeia de nascente a poente, quasi á vista da povoação. Os terrenos deste sitio são muito estereis e a figueira, quando ali plantada, nunca chega a tomar grande desenvolvimento. São estes terrenos os mais *pincres* de toda a freguezia.

Entre a povoação (a poente) e o sitio dos moinhos, mette-se o sitio denominado *Montes de S. Sebastião*, que comprehendem o sitio ou logar das *Serras*. No pequeno logar das *Serras*, conhecemos uma *Quinta*, muito antiga, que, nos parece, pertencia á casa do fallecido Francisco de Paula Sousa Leite.

Os terrenos deste sitio estão muito arborizados, e prestam-se mais ou menos ás sementeiras de trigo, ce vadas e legumes.

§ 18.º

Paço

Neste sitio acha-se edificada uma famosa e importante *Quinta*, denominada a *Quinta do Paço*, hoje propriedade dos herdeiros do fallecido dr. Anastacio Guerreiro Cupertino Lourenço.

Ao observador collocado naquella *Quinta* com os olhos voltados para nascente, fica-lhe defronte, a dois quilometros, se tanto, a *Lagoa do Navarro*; a noroeste e a 3 quilometros, o *Serro do Guiné*; um pouco mais ao norte. e a egual distancia, a *Lagoa do Vizeu*; ao norte a distancia de um quilometro, a *Quinta da Torre;* e entre norte e poente, o *menhir* ou Penedo Gôrdo. Tem, pois, a famosa *Quinta*, muito perto, caracteristicos assás tipicos das primeiras civilizações do mundo.

E' muito antiga esta Quinta, que, com o andar dos tempos, tem vestido novos tecidos, consoante a moda, sendo certo que os ultimos envergados destoaram-lhe o primitivo caracter, fazendo-lhe perder a feição religiosa que os seus bons fundadores lhe imprimiram. Hoje a *Quinta do Paço* offerece-nos a impressão de uma matrona de cara lavada, mas descalsa e em camisa. Faltalhe a sua bonita capella, diante da qual se curvaram contrictos e respeitosos os seus fundadores e seus des-

cendentes; pois que a parte do predio, que occupava, e fôra sempre a *arca santa* de velhos portuguêses, tão devotos e tão valentes, foi ultimamente victima do alvião, e substituida por um compartimento qualquer!...

Em 6 de março de 1791 era esta Quinta propriedade do dr. Manuel de Garfias Torres e nesse dia, na mesma capella, celebrou-se o casamento de seu filho Bartholomeu José Garfias (H.).

Nesta mesma Quinta falleceu em 16 de abril de 1807 D. Marianna Victoria de Garfias, filha do dr. Manuel de Garfias Torres, sendo ella então viuva do capitão mór de Portimão, Manuel José de Serra Tavares, documento sob a letra (I).

A *Quinta do Paço* ficou pertencendo a D. Marianna Victoria de Garfias e por morte d'esta a sua filha D. Joaquina Garfias Torres, casada com o capitão Anastacio Carlos de Oliveira, que morreu em Lisboa em tempo da guerra de 1833.

D. Joaquina ficou no Paço e por sua morte legou todos os seus bens a um afilhado, que vivia na Quinta, Antonio Guerreiro Lourenço, e este, fallecendo sem descendentes, constituiu seu universal herdeiro a seu irmão, o dr. Anastacio Guerreiro Cupertino, cujos bens por sua morte passaram para suas filhas.

Não podendo subir mais alto na historia da *Quinta do Paço*, e nem podendo descobrir o titulo que transmittiu á nobre familia dos Sarreas Garfias aquella Quinta, temos todavia as vagas tradições, que pódem, no entanto, ser faliveis.

Foram differentes os fidalgos Tenreiros que vieram residir na villa do Algôs com o seu chefe D. Garcia Tenreiro. A proximidade das duas Quintas — *Paço* e *Torre* — e a circunstancia de ser um dos mais antigos ascendentes dos Sarreas Garfias o fidalgo hespanhol, cavalleiro da Ordem de Calatrava em Castella, Dom Simão Martins de Sarrea, fazem-nos convencer de que o casamento da filha do Guisado, que residia a menos de um quilometro na Quinta da Torre, com um descendente dos Sarreas Garfias, fôra aconselhado pelos laços de antigo sangue e já fossem parentes, embora em distante grau. Por isso temos como aceitavel a opinião de que ambas estas quintas fossem propriedade

dos Tenreiros. E da mesma forma argumentamos com relação ás duas outras Quintas, em par da povoação do Algôs, egualmente muito antigas, e que distam do Paço e da Torre pouco mais de um quilometro. E note-se que de muito apreciado livro — *Portugal Antigo e Moderno* — se vê que para o Algôs não veiu sómente um fidalgo. Lê-se ali: «*Foi aqui, no Algôs, o solar dos Tenreiros, apellido nobre d'este reino, originario da Galliza. Guarcia Tenreiros tomou o partido de D. Fernando I, de Portugal, nos direitos que este rei julgava ter á coroa de Castella por morte de D. Pedro, o cruel, pelo que veiu para Portugal com seus filhos e seu irmão Gonsalo Tenreiro.*

Acrescenta ainda o citado livro: «*Foi Guarcia Tenreiro feito capitão mór das frotas* (almirante) *e senhor da Villa do Algôs.*» Não é para admirar que todos os seus filhos e irmão ficassem residindo no Algôs e que seculos depois um seu descendente fosse nomeado pagador geral da gente de guerra, fortificações e marinhas, nomeação feita na pessoa de Manuel Lopes Guisado (J.).

Tinham, pois, as duas Quintas — Paço e Torre — a sua capella; uma cahiu por desmazelo de seus diversos donos, a outra caiu... não digo bem, a outra foi destruida pela picareta e o alvião!...

§ 19.º

Palmeiral

Ha uns cincoenta annos, se tanto, era a maior parte dos terrenos deste sitio sómente aproveitada no tempo das eiras. Passada esta epoca, os terrenos voltavam ao seu anterior estado, crescendo expontaneamente a palma (*chamacrops humilis*), que nem era aproveitada pelas mulheres para a factura das ceiras, balaios, esteiras, capaxos, e outros utensilios caseiros, porque os animaes lhe comiam os gommos mal rebentavam.

Tendo um benemerito filho desta terra, o falecido José Marreiros Neto, adquirido por compra aquelles terrenos, mandou nelles plantar um importante figueiral, que muito se desenvolveu. Mais tarde foi esta importante fazenda atravessada pela via ferrea, que parte de Tunes para Portimão; e mesmo em frente do Algôs, a distancia de uns cem metros, foi construida no sitio do Palmeiral a sua Estação.

Por isso este sitio está hoje povoado, e cremos que em pouco tempo ficará communicando com a povoação por meio de uma bella rua, que naturalmente será denominada a *rua da Estação* ou *rua nova*.

Actualmente é o sitio do Palmeiral muito visitado pelas familias da povoação, de passeio á Estação do

seu caminho de ferro, que é importante, porque n'ella embarca e desembarca tudo o que diz respeito ás freguezias de Pera e do Algôs e ainda de parte da freguezia de Alcantarilha.

§ 20.º

Poço da Figueira

Este sitio é caracterizado por um poço que n'elle existe e que naturalmente em antigos tempos teve proximo alguma figueira.

Está situado á entrada de um grande valle, em cujo extremo sueste existe a *Lagoa do Navarro*. Certamente no periodo prehistorico esteve debaixo d'agua, e o sedimento de que é formado assim o significa.

Hoje quasi todo o sitio está situado em terrenos que são pertença da *Quinta do Paço*.

Nestes terrenos se semeiam o trigo, a cevada, milho e legumes. São quasi todo limpos de arvoredo.

Ha neste sitio um importante lagar de moer azeitona, pertença da Quinta do Paço, segundo nos informam.

Em tempo pertenceu este lagar a Francisco Xavier de Lima Brito, escrivão do juiz de direito da comarca de Silves, ha annos fallecido na povoação do Algôs, onde casára. Consta-nos, porém, que ainda em sua vida, aquelle lagar passára para o poder de Antonio Guerreiro Lourenço, dono então da *Quinta do Paço*, por contracto de transmissão por titulo oneroso.

§ 21.º

Quintas

No sitio sob a designação da presente epigrafe existem duas Quintas, muito proximas, e que certamente pertenceram em epoca antiga a familias illustres. Hoje estão quasi em ruinas. Ficam situadas ao norte da povoação, a pouco mais de um quilometro. A distancia entre ambas, a par, não excederá uns trezentos metros. Uma é designada sob o nome especial de *Quinta Redonda*. E' possivel que ambas fossem edificadas pelos membros de uma e a mesma familia. Escrevendo da *Quinta do Paço*, emitimos a nossa opinião.

Está, pois, a povoação do Algôs cercada de seis Quintas muito antigas; alem das duas supra mencionadas, existem a Quinta da Torre, a Quinta do Paço, a Quinta das Serras e a Quinta do Papagaio. Eram seus possuidores, ha uns sessenta annos, os seguintes: da Quinta da Torre, o coronel Diogo João Mascarenhas Neto — da Quinta do Paço D. Joaquina Garfias Torres — da Quinta das Serras D. Maria Francisca Marreiros Leite — da Quinta do Papagaio o dr. Casimiro Mascarenhas Neto — da Quinta Redonda Antonio Vaz Mascarenhas, de Loulé, e da outra o coronel Diogo João.

Pertenceriam, primitivamente, á familia illustre dos fidalgos Tenreiros?

Note-se que a maior distancia, entre a *Quinta* mais afastada da povoação, não excede a dois quilometros.

§ 22.º

Relvas

Temo-nos referido já a este sitio, que ficaria quasi no mesmo plano nos tempos prehistoricos. Fica situado quasi entre as duas Lagoas, mais de uma vez mencionadas — do *Vizeu* e do *Navarro*.

E' um sitio plano, baixo, e os seus terrenos silicosos, areientos. Tirou certamente o seu nome da natureza dos seus terrenos.

No Algarve como em todo o Portugal chama-se relva á herva do prado, curta, rasteira, á flôr da terra e como que constituindo uma alcatifa.

E' pouco povoado este sitio, e n'algumas partes encontram-se excellentes embelgas de terrenos muito productivos.

Já emittimos a nossa desautorizada opinião de que este sitio estivesse em tempos prehistoricos debaixo de agua, formando com as Lagoas de Vizeu, do Navarro e mais terrenos adjacentes, uma e a mesma lagoa.

Desejariamos que pessoas entendidas o estudassem e podessemos assim escrever mais desassombradamente. São tão diminutos os nossos conhecimentos em Geologia, e Paleontologia, que nos não atrevemos a escrever, convencendo os nossos leitores de que são verdadeiramente scientificas as nossas asserções.

§ 23.º

Ribeira Alta

Fica este sitio na encosta de um outeiro, ao norte da Ribeira Baixa. A propriedade aqui é menos rica. Os terrenos são de inferior qualidade comparados com os tda Ribeira Baixa. E' um sitio bastante povoado. Esendeu se até ali a epidemia das sezões, quando estas escolheram o sitio da Ribeira Baixa como domicilio. Felizmente o sitio hoje é saudavel.

E' que os lavradores, cujos terrenos e moradias entestam com a ribeira, teem tido o cuidado de a limpar por fórma que se não criem ali as *ninhadas* dos *anopheles*, pequenos animaculos (certa especie de mosquitos) que se encarregam de transmittir ao homem a vaccina das sezões. Eis o que a este respeito escreve um medico auctorizado:

«A qualidade malarigena do pantano ou de qualquer deposito d'agua morta ou dormente vem-lhe de servir de viveiro ás larvas dos mosquitos. Para vector do parasita malarico não serve qualquer mosquito: é um genero determinado, o *anopheles*. E' um vehiculo especifico porque só no seu corpo se copulam os gametas do hemosporidio sezonico e se evolve a vida sexual do parasita até á formação dos esporosoitos, que o ferrão

do diptero injecta com a saliva no sangue humano, quando vem sugal-o.»

E logo, em seguida, escreve:

«Sem anopheles o paul (pantano, pego ou qualquer deposito d'agua) não é sezonatico; com anopheles qualquer agua o póde ser. As suas larvas não se criam só nos leitos pantanosos: os charcos e as poças tambem lhes servem de receptaculo. Não se geram apenas nos estagnos naturaes; qualquer deposito d'agua sufficientemente presistente lhes póde dar ninho, inclusivamente os tanques, cartolas, pias, etc., tudo quanto em volta das habitações contenha agua morta.»

Mais adiante ainda escreve:

«E' de notar que o anopheles não se malarisa por si; a infecção não lhe é nem espontanea nem hereditaria. Só póde hospedar o parasita, quando o suga no sangue do sezonado; e, se este falta, não tem onde infeccionar-se a si, nem com que infeccionar os homens.»

Do que deixamos transcrito, conclue-se:

1.° Não é o anopheles que gera a sezão no homem.

2.° Mas é elle que, sugando o sangue de quem tenha sezões, as communica a outrem, quando o fere com o seu ferrão.

De onde egualmente se conclue que o sezonado nunca se deve aproximar de sitio onde haja anopheles para não ser por estes ferroado; e que deve haver todo o cuidado em acabar de uma vez com os seus ninhos, destruindo-os; o que se consegue tornando correntes as aguas paradas nas ribeiras, esgotar os charcos, despejar as pias e cartolas, que contenham aguas paradas.

Com relação á maneira de curar as sezões, já a indicámos quando escrevemos ácerca das molestias endemicas da nossa freguezia do Algôs.

Fique pois assente que embora o mosquito não gere as sezões, é elle o vehiculo que as transmitte e portanto a causa dessas epidemias, que ha annos assolavam os sitios proximos das ribeiras ou depositos que continham agua parada.

Tivemos muitas occasiões de observar, perto de algumas moradas do campo, poças com aguas putridas, esverdeadas até pelos limos, que se desenvolviam á sua superficie, como pias, que conservavam aguas estagna-

das ; e dentro dessas moradas pessoas atacadas de *sezonismo*. Então criança, limitavamos a lastimar os enfermos, ignorando que a origem da sua doença dimanava de focos tão proximos e tão vizinhos. E então ignoravamos, porque tambem a sciencia medica naquelles tempos o ignorava !

Sabem como a gente do campo então curava os seus doentes de sezões ?

Naturalmente por ser cara a quina ou por ser pobre o enfermo, empregavam-se os seguintes elixires : prender uma trovisqueira, antes de nascer o sol ; e engolir sete cabeças de marcella, sete manhãs a seguir !...

§ 24.º

Ribeira Baixa

E' sitio muito habitado; os seus terrenos nos logares regados pela agua da ribeira são muito productivos. Em 1865 e 1866 manifestaram-se n'aquella região, como antes em 1855 e 1856, as febres endemicas. Não tendo a ribeira facil escoante formaram-se em diversos logares poços, onde as aguas apodreciam, produzindo o miasma. Os proprios moradores das circunvizinhanças se convenceram do perigo que tinham á porta das suas moradas, e prepararam o leito da ribeira por fórma, que hoje é raro a febre endemica.

Ahi por 1853 ou 54, epoca em que a febre de minas lavrou em quasi toda a gente d'este concelho, uns pequenos emprezarios mandaram proceder a umas pesquizas de carvão de pedra, quasi junto do leito da ribeira.

Gastaram ainda algum dinheiro, mas como o minerio se não facilitasse de pronto, desistiram da empreza, acabando com as pesquizas.

Os terrenos do sitio são mais ou menos calcarios e sedimentares. Encontram-se ali excellentes propriedades muito bem arborizadas e cultivadas.

§ 25.º

Serro da Aguia

Com relação á origem do nome deste sitio diremos o que dizem as gentes de Boliqueime com relação á sua *Cabeça* de Aguia, e o que dizem os habitantes de Estoy relativamente ao seu Valle de Gralhas; a saber que o sitio, no tocante a Boliqueime e ao Algôs, tomou o nome de um ninho d'aguias que antigamente ali havia; e com relação a Estoy que egualmente um ninho de gralhas dera o nome áquelle sitio.

Embora na fauna actual da freguezia do Algôs a aguia se não encontre representada, é muito possivel, é até certo, que, ainda nos principios da nossa monarquia, as aguias povoavam as nossas montanhas; e por isso é tambem possivel que o sitio do Serro da Aguia derivasse o seu nome d'esta ave de rapina.

E' este sitio em logar elevado. Os seus terrenos são silicosos, e encontram-se ali excellentes propriedades muito bem cultivadas. Tem egualmente bello arvoredo, e no seu sopé encontram-se boas sobreiras, tipo este de arvoredo que sómente ali se encontra dentro desta freguezia. Pelo menos não nos consta que em outro sitio da freguezia do Algôs se encontrem sobreiras algumas. E' este sitio muito povoado e um dos mais vizinhos da *Lagoa do Vizeu.*

§ 26.º

Serro das Porcas

Aqui temos um sitio que tem um nome facil de explicar. Basta visital-o pela primeira vez. Visitamol-o em criança, e então em todo o sitio apenas havia um morador. Conhecemos esse morador. Fica o sitio no limite das duas freguezias do Algôs e de S. Bartholomeu de Messines. Não estava claramente determinado se o predio urbano estava assente na freguezia de Messines ou do Algôs; e daqui tirava o morador argumento para não pagar o premio ou bolo ao paroco. Se o cobrador do Algôs lhe pedia o premio, respondia: pertenço á freguezia de Messines; se era o de Messines que lhe pedia o premio, respondia: pertenço á freguezia do Algôs.
Em um dia disseram-lhe que os respectivos parocos estavam combinados e por isso a freguezia onde elle e a familia se desobrigassem do preceito quaresmal ahi teria de pagar o premio. O nosso homem resolveu mentalmente não mais confessar-se nem commungar. Chegada a proxima quaresma, entrou em casa muito bebedo e disse para a mulher e os filhos, em altas vozes: aqui ninguem se confessa este anno!
Foram taes os berreiros da mulher e dos filhos, que o homem protestou não mais impôr taes ordens, e desse

anno em diante começou a pagar o premio ao paroco do Algôs. O pobre homem não se atrevera a impôr á familia a prohibição da confissão e embebedára-se primeiro! Mas nem assim pôde levar ávante o seu desejo. E' que as lagrimas da mulher obram prodigios.

§ 27.º

Sobrado

Fica este sitio no cimo de um outeiro ao noroeste quasi perpendicular á ribeira do Barranco Longo que lhe passa pelo sopé.

Quizemos apurar a razão do nome dado ao sitio, e responderam nos, fundados no testemunho dos velhos, constar aos seus avós que em tempos antigos existira ali uma casa sobradada, casa que dera o nome ao sitio.

Sem discutir o fundamento desta resposta, ousariamos perguntar que casa sobradada era essa, que por tantos seculos vinculára o seu nome ao sitio, se não tivessemos a certeza de que nos responderiam com um simples encolher de hombros, ou appellando para o tempo dos mouros.

O outeiro do Sobrado póde ser considerado a continuação do mesmo sitio das Ferrarias, de que já nos occupámos. Na encosta do outeiro do Sobrado para a ribeira encontramos, em criança, muitas dessas *pedras de raio*, cuja significação desconheciamos e que nós examinavamos com piedoso respeito. Por isso temos pensado encontrar-se a verdadeira origem do nome Sobrado em algum primitivo *talaiot*. Não faltam no sitio os caracteristicos neolithicos, nem faltam as lendas, que

commemorem aquellas construcções, como deixaremos comprovado, tratando dos sitios da Torre e Torrejão.

E' possivel que estejamos illudido e que fosse effectivamente uma casa com sobrado que ao sitio desse o seu nome; no entanto apraz-nos acreditar que elle fosse buscar o seu nome á antiga construcção neolithica.

§ 28.º

Taipas

Chamamos no Algarve taipa á parede de barro, calcado entre enchameis, atravessados por fasquias ; processo este de construir predios urbanos que chegou até nós do tempo em que os arabes aqui dominaram. Que relação poderá haver entre o nome do sitio e aquelle processo de construcção antiga ? Não sabemos.

Se perguntarmos a um dos seus habitantes a razão daquelle nome ao sitio, responder-nos-á immediatamente: é que antigamente havia neste sitio dois predios construidos de taipa e por isso a este sitio deram o nome — *Taipas*.

E todavia quão longe estará esta resposta da verdade!

O nome dos sitios deriva ás vezes de factos tão singelos, que é uma loucura querer occupar o espirito nesta ordem de investigações.

A'cerca das construcções de taipa escreveu um benemerito algarvio : «Ainda hoje se usa no Algarve fazer casas de taipa, principalmente terreas, e até dum andar. São estas paredes formadas de terra deitada ás camadas delgadas, entre duas taboas, que formam uma especie de caixão sem fundo nem tampa, da largura da parede; e ali se vae batendo cada camada com uns ma-

lhos de madeira em fórma de cunha, deitando-se segunda camada de terra, quando a primeira está bem batida. Acabado o primeiro solido de terra batida nos *taipaes*, correm-se estes para diante na mesma direcção, e assim successivamente em todo o prolongamento da parede. Concluida a *fiada*, começa-se a segunda, armando os *taipaes* em cima da primeira *fiada*, de sorte que fiquem desencontradas as cabeceiras ou uniões de cada *taipal*, nome que se dá tambem ao solido da terra batida. Feitas todas as paredes da altura precisa para a casa, abrem-se nellas as portas e janellas, e rebocam-se todas com argamassa.»

O sitio das Taipas tem excellentes terrenos para todo o genero de cultivações.

§ 29.º

Torre

Apesar deste sitio não figurar actualmente no rol dos confessados, certamente porque hoje não é habitado, collocamol-o aqui por nos parecer que a Quinta, hoje em ruinas, denominada a Quinta da Torre, com sua capella, constituiu o antigo solar dos fidalgos *Tenreiros*, no tempo de El-rei D. Fernando I.

Em 1722 residia nesta Quinta Manuel Lopes Guisado e sua esposa D. Catharina Martins Cavaco, como se vê da certidão publicada nas notas finaes (doc. sob a letra K).

Tiveram estes uma filha, D. Catharina Jacintha Rosalia, que foi casada com o dr. Manuel de Garfias, proprietario da *Quinta do Paço* (doc. já citado sob letra H).

Aquelle Manuel Lopes Guisado era filho de Manuel Lopes dos Santos e de Maria Alves, falecendo este em 1715 (doc. sob a letra L).

Falecendo Manuel Lopes Guisado em 20 de junho de 1733 (doc. M) sua filha D. Catharina Jacintha Rosalia requereu a El-Rei D. José se passasse quitação a favôr de seu pae em como este prestára contas do exercicio do seu cargo, pois durante 10 annos, fôra pagador geral da gente de guerra, fortificações e marinha, do

Reino do Algarve; quitação muito elogiosa, que foi passada em 8 de outubro de 1755 (doc. sob a letra J).

D. Catharina, filha de Manuel Lopes Guisado, nascera em 26 de novembro de 1722, e foram seus padrinhos os fidalgos Velhos da Costa de Messejana (doc. sob a letra citada K).

Pelo que fica exposto manifesta-se claramente que o proprietario da Quinta da Torre era pessoa muito importante. A' falta de documentos no registo da Paroquia do Algôs, dirigimo-nos por carta ao ex.^{mo} sr. Visconde de Sanches de Baena, cavalheiro muito illustrado, e que publicára um livro muito notavel sobre a geneologia de algumas familias illustres do Algarve, pedindo a fineza de nos dar alguns esclarecimentos com relação a Manuel Lopes Guisado. S. ex.^{a} respondeu-nos immediatamente em uma primorosa carta, que arquivámos, pedindo licença de transcrever o seguinte periodo:

«Quanto á filiação de Manuel Lopes Guisado, tenho-a de envolta com um enorme masso de papellada, que seria longa a busca, além de trabalhosa para mim na actualidade, impossivel de verificar, atenta a minha pouca saúde e os meus cançados 83 invernos. *Tenho, porém, de lembrança que o tal Guisado era da familia dos Tenreiros, fidalgos hespanhoes.*»

E assim parece averiguado que fosse a Quinta da Torre o solar daquelles fidalgos. E quer-nos ainda parecer que o parentesco entre Guisado e Garfias não resultou sómente do matrimonio realizado entre D. Catharina Rosalia, filha do Guisado, e o dr. Manuel de Garfias, mas já a esse tempo aparentados, pois que sendo Guisado da filiação dos Tenreiros, a nobre familia Garfias tambem descendia de familias nobres de Castella; e por isso é muito possivel que, tendo D. Garcia Tenreiros escolhido para seu solar a Quinta da Torre, talvez por elle mandada construir, seu irmão, que o acompanhou, escolhesse a Quinta do Paço para sua residencia. Ambas estas Quintas tinham capella no mesmo gosto arquitetonico, do mesmo tempo, segundo nos informa pessoa antiga, por ouvir dizer a seu pae.

§ 30.º

Torrejão

O sitio do Torrejão dista da aldeia de Tunes uns cincoenta metros, se tanto. Já nos referimos ao Torrejão quando escrevemos das idades prehistoricas. Não se encontram naquelles sitios vestigios alguns de edificações antigas que expliquem o seu nome, e todavia é certo que a palavra indica alguma cousa. Certamente, se ali houve alguma construcção que se assemelhasse a uma torre, foi isso em data muito anterior á fundação da nossa monarquia. As tradições em terras sertanejas não se obliteram facilmente. O sitio do Torrejão olha de frente para o serro do Guiné; e o raio visual atravessa toda a planura que communica as duas grandes lagoas — *Vizeu* e *Navarro*. Está no mesmo parallelo do sitio da *Torre*, do qual, como já escrevemos, dista muito pouco.

A existencia tão perto de duas torres parece-nos de difficil explicação. Por isso e pelos muitos documentos escritos no solo, da idade neolithica, suppomos que ali existissem dois *talaiotes*.

§ 31.º

Tunes

A aldeia de Tunes é muito antiga, e por mais que diligenciamos apurar a origem do seu nome, baldados teem sido os nossos esforços. Pena é que Luiz Cardoso não concluisse o seu Diccionario Geografico por que talvez as suas cuidadosas e minuciosas informações encontrassem a origem daquelle nome.

João Baptista da Silva Lopes na sua *Corografia do Reino do Algarve* faz grande elogio da bonita aldeia. Escreve:

«A um quarto de legua do Algôs, e a E. S. E. fica a aldeia chamada Tunes, a qual terá uns 20 fogos, todos em uma só rua de casas, onde haverá uns trinta annos, viviam os moradores em tal união, que jámais tiravam as chaves das portas, e quando nos domingos e dias santos iam á missa, ficava uma só pessoa para cuidar da comida e arranjos de todos».

Não sabemos onde o benemerito algarvio foi encontrar aquella informação, se é que a não colheu talvez do paroco do Algôs, daquelle tempo, José Antonio Guerreiro, natural de Loulé, uma alma santa, que na freguezia do Algôs era então paroco muito estimado e de todos querido.

Effectivamente ainda hoje os habitantes de Tunes são uns bons cidadãos, muito amigos dos seus vizinhos; não cremos, porém, que hoje continuem a deixar as chaves nas portas; não pelo receio dos que moram na aldeia, mas com medo dos que possam vir de fóra.

Moraram ha uns cincoenta annos nesta aldeia dois lavradores muito importantes e que figuravam entre os quarenta maiores contribuintes do concelho de Silves: Constantino Cabrita Neto, capitão de milicias, muito affecto á politica legitimista, e sempre honrado, ainda mesmo em 1833, em que parece ter invadido a insania nos espiritos dos sectarios deste partido — e Caetano Gomes, tambem muito honrado e oriundo do Espragal, freguezia do Alte. Ambos são hoje falecidos; mas não deviamos aqui esquecer os seus nomes, já que nos referimos á sua aldeia.

Devemos informar que os inventores de origens explicam o nome da aldeia, dizendo ter sido fundada por um habitante de Tunes, cidade d'Africa que aqui veiu fazer a sua residencia. (N)

Não sabemos se até affirmavam ser este individuo irmão, parente, ou o que quer que fosse, do padre que foi residir para o Guiné, onde se tornou muito conhecido pela sua riqueza e por ter muitos escravos negros ao seu serviço!

Hoje a aldeia de Tunes está melhorada de predios urbanos, comparando-a com o que era no tempo em que foi escrita a *Corografia do Reino do Algarve*.

§ 32.º

Valles

E' talvéz um dos sitios em que os terrenos são mais pobres, e por isso menos produzem. Talvez constituam uma excepção porque em regra os terrenos baixos são mais ricos em *humus* e nutrem melhor as plantas e as sementes; mas naquelle sitio abundam as terras, que o povo classifica de *salgadeiras*, que se não prestam a uma dada cultura, sem grandes despezas que o pequeno lavrador não pode infelizmente fazer. Ali até o proprio arvoredo, ordinariamente, de pouca vida, nunca chega a atingir um dado desenvolvimento.

Naquelles logares em que o braço do homem nada tem podido conseguir, ficando incultos, apenas o mantrasto e umas pequenas plantas proprias dos sitios paludosos apparecem uma ou outra propriedade em logar mais elevado, como a fazenda do Cabeço de Cabras, no centro daquelle sitio, e cujo terreno se presta a uma boa cultura, constituindo excepção ao resto dos terrenos daquelle sitio. Parece que em remotissimo tempo toda aquella area estava coberta de aguas salgadas, tornando-se refractaria a quaesquer processos de *adoçamento.*

E' um sitio relativamente vasto, mas cuja producção

é muita pequena. Confronta pelo sul com outro sitio, não povoado, chamado *Fontainhas*, cuja producção é egualmente diminuta.

Nestes ultimos annos teem-se ali feito muitas plantações de vinha.

CAPITULO XI

Alguns sitios não habitados

Abrimos um novo capitulo, não tanto para descanso de quem leu o capitulo anterior, longo e demorado pela natureza do assunto, mas por que fazem parte deste uns sitios, cujas denominações são antigas, embora sem habitação. São estes sitios *Alagoa*, ou *Lagoa do Navarro*, *Alagoa* ou *Lagoa do Vizeu*, *Alagoinhas* ou *Lagoinhas*, *Torre* e *Mesquita*.

Com relação á Lagoa do Navarro já emittimos a nossa desauctorizada opinião, que ainda assim tem o seu fundamento nos estudos arqueologicos e nas descobertas dos geologos No periodo neolithico aquella Lagoa devia ser muito mais vasta e estender-se até á Lagoa do Vizeu, como ainda o demonstram hoje não só a natureza dos terrenos intermediarios, mas as suas designações. Esses sitios intermediarios são designados com as cognominações de *Amendoaes*, *Lagoinhas* e *Relvas*. Estes terrenos são constituidos por alluviões lacustres, como é facil perceber-se do simples exame da sua intima constituição.

LAGOA DO VIZEU

Toda a area deste sitio demonstra que nos tempos neolithicos devia achar-se debaixo d'agua. Neste periodo prehistorico todos os terrenos, desde a Lagoa do Navarro até á Lagoa do Vizeu e terrenos ao norte até o Barranco Longo, formaram um lago, aliás extenso, talvez de oito a dez quilometros. Mais tarde ficaram as duas lagoas separadas pelos terrenos, que, por virtudes de continuas alluviões, constituiram os sitios modernos, hoje conhecidos sob as designações de *Amendoaes*, *Lagoinhas* e *Relvas*. Hoje estes terrenos estão em posição mais elevada, comparados com os seus extremos — ao norte — Lagoa do Vizeu, ao sul Lagoa do Navarro.

A simples inspecção do terreno é o melhor documento que podemos exhibir em favor da nossa apreciação.

Por isso as nossas presunções de que devessem ter constituido sede das chamadas *peolafitas*, tendo por visinhança a caverna do Guiné, talvez o talayot ou Torre, e o *menhir* ou Penedo Gordo, são justificadissimas.

Ainda a *Lagoa do Vizeu* justifica a opinião que emittimos referente a assuntos muito mais poderosos e que se prendem mais ou menos á actualidade.

Sabendo pela historia que uma familia nobre gallaica escolhera o Algôs para o seu solar no tempo de D. Fernando I, rei de Portugal, é-nos licito indagar quaes foram os terrenos que constituiram esse solar e em que logar da povoação ou da freguezia esse solar esteve assente. Na povoação não encontramos indicio algum, ruinas ou tradições, que nos forneçam documento da sua existencia; na freguezia conhecemos quatro sitios, em cada um dos quaes ella podesse estar assente: Paço, Torre, Guiné ou Lagoa do Vizeu.

Na Quinta do Paço sabe-se que nos fins do seculo XVII residiam familias nobres aparentadas com uma das mais nobres familias desta provincia — Sarreas Garfias, como já provamos quando escrevemos daquelle sitio.

Na Quinta da Torre, que pode ter sido considerado *talaiot* dos tempos neolithicos, embora mais tarde sede de algum solar dos primeiros tempos da nossa monar

quia, ainda hoje existem ruinas da antiga moradia com a sua capella, completamente destruida.

No Guiné existem egualmente ruinas, de grande predio, que a tradicção affirma terem pertencido a um padre rico servido por muitos escravos negros, vindos de Africa; e a Lagoa do Vizeu, situada nas faldas do Serro do Guiné, e nas proximidades da Quinta do Paço e da Torre, constituiu até 1843 um praso pertencente á Coroa Portugueza. Conhecendo-se pela historia do nosso paiz que a facilidade que os nossos reis tinham em dar cidades, villas e terras aos fidalgos, que de Hespanha fugiam para Portugal, era exactamente egual á facilidade com que os nossos reis depois as tiravam sob qualquer pretexto, não commettemos crime suppondo que a Lagoa do Vizeu, então, como hoje, constituindo bellos terrenos, tivesse sido dada e tirada aos referidos fidalgos. Note-se que estas considerações são apenas arquitectadas no intuito de combinar os factos da historia com o que hoje vemos e presenciamos.

LAGOINHAS

Em continuação do sitio dos Amendoaes, na mesma linha, que tracemos, norte a sul, entre a Lagoa do Vizeu e Lagoa do Navarro, entre aquella Lagoa e os Amendoaes, fica o sitio das *Lagoinhas*. Os seus terrenos são egualmente areientos, silicosos. O nome do sitio está a indicar a sua origem das lagoas. Lagoinhas, na frazeologia do Algarve, equivalem a pequenas lagoas, terrenos mais ou menos encharcados, paludosos, pantanosos. Portanto podemos e devemos suppôr que primitivamente estivessem debaixo d'agua.

RELVAS

E' outro quasi na mesma direcção e comprehendido na mesma area. O nome do sitio está indicando a sua posição corografica: sitio baixo. E' egualmente silicoso. Reunido aos antecedentes sitios constituem um largo valle, que nos tempos prehistoricos deveriam estar cobertos de agua e formar um grande lago.

Do que deixamos exposto e tendo em consideração

que este lago em toda a sua extensão era limitado a nascente pelo Serro do Guiné, ao sul pelo Serro das Assumadas e a poente pela elevada posição dos sitios da Torre e Torrejão, qualquer destes sitios, povoados no periodo paleolithico, como está a indicar a grande caverna, podessem os primitivos habitantes do periodo neolithico ou na transição para o periodo dos metaes terem constituido no lago *palafitas*, de onde podessem melhor defender-se das feras ou dos seus inimigos, pois que estes não são filhos espontaneos das nossas modernas cidades.

Devemos aqui notar que mui proximo destes sitios fica o *Penedo Gordo*, que tambem não é habitado e por isso não figura no rol dos confessados da freguezia, nome aquelle empregado pelo povo para designar um bloco monstro, que talvez a nossa ignorancia nos dê a crer seja um *menhir*.

Nada mais diremos com relação á Torre e Lagoa do Navarro para não repetir assuntos aqui tratados.

MESQUITA

Chamamos para este capitulo a *Mesquita* por não ser mencionada entre os sitios da freguezia.

Como o nosso intento é sempre a verdade, embora a rudeza do nosso espirito não offereça grande criterio para a distinguir da mentira, fazemos sempre a diligencia de ser verdadeiro.

O grande sitio da Mesquita abrange uma area, parte da qual é habitada e pertence a freguezia extranha, e parte não habitada e pertencente á freguezia do Algôs.

E' de suppôr que antes das modernas divisões das freguezias todo o sitio da Mesquita tivesse pertencido ao Algôs, porque todo elle fica muito mais proximo de esta povoação do que aquella a quem a parte habitada actualmente pertence.

Pera é muito mais moderna do que o Algôs; sómente foi erguida ás honras de constituir uma freguezia, nos fins do seculo XVI.

Ora a palavra Mesquita designa o templo em que os mahometanos se prostram com a face voltada para Meca, onde residem os despojos de Mahomet. Parece

pois ter ali existido um templo mourisco, embora nenhuns indicios accusem a sua existencia.

Seria essa Mesquita monumento erguido quando os arabes dominavam na nossa provincia? Cremos que sim. Nenhuma razão havia para o povo portuguez, de outros costumes e crenças religiosas, querer conservar a memoria dos dominantes, dando aquelle nome áquelle sitio. E assim, se aquellas sepulturas encontradas no sitio da Amoreira, tambem não habitado, não são arabes, como realmente não são, é o sitio da Mesquita o unico que documenta o seu dominio na area desta freguezia. E é claro que, quando escrevemos o *unico*, referimo-nos ao unico até hoje descoberto e sem querermos repelir o nosso vocabulario, onde se encontram vastos documentos da lingua arabe na hoje lingua genuinamente portugueza.

CAPITULO XII

Caracter, usos e costumes dos algosenses

ESCREVEMOS este capitulo simplesmente por obediencia aos preceitos deste genero de trabalhos literarios. Ninguem nos exige de certo a razão por que prefeririamos não o escrever. Somos filhos do Algôs e ali temos tudo o que constitue as recordações mais santas do nosso tempo de meninice e de criança, e receiâmos de que nos averbem de suspeito.

Em geral o caracter algarvio é franco e aberto, sem exageros. Parece ser este, em todos os paizes, o caracter commum dos que habitam regiões lituraes ou destas aproximadas. Os homens são honestos, activos e emprehendedores: as mulheres espirituosas e engraçadas. Assim as classifica um velho escritor desta provincia; e pela mesma forma as classificamos, escrevendo mais precisamente do caracter dos filhos do Algôs. A honra é a sua primeira divisa; o respeito e a consideração pelas leis, e pelos que teem por dever pol-as em execução, constituem o fundo do seu caracter.

E' esta freguezia constituida na sua maior parte por lavradores, e estes, quer residam na povoação quer na freguezia, trabalham na sua propriedade todo o anno,

com aquella vontade que caracteriza o emprehendedôr deligente e activo. E não se encontram a sós na lucta com a terra, porque a mulher o acompanha quasi sempre e o auxilia nos trabalhos menos pesados. Em regra, na quadra em que os trabalhos ruraes mais apertam, a mulher, depois de limpar a casa, e de preparar a refeição propria, do marido, e, algumas vezes, das pessoas que traz a trabalho, em quanto não chegam as horas da refeição, trabalha em empreita ou concerta a roupa. Chegada a hora do jantar, ella o transporta para o logar onde trabalham, e ahi fica durante a tarde, auxiliando o marido. No trabalho das mondas, das ceifas e da apanhação dos fructos, é a mulher o maior auxiliar do marido. Nas noites grandes, se é pobre, trabalha em empreita, raras vezes em obras de pita; se é rica cose e remenda a roupa do uso ou preside a estes trabalhos.

São os homens essencialmente trabalhadores, e em todos os campos em que se tornam necessarios os seus serviços, revelam excellentes aptidões. O seu valôr, como o de todos os algarvios, tem sido de largos tempos e em difficeis emprezas, bem conhecido; e para não citar antigos factos, basta-nos dois: a *Valorosa Brigada do Algarve*, cujo titulo figura nas paginas da nossa historia como o mais subido monumento do nosso valôr; e os combates em Africa, onde os algarvios conquistaram o respeito e consideração do mundo inteiro.

Ouçâmos o que diz um auctor ácerca da *Valorosa Brigada do Algarve:*

«Ainda na guerra da Peninsula deram (os algarvios) exuberantes provas da sua valentia e denodo, pelos quaes mereceram particulares elogios dos generaes estrangeiros. O titulo da *Valorosa Brigada do Algarve* lhes prodigaliza o marechal Beresford na ordem do dia 11 d'agosto de 1813, mandando dar os seus agradecimentos aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados pelo seu brilhante comportamento na batalha dos Pyreneos em 30 do mez anterior. Nos combates desde o dia 9 até 19 de dezembro do mesmo anno se houveram os algarvios de tal maneira, que na Ordem do dia 30 do referido mez se expressa assim o mesmo general:

«A brigada do Algarve, que commanda o sr. brigadeiro Antonio Hippolito Costa, teve, com especialidade, occasião de mostrar ao inimigo que os homens, de que ella constava, são os mesmos que o expulsaram á baioneta das alturas dos Pyreneos no dia 30 de julho ultimo...S Ex.ª recommendará a S. A. R. estes corpos, assim como a *Brigada do Algarve*, para alguma distinção honrosa em memoria da sua boa conducta.»

Ora na *Valorosa Brigada do Algarve* entravam muitos filhos do Algôs.

Com relação aos combates de Africa, ninguem põe em duvida o valor do nosso algarvio. A noticia dos grandes combates e das grandes victorias eccoou no mundo inteiro Em um d'esses combates foi ferido um soldado na cabeça por uma bala, de raspão. Era na occasião em que o fogo corria mais vivo. Um capitão, que estava proximo do soldado ferido, vendo-o mais afincado na arma, obedecendo com todo o rigôr ás ordens do commandante, ordenou-lhe que se retirasse e fosse receber o curativo.

— Não, meu capitão, isto não vale nada.

E continuou a fazer fogo.

Todos os que leram este caso nos jornaes sentiram-se estremecer desde o fundo do coração, e não cessavam de elogiar o procedimento desse soldado, cujo nome então não vinha mencionado. Pois esse soldado é do Algôs e de todos bem conhecido. Um corpo debilitado tem todavia a força enorme de conter em si tão grande alma!

O campo das letras são os filhos do Algôs os que mais mostram desejar arroteal-o.

Não queremos aqui fazer comparações com outras povoações da mesma ordem nem com outras que se honram de ser villas ou cidades. Não repetiremos o que já escrevemos em outro logar.

São simples os costumes dos filhos do Algôs: as mulheres para se vestir não exigem dos maridos ou dos paes grandes sacrificios. Vestem com graça, mas não usam de tecidos de grande valor. E' que ellas sabem perfeitamente que não são os espartilhos, que arruinam o corpo, nem as vestimentas de subido preço, que as tornam mais bellas, mais honestas ou mais simpaticas.

Uma simples flôr collocada com arte no cabello tem mais valôr do que as azas de uma coruja num chapeo, que vem do estrangeiro por subido preço. Para nós, e para toda a gente que se preza, a belleza de uma mulher não consiste no valôr dos enfeites. Seja honesta, e assim possue a grande formosura d'alma.

Parece que no intimo do filho do Algôs está consignado um grande respeito pela sciencia sob todas as suas fórmas. E' espantosa a collecção de contos e lendas que correm nesta freguezia e que as velhinhas se encarregam de transmittir aos vindouros nas grandes noites de serão. Se Deus nos der alguns annos de vida diligenciaremos publicar todos esses contos e lendas já colligidas. Vê-se pois que emquanto as nossas velhinhas se encarregam de transmittir a sciencia do *passado* aos seus filhos e netos, estes, por sua vez, se encarregam de profundar as sciencias do *presente*. Completam-se avós e netos neste campo das sciencias.

Nos usos e costumes desta povoação póde o curioso encontrar a perfilhação das antigas civilizações. Vamos a este proposito contar um facto, que já tem cabellos brancos, pois data do tempo em que andavamos nos estudos.

Havia no Algôs um sujeito, conhecido pelo *Saque-lentrempes*. Não sabemos se o nome está bem escrito. Soava-nos assim. Este sujeito era muito pobre e cremos que de noite se encarregava de arranjar o alimento do dia seguinte. No tempo do figo, roubava figos; no tempo da alfarroba saía de noite com o seu jumento e voltava de madrugada trazendo o carregado de alfarrobas. Os que tinham figueiras desculpavam-lhe o furto de um cesto de figos, o que não lhe desculpavam era uma carga de alfarroba. Todos tinham uma certa complacencia com o pobre *Saque-lentrempes*, mas não chegava ella ao peso de uma carga de alfarrobas.

Em um dia encontramo-nos com o homem e com elle estabelecemos uma curiosa conversação.

— Como é que o senhor conhece de noite os figos maduros?

— Eu lhe digo, meu menino; de noite meto o braço nu por entre os ramos das figueiras, e os figos frios são os maduros, respondeu nos prontamente.

— E nunca foi apanhado de noite a carregar o seu jumento com alfarrobas alheias ?

— Nunca.

— Eu sei que o teem espreitado, e admiro-me de que o seu jumento o não tenha denunciado.

— Como ?

— Tenho ouvido dizer que o jumento, sentindo outro, se põe logo a zurrar; ora havendo nessa epoca tantos jumentos nos restolhos e tanta gente a guardar as alfarrobeiras, pasmo de que o seu jumento o não tenha denunciado.

— E' que o meu jumento não zurra quando quer e sim quando eu consinto.

Demos uma gargalhada.

— Não se ria, meu menino: falo verdade. O meu jumento não zurra logo que lhe dependure á cauda um peso qualquer. Nenhum jumento zurra sem que levante a cauda ; não a podendo levantar, não zurra.

Muitos annos depois, relatando aquelle caso ao nosso amigo Joaquim Antonio Teixeira, digno escrivão da comarca de Loulé, mostrou-nos um livro, onde se tratava dos costumes das tribus que habitam a região marroquina, e lemos que toda a vez que um *riffenho* tem de atravessar de noite com o seu jumento uma região e não quer que o sintam, prende á cauda do jumento uma pedra afim de que não zurre. Este costume não vieram os riffenhos aprender na escola do *Saque-lentrempes,* mas deixaram-no, quando d'aqui foram expulsos pelas hostes portuguesas; e ainda aqui se conserva.

Continuando no assunto deste capitulo, diremos ainda que sendo a estatistica criminal o documento mais valioso da moralidade de uma região, é essa estatistica muito favoravel a esta freguezia, onde, rarissimamente apparece um ou outro facto encriminado no nosso codigo penal com as penas maiores.

Tendo falecido as pessoas de maior representação deste povo e não tendo parallelamente sido substituidas por seus filhos, com residencia official em outros meios, o Algôs resente-se actualmente de falta de pessoal competente e habilitado para exercer uma certa ordem de funcções.

Não obstante, dotados de uma certa viveza natural e

de uma certa prudencia e reflexão, quando são chamados, os que ali residem, ao exercicio de certas funcções, em nome da lei as desempenham com relativa perfeição.

E' o filho do Algôs essencialmente hospitaleiro e essa qualidade serve de explicar a existencia, anno para anno, de uma população adventicia, que, no nosso entender, alguma cousa tem contribuido para uma substituição de costumes, com que não simpatisâmos. E' que ainda conservamos de memoria, apesar de velho, que nada ha mais contagioso de que o mau exemplo.

A'cerca do caracter e costumes da freguezia do Algôs podemos repetir a opinião de Charles Bonnet com relação aos algarvios: «*les Algarviens ont un bon caractère, doux, soumis, hospitaliers, mais amis de leur liberté; ils sont sobres, laborieux, courageux et non vindicatifs*».

CAPITULO XIII

Superstições

A dificuldade em conceber o mecanismo da natureza, a ligação desconhecida entre as causas e effeitos, e uma certa contrariedade nos fenomenos que lhe feriam a attenção, deviam convencer o homem de que havia mais de um espirito superior, mais de um Deus.

Viam que emquanto os rebanhos de uns medravam, os de outros eram atacados de doenças; que uns eram felizes, outros infelizes; que o raio matava e que o sol imprimia vida, e daqui concluiram que devia haver dois deuzes, um bom, o outro mau. Chegados a este ponto, e não podendo conceber que dois deuzes apenas podessem presidir a todos os fenomenos da vida, começaram a inventar mais deuzes, todavia mais ou menos subordinados áquelles dois. Collocados neste despenhadeiro, chegaram até a inventar deuzes que presidiam aos actos mais indecentes. Depois inventaram uns certos espiritos, menos do que deuzes e mais do que homens. E' ver a religião dos Druidas. Em pouco tempo os politheistas admittiam a magia, a nicromancia, os auspices, etc. e as *fadas*.

O povo na sua tendencia para o maravilhoso, crendo em tudo aquillo que não comprehende, e dando todos os visos de auctoridade a tudo quanto é simbolico, mais ou menos artificial, abraçou facilmente aquellas ideias politheistas, e tornou-se supersticioso por excellencia. E tão radicada ficou na sua alma a superstição, que nem ainda os mouros, que por tanto tempo dominaram na nossa peninsula, poderam arrancar do coração do povo taes ideias.

Por muito favôr o povo transigiu um pouco com as novas doutrinas, que não só se afastavam por completo das que até a esse tempo aprendera, mas estavam em completo desacordo com as que recebera. O que o povo fez foi adaptar as suas ideias supersticiosas ás impressões recebidas dos arabes, substituindo as *fadas* pelas *mouras encantadas*. E desta substituição resultou o paradoxo de figurar mouras, cujos olhos eram negros como o velludo, e cabello preto, por mouras encantadas, louras e de olhos azues, como eram as mulheres do norte — as fadas.

Pódem dizer-nos que o christianismo foi algo culpado de ter transigido com a superstição do povo. Não é verdade. Desde os primeiros seculos da Egreja o christianismo condenou a superstição, mas não pôde arrancar do coração do povo as suas ideias politheistas. A' força de se pregar contra a superstição, o povo para não ficar mal com as doutrinas da Igreja nem com as suas bellas ideias politheistas, fez uma mistura, que deu em resultado empregar palavras christãs nas suas praticas supersticiosas.

— Para curar sezões — diz uma vizinha, não ha remedio melhor do que erguer-se o enfermo de manhã, antes de nascer o sol, ir ao campo e prender ou amarrar uma trovisqueira, rezando ao mesmo tempo um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria*.

Responde outra vizinha: e para curar de constipações basta que o constipado seja benzido por uma mulher de *virtude*. A' terceira benzedura, tem a constipação saido.

— E para dores? Basta que o dorido amarre ou ligue a parte dorida com a *apostolica*

Chamam apostolica á estola!

E aqui temos actos supersticiosos envolvidos em palavras da igreja e alfaias usadas pelo christianismo.

E' pasmoso o que ahi corre de tolices pelo espirito do povo! Se uma creança morre, foi a vizinha que a embruxou; e essa vizinha tem de experimentar o castigo por parte do pai da creança, que, de ordinario, se reduz a uma grande sova.

Se um sujeito se arreceia de algum mau encontro, dizem-lhe: não saia de casa sem se benzer tres vezes e rezar o credo ás vessas.

Ha gente que não sae de casa, de manhã, em jejum, com receio de encontrar um *torto* e apanhar algum *quebranto.*

A mulher, que amamente alguma creança, sempre que tenha sêde, deve beber todo o conteudo no copo; pois que deixando alguns restos d'agua, póde succeder que outra mulher os beba, *apanhando-lhe* o leite — aconselham os entendidos nestas cousas de bruxaria.

Para se ter dinheiro durante o anno, basta comer romans em dia dos Santos Reis — diz o povo.

E' costume entre muita gente do campo lançar á rua toda a agua, que tem nos cantaros, no momento em que morre alguem de casa, porque a alma póde afogar-se na agua dos cantaros. Este processo é tambem usado entre o povo israelita: a explicação porém que esse povo dá é outra: deita-se a agua á rua porque póde o anjo da morte na agua limpar a espada cheia de sangue por ter ferido a pessoa, que morreu.

Não é licito fazer jornadas ás terças feiras, ás sextas e nos dias treze — aconselham.

— Não sabes? o vizinho F. apanhou a noite passada uma grande sova de um individuo, que não chegou a conhecer.

— Já esperava isso! aquelle mariola duvidou da minha virtude, dizendo mal de mim; mas eu hontem fui á missa, e roguei uma praga contra elle entre o levantar da hostia e do calix. Olha como a praga caiu logo!

— Fui á Senhora do Pilar ouvir missa — diz uma vizinha.

— Estás muito devota!

— Eu te conto: a alma de Maria Rosa appareceu ao José da Guilhermina. Este, que não é parvo, *requereu*,

e disse: Se vens da parte de Deus dize o que queres de mim. A alma respondeu: quero digas á minha filha que não tenho entrada no ceu, emquanto ella não mande dizer uma missa á Senhora do Pilar, promessa que eu fiz e não cumpri. Vae o José da Guilhermina contou tudo á filha e esta hoje mandou dizer a missa. Fui ver. Quando o padre acabou a missa, caiu a filha com um desmaio: era a mãe que lhe appareceu, agradecendo a missa.

Conversam dois compadres sobre a agricultura. Diz um: parece-me que o anno não termina bem.

— Não diga isso: fui á procissão das candeias (2 de janeiro) e as vellas conservaram-se acezas. Alem d'isto os jarros, que encontrei debaixo da minha figueira lampa dão muito trigo, cevada, centeio e cera, neste anno.

Succede ás vezes chover, fazendo sol. Ha logo quem exclame: maganas! E' que, quando chove e faz sol, estão as bruxas a pentear-se.

Ha entre o povo benzeduras para tudo. Ha mulheres gulosas, digo, *virtuosas*, que teem nas benzeduras remedio para todas as doenças. Por isso entre o povo corre como certo que toda a gente sabe curar, menos os medicos.

Ninguem calcula o mundo de superstições que corre entre o povo, que é a fonte inexhaurivel onde a golosa vae buscar a mama de que se alimenta.

E' um grande achado encontrar uma dessas pedras, chamadas pedras de raio, que são, nem mais nem menos, instrumentos de que os paleolithas e neolithas se serviram. Guardam essas pedras, porque o raio não ousa entrar em casa, onde exista uma dessas pedras.

E quem ensinou isso aos povos?

São as tradições que lhe ficaram dos povos polithistas atravez do espaço e do tempo por intermedio dos seus ascendentes. Conta Plinio que em Roma se acreditava que com os raios caiam umas pedras, que os polithistas affirmavam ser caidas do céu, e por isso gozavam de muitas virtudes, entre as quaes a de livrar do lar domestico, de ali cair raio. Estas superstições do povo romano estenderam-se por toda a parte. Na Italia, ainda hoje, a estas pedras chamam *linguas de S. Pedro* e quando algum camponez encontra uma dessas pedras,

ajoelha devotamente, e apanha a pedra com a lingua.

Em França dependuram-nas ao pescoço como amoletos para que os livrem do quebranto.

Mas se o povo é ignorante, não sabe ler, onde aprendeu tudo isso?

Bebeu essas lições com o primeiro leite, e com os *contos* das mães e das amas.

No entanto devemos dizer que o povo antigo na pratica das suas superstições tinha uma grande virtude - sabia ser poeta. Que poesia não encontramos na discri: ção das suas fadas em carros de ouro e ainda nas suas mouras encantadas a pentear-se á meia noite e com os seus pentes de ebano ou marfim?!

O nosso povo de hoje sómente soube copiar o *feio* da superstição, sem se importar com os atavios.

— As bruxas —ensinam os crentes nesta torpeza — á meia noite de todas as sextas-feiras, untam o corpo com os novellos, e arrastadas atravez do ar, vão parar a um sitio onde se costumam reunir, e alli prestam o preito de homenagem a um bode preto (o diabo) beijando-lhe o trazeiro.

Que poesia tão nogenta, e que bem parece ser inventada pelo mais reles criado de uma cavallariça! E ouvem os crentes com profundo respeito estas *historias*, que nauseosamente fedem a estrume a quarenta leguas de distancia!

Ha pouco tempo foi condenado um homem por ter espancado uma velha. Apurou-se no julgamento que as pancadas tinham sido aplicadas por virtude de umas suspeitas de que a velha lhe tivesse matado um filhinho por ser bruxa.

E' claro, alem de quinze dias de cadeia, foi tambem condenado nas custas do processo. Ao sair da cadeia, tivemos occasião de lhe fallar a este respeito.

Suppunhamos que o homem saisse da cadeia emendado. Qual historia! Apenas nos viu, disse: se a torno a apanhar a geito, e sem testemunhas, desanco-a (referia-se á pobre velha).

— Não creia nessas tolices! — respondemos-lhe.

— Se o senhor tivesse um filhinho e uma desavergonhada o matasse, entrando de noite em sua casa, não fallaria assim!...

— Então crê que uma pobre velha entrasse de noite em casa para matar o seu filho?

— E eu não conheci os dentes da maldita velha nas chagas abertas no corpinho do meu filho? disse o pobre homem a chorar.

Continuava convencido de que a velha lhe matara o filhinho á dentada, conhecendo até os sinaes dos dentes! Conheciamos a velha e observamos-lhe que a velha não tinha dentes.

— Pois então foi com as unhas! exclamou ainda mais irritado.

E creiam que não será nos seculos proximos que a tolice do bruxedo e as superstições do povo desapparecerão da face da terra.

Em criança ouvimos a seguinte historia:

«Havia um homem casado, que, acordando de noite, não sentiu a mulher na cama. Ficou pasmado, e não mais pôde adormecer. Antes da madrugada sentiu entrar a mulher na cama, e elle fingiu que dormia. Era uma sexta feira. Levantou-se o homem de manhã e foi contar a um tio, pessoa edosa, o que lhe succedera; e o velho que tinha muito experiencia, disse logo:

— Estás muito mal: és casado com uma bruxa. Espreita-a na proxima sexta feira.

O marido seguiu o conselho. Sentiu a mulher sair da cama, e elle seguiu-a pé ante pé. Viu que a mulher num quarto proximo se untava, dizendo:

Por cima da silva
Por baixo da oliva.

E logo que terminou aquellas palavras o telhado abriu-se e ella saiu pelo telhado.

O marido immediatamente untou se com os mesmos novellos, e, atrapalhando-se, disse:

Por baixo da silva
Por cima da oliva.

Immediatamente sentiu-se arrastado atravez dos ares, mas quasi ao mesmo tempo sentiu o corpo como atravessado por bicos de alfinetes. Desmaiou, acordando

do desmaio ao romper d'alva. Viu-se por baixo de um grande silvado. A muito custo saiu d'ali nú como saira de casa. Um pastôr que o encontrou teve dó delle e deu-lhe fato. Soube então o pobre homem, que estava a cincoenta leguas distante da sua casa ! Pedindo esmolas, chegou a casa, encontrando a mulher entre portas.

— O que tens feito de ti durante estes dias? perguntou ella.

— Dei-me mal com a oração que me ensinaste : *fiquei preso debaixo da silva.*

A mulher abriu uns olhos tão grandes que mettiam medo. O homem fez logo o signal da cruz, e a mulher deu um grande estoiro, impregnando o ambiente de cheiro a enxôfre.

E toda a gente que ouvia o conto se persignou cheia de susto. Todos ali acreditavam no bruxedo.

E note-se que toda a gente a quem se fale no bruxedo finge não acreditar em bruxas; tão convencida está da tolice ; mas no intimo, e quando encontra alguem que finge acreditar, está pronta a fazer côro e repete as muitas historias que tem ouvido ácerca das bruxas.

No momento em que estamos escrevendo, está presa uma criança que diz ter na barriga o *espirito* d'um padre, que lhe dita certas palavras. A auctoridade administrativa que a mandára prender era sobrinho por afinidade d'esse padre. Toda a gente do povo parou em frente da esquadra para admirar a creança. Aconselhada pelos medicos a auctoridade fez recolher a criança ao hospital. Nessa mesma noite uma parente dessa auctoridade, que mais crê em bruxas de que um fiel judeu na maldade do toucinho, foi ao hospital, passando-se ali uma engraçada scena de bruxaria. E' que todos os que tinham figurado na prisão da criança acreditavam em bruxas, inclusivamente a auctoridade administrativa, que não tendo feito estudos, acreditava no que a ama lhe ensinára em criança. E' a versão mais favoravel, para não dizer que ella queria vingar o *espirito* do tio das calunias que lhe attribuia a criança epiletica.

E parece impossivel como gente que se diz catholica, apostolica romana ; que priva muito particularmente com os ministros da santa religião e que vae todos os

domingos á missa, confessa-se e communga todos os annos pela quaresma, pode conciliar a religião e a superstição. A religião a ensinar que ha um só Deus, e ellas a acreditar que as bruxas gosam do privilegio de andar pelos ares, quando bem untadas com os novelos!

E' tempo de pôr o remate a este capitulo que nos enche de nôjo. Creia o povo que isto de bruxas e de superstições foi inventado por algum faminto espertalhão, que assim dispoz tudo de fórma a comer á barba longa sem trabalhar. A superstição começou em uns tempos de barbaria e em que o povo era um cego. Agora que o povo já *dá sota* e *az* em assuntos religiosos e politicos; que se faz egual a Deus, e proclama a republica, é uma vergonha que viva ainda sob o ambiente da tolice mais rematada, fazendo substituir a Divindade pelo bruxedo e pela manigancia.

Na verdade, é incalculavel o grau de superstição do nosso povo em todos os actos da vida. Nada se deve fazer sem muita attenção, para que o *enguiço* nos não persiga.

«Quando apparece a lua nova devemos mostrar-lhe o dinheiro que trazemos nos bolsos, se quizermos sempre ter dinheiro durante o mez».

«Um banho no mar em a noite de vespera de S. João, á meia noite, põe-nos a salvo de sezões, durante o anno».

«Se não quizermos soffrer durante o anno dôr de cabeça, basta comer ave de penna em dia da Ascensão do Senhor».

«Não é bom beber agua de noite, quando acordamos com sêde, porque a agua tambem dorme, e sendo acordada, pode irritar-se e fazer-nos mal».

Vá lá! esta superstição tem o seu fundo de hygienica.

«Uma coruja a piar sobre o telhado da casa, onde está alguem doente, annuncia a morte dessa pessoa».

«Quando alguem morre, ficando com um dos olhos meio aberto, annuncia que dentro de pouco tempo, morre outra na mesma rua e morre do lado em que o olho ficou meio aberto.»

«Se uma mulher tiver sete filhos a eito, um será lobishomem, se filhas, uma será bruxa, e para que esta

não seja bruxa, deverá sua irmã mais velha ser sua madrinha do batismo.»

«Não é bom possuir galinha que cante de galo, porque é enguiço.»

Falando das bruxas, diz o ignorante camponez:

«As bruxas entram nas casas pelo buraco da fechadura, em noite alta, e sugam o sangue das crianças, reduzindo-as a esqueletos. Pelas noites sombrias reunem-se nas encrusilhadas e depois de prestar o preito da homenagem ao bode preto, poem-se a gritar sinistramente; outras vezes entreteem-se a desnortear o aldeão que anda toda a noite perdido.»

Falando da feiticeira o aldeão distingue-a da bruxa: aquella apenas está iniciada nas praticas dos *quebrantos*, no deitar cartas, e nas benzeduras.

Falando do bolishomem diz:

«Se um casal tem sete filhos, um será lobishomem, e este tem de cumprir o seu *fadario*. Levanta-se todas as noites, vae a uma encrusilhada e espoja-se, transformando-se em jumento, e assim transformado anda em correrias, fazendo mal a quem encontra. Toda a vez que ouvirmos cantar um galo fóra das horas costumadas annuncia andar proximo um lobishomem».

Para combater os maus olhados da feiteceira, a influencia das bruxas e dos lobishomens nas crianças, ha um remedio — diz o camponez —; esse remedio consiste em dependurar ao pescoço das crianças a *figa*, o *corninho* e toda a especie de *amuletos*.

Para combater o *quebranto* torna-se necessario consultar a benzedeira e sujeitar-se á benzedura. Não sabemos como a benzedeira se desempenha d'esta missão na freguezia do Algôs; é de suppôr que faça o que as mais fazem em outros sitios. Em Loulé a benzedeira emprega o seguinte processo: Sustenta ella na mão direita um rosario de contas, e acenando para o rosto do *enfermo* com a cruz do mesmo rosario, vai fazendo cruzes ao mesmo tempo que resmunga a seguinte oração:

«Em nome de Deus e da Virgem Maria, a mãe de Deus vá adiante, que a minha não tem valia. José! (se é este o nome do enfermo) Deus te fez e Deus te criou. Perdoe Deus áquelle que mal te olhou. Se é da cabeça, S. João Baptista; se é dos olhos Santa Luzia; se é do

pescoço, Senhor do Horto; se é dos dentes, Santa Apolonia; se é dos braços, Senhor S. Marcos; se é da barriga, Santa Margarida; se é do estomago, Santo Ignacio: se é das pernas, Santo Amaro; se é dos pés, Santo André; se é das costas, Senhora das Brotas; se é das guellas, Senhor S. Braz; se é da cara, Senhora Santa Clara; se é do peito Senhor do Leito. Em louvôr de Deus e da Virgem Maria, Padre Nosso e Ave Maria. (Reza-se um Padre Nosso e uma Ave Maria).

Estas rezas repetem-se durante nove dias, e em cada dia nove vezes. No fim de cada sessão offerece-se a mesma reza á Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jezus Christo, e aos Santos e Santas que entram na benzedura para que de commum accordo collaborem na cura do enfermo.

A esportula da benzedeira é sempre paga adeantadamente.

Fica-se formando triste ideia de quem dá creditos a estas intrujices, vendo hoje radicados no povo que continúa a dizer-se cotholico, acceitando, como remedios, processos condenados pela Igreja. E chama cada um para si as honras de ser um ente racional!...

Qual historia! gente que crê nestas patranhas não é gente racional!

CAPITULO XIV

Contos e lendas

Em uns *Questionarios* que em tempo nos enviou o abbade de Miragaia, continuador do *Portugal Antigo e Moderno*, começado a publicar pelo fallecido benemerito Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, chamava aquelle escritor a nossa attenção para os *contos* e *lendas* da nossa freguezia. E' evidente que os *contos* são uma menemonica das antigas civilizações. Assim como os antigos povos deixaram sobre a terra e no seu interior os instrumentos de que se serviam e bem assim outros documentos da sua existencia, assim tambem deixaram semeados na memoria dos seus descendentes os seus contos e as suas lendas.

Do estudo, porém, feito por sabios investigadores, apurou-se que os *contos* com as suas variantes correm por diversos povos dos diversos continentes, ainda mesmo naquelles que por muitos seculos foram relapsos ás modernas civilizações; e por isso, para o effeito de uma *Monografia*, parece-nos muito secundario este capitulo. Podemos affirmar, por uma longa collecção feita entre as diversas povoações d'esta provincia, que os contos, na sua essencia, embora com algumas va-

riantes, são os mesmos. O que se conta na freguezia do Algôs, vindo da tradição, é quasi o mesmo que se conta nas outras freguezias da provincia. Os *instrumentos* da tradição teem-se encarregado de transmittir atravez do povo, que fala a mesma lingua, os contos que conhece.

Formámos uma collecção de mil e quatro contos colligidos nesta provincia, pequena parte dos quaes publicámos no volume primeiro dos nossos *Contos Tradicionaes do Algarve;* e comparando os contos colligidos em todas as povoações em relação a um dado assunto, quasi nenhuma differença fazem entre si. Por esta razão abstemo-nos de publicar os *contos* e *lendas* que correm nesta freguezia por serem semelhantes aos que correm noutras freguezias.

Convencemo-nos da utilidade desses contos quando localizados em uma freguezia, ou antes, quando se refiram a um dado local dessa freguezia; e é naturalmente com referencia a esses contos de que o *Questionario* se occupa. Nesta freguezia, porém, não vemos local a que um conto se refira.

Em relação á ermida da Senhora do Pilar ha uma lenda, que é commum a todas as ermidas, pelo menos d'esta provincia. Diz a tradição que a Senhora appareceu no cimo do outeiro, onde hoje está edificada a sua Ermida, e que os povos d'aquelle tempo conduziram para o templo da Matriz a Imagem além encontrada, mas que a Senhora continuára a apparecer no cimo do outeiro, mostrando assim que ali queria ser venerada. Teimando o povo, e teimando a Senhora, teve o povo de ceder, mandando ali construir aquella Ermida.

Ha dois annos tentámos apurar a data da fundação da Ermida. Parecia-nos extraordinario que em toda a provincia houvesse sómente duas Ermidas com aquella invocação. Escrevemos ao nosso amigo, o muito digno secretario da camara eclesiastica de Faro, afim de que investigasse ali do processo que deveria ter corrido pela camara eclesiastica para a sua fundação. Embora aquelle nosso amigo empregasse todo o seu zelo, não encontrou o alludido processo.

Escrevemos em seguida ao nosso eximio escritor, o sr. Alberto Pimentel, que acabava de publicar o seu

muito interessante trabalho —*Historia do Culto de Nossa Senhora em Portugal* — e sua ex.ª respondeu-nos immediatamente, dizendo não ter encontrado documento algum que se referisse áquella Ermida. Por isso desistimos da empreza, que tentavamos encetar, ficando apenas com a lenda, que consta da tradição, e que consideramos um *logar commum* de todas as Ermidas.

E nada mais sabemos.

Quando publicámos as *Mouras Encantadas* e os *Encantamentos no Algarve*, colligimos na freguezia do Algôs o seguinte conto ou lenda:

A dois quilometros do Algôs, ha um sitio denominado a *Azinhaga das Quintas*. E' um sitio escuro e sombrio. De remotas epocas vem a lenda que affirma achar-se ali encantado um mouro na figura de um carneiro.

«Em certo dia de manhã, corria pela povoação uma noticia, que poz toda a gente de sobresalto. Era o caso que na noite antecedente, pelas 12 horas, passando por aquelle sitio um individuo, chamado Manuel Botão, vulgarmente conhecido por Manuel Botanito, teve precisão de sair da estrada a satisfazer uma necessidade corporal. No momento de se baixar sentira uma formidavel pancada nas costas, que o Botanito affirmara ser a marrada de um carneiro, o tal carneiro encantado.

«Esta noticia foi logo confirmada pelo proprio paciente, que viera de sua casa, montado num jumento, no intuito de mostrar ao medico Vianna as suas costas maltratadas.

«Toda a gente se acercou do enfermo, duvidando alguns da veracidade do caso.

— Talvez você tivesse saido do povo um pouco *enxofrado* (bebedo) e desse alguma queda —observou-lhe alguem.

O Botanito não gostou da observação e respondeu que não costumava a cair com bebedeiras e muito menos de costas.

—Mas você viu o carneiro ?

— Não o vi, mas senti e ainda sinto a marrada. Quando me escapei, de corrida, ouvi perfeitamente os *berros* do carneiro.

«Esta resposta causou susto nos crentes em sortile-

gios. Manuel Botanito bebia a sua pinga, mas nunca mentia.

«Passados mezes, gabou-se certo moiral de gado caprino de que estando de guarda ao seu rebanho, que pastava de noite em relva alheia, sentira passos na estrada. Occultou-se por detraz de uma arvore, pronto a dar o sinal de fuga ao gado, caso os passos fossem do dono da relva. Então viu o Botanito, que, saltando fora da estrada, se foi baixar mesmo ao seu lado, debaixo da arvore, sem ver o moiral. No momento mais critico, o moiral que bem conhecia o Botanito, um medroso, incapaz de qualquer resistencia, dera-lhe uma forte pancada nas costas; pancada que tanto atemorisou o paciente que este, de calças na mão, desatou a correr, gritando *Aqui d'El-Rei*.

Ninguem deu credito ao pastôr.

Ainda hoje corre no sitio a lenda do mouro encantado em carneiro !

Já nos referimos á lenda das falas que se ouviam nas entranhas da caverna do Guiné, como aos *urros* que soam no interior da lagoa do *Navarro*.

Com relação a um poço que existe no cimo do outeiro da Senhora do Pilar, dentro da sacristia, corre nesta freguezia uma lenda, que nossa saudosa mãe muitas vezes nos contava por a ter ouvido aos seus antepassados.

«Houve em tempos antigos uma boa mulher, que em certo dia amanheceu muito doente dos olhos. Não os podia abrir, por que a luz do dia os feria dolorosamente. Consultou medicos, usou de remedios caseiros, mas as dores eram de cada vez mais cruciantes. Em um dia appareceu-lhe uma mulher desconhecida e disse para a enferma :

— O que tem ?

— Muitas dores nos meus olhos, minha senhora.

— Por que os não tem lavado com a agua da fonte da Senhora do Pilar ?

— Na Ermida da Senhora do Pilar não ha fonte nenhuma, respondeu a enferma.

— Ha, sim. Vá á ermida e junto da parede a poente, esgravate a terra com as suas proprias mãos e apparecer-lhe-á agoa, com a qual lave os olhos e ficará de todo curada.

Disse a desconhecida estas palavras e despediu se.

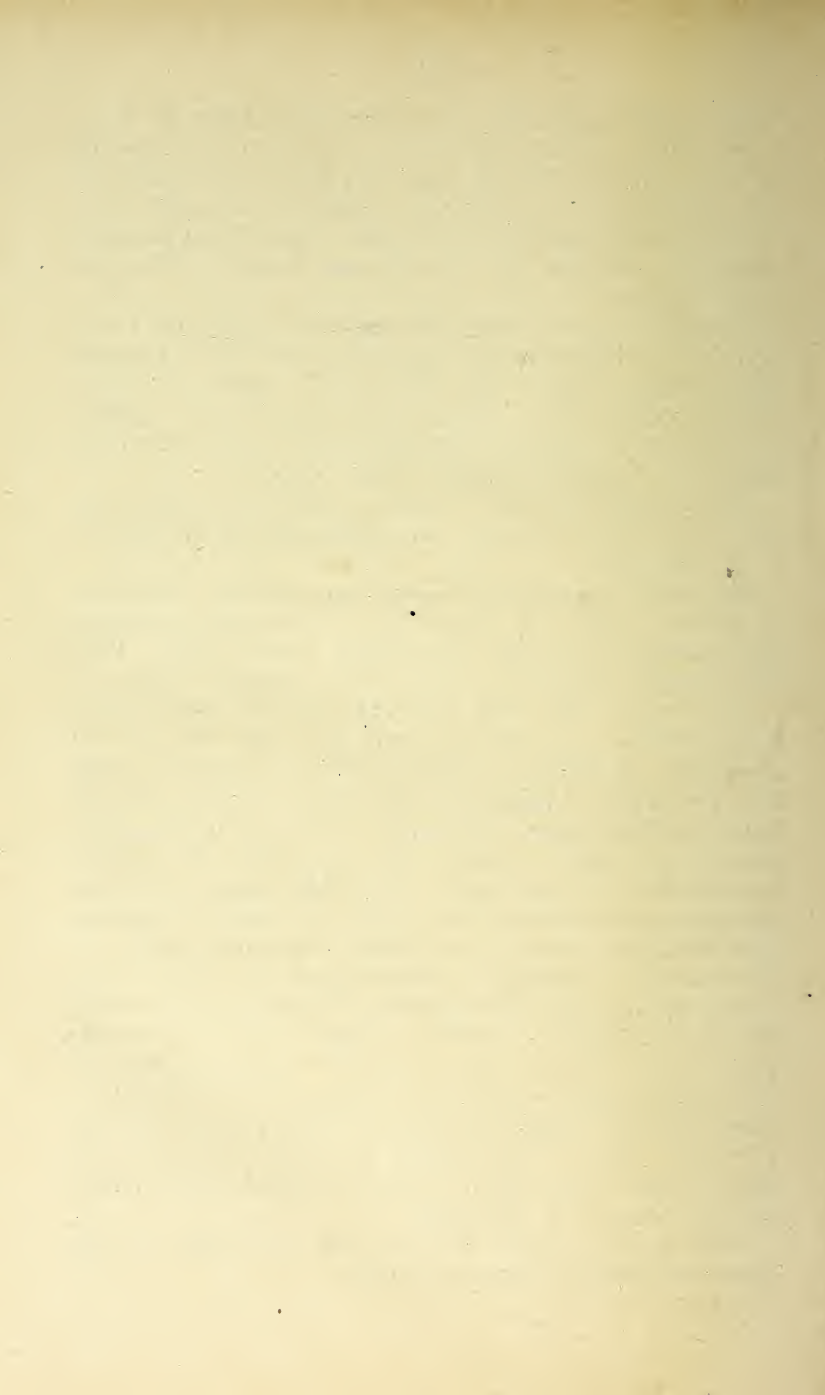
Não mais a pobre enferma se esqueceu do conselho da desconhecida. No dia seguinte, antes do nascer do sol, dirigiu-se para a Ermida e seguiu á risca o processo aconselhado pela desconhecida. Logo lhe appareceu humidade e depois agoa com a qual lavou os olhos, ficando curada.

Convenceu-se a mulher de que a desconhecida era a Senhora do Pilar, deu graças á Virgem e veiu á povoação publicar a maravilha. Reuniu-se o povo, e com o paroco á frente, foi á Ermida, deu egualmente graças á Senhora, e mandou logo construir uma sacristia a poente da Ermida, ficando a fonte dentro.

Eis a lenda tal como a ouvimos, muito annos antes da historia que succedera no apparecimento da Senhora de Lourdes.

Ha ainda outra *historia*, que um gracioso inventou no seculo XVIII com referencia ao nome da povoação, que esse gracioso quer seja Algôz e não Algôs. Tem certa graça a *historia*, contada nos seguintes termos :

Era a povoação ainda nascente, mas não tinha nome. Resolveram os moradores reunir se e dar nome á sua povoação. Reunidos, resolveram fazer uma procissão, levando nesta a imagem de um santo da altura de um homem. Ora o logar que havia de ser occupado pelas ruas estava ainda povoado de arvoredo. Ao passar a procissão por um logar, não pôde passar o andor, porque a *pernada* de uma arvore lhe obstava a passagem. Pediram ao dono da arvore a cortasse para o andor passar ; o dono da arvore oppoz-se. Levantou-se ali mesmo uma grande questão, e o paroco, para evitar maiores desgostos, resolveu cortar a cabeça ao santo para o andor passar. Assim se fez. Como o paroco tinha por inimigos a maioria da freguezia, esta, para ficar registada a malvadez do paroco, resolveu que á povoação fosse dado o nome Algôz. E como o mal prevalece quasi sempre foi este o nome pelo qual muito tempo foi cognominada a povoação.

Tem graça a lenda, embora em opposição a tudo que a verdadeira historia regista.

CAPITULO XV

Martires da liberdade

Chamamos martires da liberdade aos que por ella se sacrificam e derramam o seu sangue; e pela liberdade se sacrificaram muitos filhos do Algôs principalmente nas luctas travadas em 1833. Causa-nos pena commemorar essa epoca fatidica, mas é necessario commemoral-a pois que o mais puro sangue dos filhos do Algôs regou a terra em que a arvore da liberdade mergulhou suas raizes.

A liberdade é uma daquellas moedas, cujo valor sómente pode ser apreciado por quem saiba ler. Por isso justifica se o procedimento daquelles, que, receiosos de que a escravidão os empolgue, expõem a sua vida e derramam o seu sangue em defeza da liberdade.

Sem liberdade não póde haver religião, porque a religião só póde ser comprehendida pelo homem que é livre. Sêde perfeitos — diz o Evangelho — o que equivale a dizer — *sêde livres*, porque a perfeição não póde coexistir com a escravidão.

Homens cheios de vida, tendo ao seu cuidado a vigilancia de suas numerosas familias, que se desprendem de todos esses laços sacrosantos, e vão para o campo

da morte terçar armas em defeza da liberdade, teem jus a que se lhes erga um altar no templo da patria. São os verdadeiros martires da patria como os santos, que se deixaram sacrificar pela religião, são os martires dessa religião. No altar da cruz entoamos himnos que sobem ao ceu envoltos nas espiraes do incenso em honra dos santos; no altar da patria, entoamos canções em honra dos heroes, que perderam a vida em defeza da liberdade. Santa religião! Santa liberdade!

Intendeu-se por muito tempo que a liberdade era uma formula inventada pelo jacobinismo, formula vã e sem sentido ou significação: é um erro; e esse erro bem o conheceram aquelles filhos do Algôs que por ella deram o seu sangue.

Vejamos quaes foram esses martires, que cairam sob a metralha dos guerrilhas em Albufeira, em julho de 1833.

Primeiro—Antonio Alexandre Gonçalves Vieira. Era um padre! Os que commettiam um assassino, não duvidavam de, ao mesmo tempo, dar vivas á santa religião!

Segundo — O major Joaquim Gonçalves Vieira.

Eis como o autor da *Memoria dos desastrosos acontecimentos de Albufeira*, testemunha presencial, narra a sua morte: «Ali (nas casas da camara) Manuel dos Santos, que fôra sempre ajudado e protegido do major Joaquim Gonçalves Vieira, atirou um tiro contra o seu protector, entrando-lhe a bala na barriga. Debalde lhe gritava que o não maltratasse, pois fôra sempre seu protector; mas a nada se movia o guerrilha infame. Nas ancias da morte o corpulento major, agarrando-o e metendo-o debaixo de si, de tal maneira lhe apertou as guellas, que o canalha ali mesmo seria punido com a pena de talião, se nesse momento de mutua agonia não chegasse outro guerrilha, Julio de Mattos, que salvou o Santos, acabando de matar o major».

Terceiro — Diogo Maria Gonçalves, um academico, que suppomos filho do antecedente. Já então o Algôs, amando a liberdade, amava a sciencia. Bemdita sois, povoação immaculada!

Quarto — Gregorio Nunes Mascarenhas, filho do coronel Diogo João, do Algôs, e a esse tempo casado em Alcantarilha.

Quinto — José Diogo Mascarenhas, tambem filho do coronel Diogo João, do Algôs. Era uma criança, mas os malvados, sabendo que era filho de um grande *malhado*, entretiveram-se em atiral-o ao ar, recebendo-o na queda nas pontas dos chuços e das baionetas. Morreu, feito pedaços!

Sexto — João Marreiros Neto. Mataram-no os guerrilhas, quando, de Alcantarilha para Albufeira, o encontraram.

Setimo — Eugenio Gonçalves Vieira, pae de Joaquim Gonçalves Vieira, major reformado, em Extremôs.

Oitavo — José Baptista, official de barbeiro.

Nono — José do Carmo... Esse não. Foi mais feliz. Quando soube da capitulação assinada, dirigiu-se ao tio, o major Gonçalves Vieira, a despedir-se.

— Para onde vais?

— Despenhar-me da rocha abaixo. Não confio na capitulação.

— Sobrinho, pensa bem. Uma capitulação foi sempre um pacto sagrado.

— Pois sim, meu tio; mas eu prefiro morrer arrebentado da queda provavel a cair aos tiros certos de uns bandidos.

— Olha que commettes uma imprudencia...

Pouco tempo depois choviam as balas dos guerrilhas sobre um homem que descia a rocha ingrime, apenas agarrado ás suas arestas. O homem caiu ao mar.

Minutos depois eram assassinados na villa 74 liberaes. Era o dia 27 de julho.

José do Carmo caira ao mar, mas incolume. Nadou sob a agua e foi descançar junto de uma rocha, escondendo-se. Chegada a noite, dirigiu-se por entre o arvoredo para o Algôs, afastando-se sempre das estradas, então muito transitadas pelos moradores do campo, que corriam a Albufeira, pois era publico que a villa estava a saque.

Chegado o nosso homem proximo de um monte no sitio dos Baians, aproximou-se e matou a sêde, bebendo em um testo, onde as galinhas bebiam.

Chegou ao povo, e bateu á porta de sua tia.

— Quem bate? perguntaram de manso.

— Eu, minha tia.

— Ai, sobrinho, foge; se o criado te conhece, mata-te. Elle é quem governa hoje nesta casa.

— Mas, minha tia, fugido venho eu de Albufeira, e morrendo de fome. Esconda-me nalgum quarto.

Então a pobre senhora abriu a porta cautelosamente, indo o sobrinho esconder-se num quarto, onde se con servou durante tres dias, fugindo no quarto dia com receio do criado.

E onde estavam os liberaes do Algôs?

E' facil a resposta: uns tinham sido assassinados em Albufeira; outros andavam fugidos á sanha dos guerrilhas; outros tinham sentado praça na divisão expedicionaria, desembarcada em Cacella, e outros finalmente não tendo exhibido as suas opiniões politicas, continuavam a occultal-as e por isso nenhum auxilio prestavam por medo das denuncias.

Quando os guerrilhas entraram no Algôs, roubaram o estanco publico, que era administrado por um membro da familia Gonçalves, e roubaram a casa do coronel Diogo João. Ali roubaram tudo que poderam, e pozeram a saque armazens, e os depositos de azeite. Quem queria, ali ia roubar.

Nesse dia Escolastica, casada com Francisco Nazario, vendo que todos os seus conhecidos iam roubar os armazens do coronel, censurou o marido por não fazer o mesmo.

— Eu não sou ladrão, respondeu o marido.

Disse estas palavras e safou-se com toda a ligeireza, porque a mulher, guerrilha inflamada, agarrando em uma tranca, desancal-o-ia, se não fugisse.

Cousa notavel! Em occasiões de revoltas é sempre a mulher que lhes imprime a nota mais sanguinolenta! Isto não succede sómente em Portugal, mas em outros paizes. Por isso quando lemos poeta moderno denominar a mulher *flôr brilhante da humanidade*, e entoar odes ao *sol e ao ornamento do mundo*, *á aurora da vida* e outras facecias, quasi nos dá vontade de pedir um novo 1833, afim de que novamente se experimente os *espinhos de taes flôres*, o *calor de taes soes*, e *não sei mesmo se o raiar de tal aurora.*

Por um effeito especial do seu organismo, a mulher e sempre, nas grandes revoltas populares, a que mais

se exalta e irrita; ora a mulher que se irrita muda de sexo — escreveu o conselheiro Bastos.

Tudo quanto neste capitulo temos narrado nos foi communicado, ha muitos annos, por pessoas que foram contemporaneas dos successos. Viu-se naquelle tempo que a massa bruta popular, embora protegida por uma familia, nem a essa familia poupa nos momentos de revoluções populares; viu-se tambem que uma pequena minoria pode dominar a maioria, quando aquella se sabe impôr.

Albufeira, uma villa importante, com bastantes elementos auxiliares de individuos que para ali se tinham dirigido para reforçal-a, não soube resistir aos guerrilhas, cujo numero não chegava a trezentos homens. E não soube porque não havia confiança. Receiavam-se dos proprios que os acompanhavam.

Diremos ainda que os principaes culpados dos excessos commettidos na villa foram uns falsos apostolos, que proclamavam guerra de exterminio contra os liberaes em nome da religião santa do christianismo.

Um dos mais temiveis guerrilheiros, que entraram em Albufeira, era o ferreiro de Benafim, que se apresentava, levando dependurado ao peito um crucifixo! E erguendo este crucifixo, punha o arcabuz á cara, disparava a arma, assassinava o infeliz, e punha-se em seguida a gritar: viva a santa religião!... e a estes gritos respondia a infame cafila: viva o sr. D. Miguel, viva a santa religião!

Não desvendâmos mais torpezas.

Infelizmente, ainda hoje existem nesta freguezia descendentes de dois guerrilheiros graduados, que bastante notaveis se tornaram naquelles tempos, pelos seus excessos e pelos seus crimes. Não devemos envergonhar os netos dos crimes dos avós. Nem agora é occasião de chamar a responder perante a opinião publica aquelles que desceram, ha muitos annos, á sepultura.

CAPITULO XVI

Familias illustres do Algôs

Não podendo consultar os arquivos e os tombos afim de fazer uma exacta enumeração das familias, que nesta freguezia residiram desde os primeiros annos de constituição da nossa monarquia, valer-nos-emos apenas das fundadas tradições e de alguns documentos, em epocas mais avançadas.

Sabe-se pela historia que entre os annos de 1367 a 1383 uns fidalgos hespanhoes vieram residir no Algôs, então villa, e aqui constituiram o seu solar. O chefe desta familia, D. Guarcia Tenreiros, acompanhado de seu irmão, e dos seus filhos, aqui affirmaram a sua importancia, construindo predios apalaçados, dois dos quais foram, certamente, a Quinta da Torre e a Quinta do Paço.

Não podemos hoje organizar uma *arvore de geração* e ligar os Tenreiros aos seus descendentes, valendo-nos do arquivo paroquial, pois é sabido que estes arquivos sómente nos fins do seculo XV é que foram ordenados.

Dos arquivos constituidos pelas proprias familias acerca das suas linhagens, poderiamos obter valiosos subsidios, mas aonde il-os procurar hoje?

Por uma carta, que tivemos a honra de receber do ex.mo sr. Visconde de Sanches Baena, parece que Manuel Lopes Guisado, que serviu de Pagador Geral da Gente de Guerra, Fortificações e Marinha do Reino do Algarve, desde junho de 1723 até fim de dezembro de 1733, morador na Quinta da Torre, desta freguesia, descendia dos fidalgos Tenreiros. Deste modo os descendentes dos Tenreiros acham se representados pelas illustres familias Sarreas Garfias. Como estas familias desde remotas epocas se ligaram ás familias Mascarenhas, é de crer que em suas veias corra o sangue d'aquelles fidalgos.

Nasceu no Algôs Thomé Rodrigues Pincho, o fundador do Monte de Piedade da freguezia do Algôs. Teve elle uma filha de sua mulher Maria da Esperança, e que casou com Pedro Correia Mascarenhas, natural de Loulé, pessoa fidalga; o que faz crer que não era menos fidalga a geração de Thomé Rodrigues Pincho.

Que Pedro Corrêa Mascarenhas era effectivamente fidalgo, vê-se da sua arvore de geração, que é a seguinte:

D. Ignez de Figueiredo Mascarenhas, filha de Manuel Mascarenhas e de D. Isabel Correia, casou com Manuel Neto de Mendonça, natural de Loulé; e deste casamento nasceu Estevão Neto de Mendonça, que casou com D. Isabel de Athaide de Aragão.

Deste casamento de Estevão Neto nasceram o dr. Jorge de Athaide Mascarenhas, que casou com D. Melicia; — D. Mecia de Sousa de Aragão, que casou com Gaspar Rodrigues Vieira de Lima; — D. Joanna de Mendonça, que casou com João Mendes de Ribadaneira; — D. João da Costa de Athaide, que casou com D. Maria Francisca Pessanha, de Estoy; e Nuno de Athaide Mascarenhas, natural de Loulé, que casou com D. Izabel da Cunha.

Deste ultimo casamento nasceram Nicolau de Athaide Mascarenhas, casado em Castro Verde com D. Lourencia Maria Vizeu, e Pedro Correia Mascarenhas. Foi este capitão-mór do Algôs, e casou, como já dissemos, com Maria de Oliveira Marreiros, filha de Thomé Rodrigues Pincho.

Deste casamento nasceram: — 1.º Gregorio, nascido

no Algôs, em 15 de novembro de 1693, sendo seu padrinho Thomé Rodrigues Pincho; — 2.º Francisco, nascido no Algôs, em 4 de outubro de 1695, sendo seus padrinhos o capitão Francisco Vaz Vieira e sua mulher Violante das Neves, do Algôs; — 3.º Maria, nascida no Algôs, em 6 de dezembro de 1698, sendo padrinho o avô materno; — 4.º Joanna, nascida no Algôs, em 19 de abril de 1701, sendo padrinho Manuel Mendes Neto, de Loulé; — 5.º Aurelia, nascida no Algôs, em 25 de setembro de 1703, sendo seu padrinho o avô materno; — 6.º Josepha, nascida no Algôs, em 15 de janeiro de 1706, sendo seu padrinho o Padre cura desta egreja, Manuel Nunes Arez; — 7.º Antonia, nascida no Algôs, em 15 de fevereiro de 1709, sendo padrinho o Padre cura desta egreja, Balthazar dos Santos Vieira.

As duas filhas de Pedro Correia Mascarenhas, Maria e Josepha, casaram no mesmo dia com dois cavalheiros, irmãos, naturaes de Loulé, como se vê dos dois documentos seguintes:

«Aos quatro dias do mez de outubro de mil sete centos e vinte e dois, em presença do Rev.mo Sr. doutor Fr. Pedro de Mello, Provizor e Governador d'este bispado do Reino do Algarve e das testemunhas Nuno Mascarenhas Pessanha, Vigario da Vara da Villa de Loulé, do Rev.º Conego José de Frias Costa e de Francisco Palermo, da cidade de Faro, e de outras pessoas, se receberam por palavras *in facie Eclesiae*, João da Costa Aragão, solteiro, filho do tenente coronel Diogo Lobo Pereira, e de D. Genebra Maria Pessanha, moradores na villa de Loulé, e Dona Maria Josepha Mascarenhas, solteira, filha do capitão Pedro Correia Mascarenhas e de Maria de Oliveira Marreiros, moradores no logar do Algôs. De que fiz este termo, etc. etc. etc.

«Aos quatro dias do mez de outubro de mil sete centos e vinte e dois, em presença do Rev.mo Sr. doutor Fr. Pedro de Mello, Provisor e Governador do bispado do Reino do Algarve, e das testemunhas, o Rev.º Conego José Frias Costa e Rev.º Nuno Mascarenhas Pessanha, Vigario da Vara da Villa de Loulé, Francisco Palermo, da cidade de Faro e Francisco Xavier, da

Villa de Loulé, e de outras pessoas, se receberam por palavras do presente, *in facie Eclesiae*, Nuno Mascarenhas Lobo, solteiro, filho do tenente coronel Diogo Lobo Pereira e de D. Genebra Maria Pessanha, moradores em Loulé, e D. Josepha Maria de Oliveira Marreiros, solteira, filha do capitão Pedro Correia Mascarenhas e de Maria de Oliveira Marreiros, moradores no logar do Algôs De que fiz este termo etc. etc. etc.

Encontrando-se, como já affirmamos, no jazigo da capella, em ruinas, de S. José, do Algôs, a sepultura, onde foi enterrado o capitão Pedro Correia Mascarenhas, é de crer que essa ermida pertencera ao mesmo capitão.

E' certo que em uma das paredes do jazigo onde se encontra aquella sepultura vimos, em criança, a seguinte inscrição em letras, pintadas, a preto, que dizia:—Aqui estão depositados os ossos dos Silveiras de Loulé. O que nos leva a crer que esta capella passou para as familias Silveiras, naturalmente por herança. Esta capella passou para as mãos do falecido Manuel Mascarenhas Neto, do Algôs, por contracto entre este e o sr. Antonio Vaz Mascarenhas, de Loulé, que, em criança se assinava Manuel Vaz da Silveira Mascarenhas. Por isso podemos affirmar que entre as duas filhas de Pedro Correia Mascarenhas, casadas com cavalheiros de Loulé, e a familia dos Silveiras, houve estreitos laços de parentesco.

E effectivamente houve, como provamos no nosso trabalho ácerca da *Monografia do concelho de Loulé.*

Em 2 de janeiro de 1697 Ruy Dias da Silveira e sua esposa D. Felicia Borges, residentes em Loulé, constituiram um vinculo ou capella, dos bens da sua terça, nas pessoas de seus filhos ou filhas, mais velhos, com a condição destes por sua vez, e tambem das suas terças, augmentarem os mesmos vinculos Assim succedeu, pois seus herdeiros respeitaram aquella condição.

Por uma certidão do tombo daquella familia passada a requerimento do dr. Francisco de Assis Salgueiros, avô do sr. Antonio Vaz Mascarenhas, se verificou que entre os bens que constituiam o vinculo instituido no vinculo primitivo com o acrescido pelos seus descendentes, havia os seguintes situados na freguezia do Algôs:

«Uma vara de lagar de azeite no Algôs, mistica com o reverendo padre *José Lobo*;

«Uma fazenda com terra de pão e vinha, no logar do Algôs, que confronta do norte com o padre *José Lobo*;

«Uma courella de vinha no mesmo sitio, que confronta do mar com o padre *José Lobo*;

«Um quarto de terra na Ribeira, logar do Algôs, que confronta do poente com o padre *José Lobo*;

«Uma horta no logar do Algôs com casas e arvores de fructo;

«Uma casa que serve de adega de vinho no logar do Algôs;

«Umas casas, que foram de Manuel das Neves, do logar do Algôs;

«Outra casa, que serve de adega de vinho;

«Uma quinta no Algôs.

E quasi todos estes prados confrontam com predios do padre José Lobo, alguns até teem a clausula de que se acham por partir com o referido padre.

E' de notar que os bens situados no Algôs foram acrescidos ao vinculo constituido pelos Ruiz da Silveira e esposa D. Felicia, por virtude do testamento com que faleceu um neto daquelles, datado de 13 de abril de 1757.

E então, pelas disposições testamentarias, verifica-se que a familia Silveira se achava ligada ás familias Lobos, Athaides e Mascarenhas.

Vê-se ainda, por uma petição assignada pelo dr. Francisco de Assis Salgueiros, que o irmão de sua esposa se chamava o desembargador Francisco Xavier da Silveira Silva Mascarenhas.

No testamento com que faleceu o marido da filha dos instituidores do vinculo, chamado João Lobo Cabreira, casado com D. Maria Dias Silveira, se refere elle a sua cunhada Maria Viegas de Athaide.

O parentesco com os Lobos se conclue dos predios que os mesmos Silveiras tinham mixtos com os Lobos.

Podemos sem violencia, talvez, concluir que estas familias e Sarreas Garfias são os representantes dos fidalgos solarengos do Algôs.

Além das familias illustres dos Mascarenhas, que

ainda hoje estão representadas no Algôs, por seus descendentes legitimos, residiam tambem na mesma povoação duas familias tambem distinctas: Gonsalves e Vieiras. Estas duas familias ligaram-se por casamentos successivos, constituindo a numerosa familia dos Gonçalves Vieiras. A primeira ligação realizou-se provavelmente depois de 1776, pois que neste anno, o capitão Joaquim Vieira Pinto, do Algôs, pagava um foro imposto na Amoreira, predio este hoje pertencente á ex.ma sr.a D. Catharina Julia Marreiros Neto, predio que esta senhora herdou de seu irmão José Marreiros Neto, que, por sua vez, herdára da sua avó, da familia dos Gonçalves, representada nos principios do seculo 19 pelo capitão Gonçalves Vieira, bisavô do reverendo paroco aposentado de Portimão José Gonçalves Vieira, e avô da ex.ma sr.a D Catharina Julia Marreiros Neto, residente no Algôs. Foi aquelle capitão casado duas vezes e teve numerosa descendencia; mais de onze filhos, cada um dos quaes estabeleceu familia, ligando-se a familias estranhas ou a parentes. Conhecemos ainda uma filha daquelle capitão, aquem respeitavamos como se fôra nossa avô.

Chamava-se Victoria Josepha e era irmã do major Joaquim Gonçalves Vieira, assassinado pelos guerrilhas em Albufeira.

Entre as diversas ligações dos descendentes do venerando capitão Gonçalves Vieira, citaremos a estabelecida com a familia Marreiros, com a familia Lopos de de Lagoa, com a familia dos Silvas e outras.

Representante da iamilia Marreiros, e Gonçalves é a sr. D. Catharina Julia Marreiros, e seus sobrinhos, filhos de Paulo Marreiros Neto; da familia Lopo e Gonçalves, e reverendo paroco aposentado de Portimão; da familia Silvas e Gonçalves os nossos amigos o dr. Eduardo da Silva Vicira, notario e advogado em Coimbra e o dr. Antonio da Silva Vieira, medico na Comarca de Coimbra, ambos filhos do sr. José João Gonçalves Vieira, tambem residente em Coimbra.

Outras ligações ouve entre aquella numerosa familia, que não podemos precizar.

Por circunstancias especiaes muitos dos descendentes da familia Mascaranhas, como da familia Gonçalves,

residem fóra da sua terra natal. Devemos notar que entre as familias Gonsalves e Mascarenhas se estabeleceram laços de parentesco em 1842 ou 1843 com o casamento do falecido Paulo Marreiros Neto, descendente dos Gonsalves, e D. Anna Mascarenhas, tambem falecida, filha do coronel Diogo João Mascarenhas, do Algôs. Deste enlace houve numerosa descendencia.

Ainda entre a familia Gonsalves e Paulas Leite, de Albufeira, houve ligação pelo casamento de Francisco Paula de Sousa Leite com D. Maria Francisca, viuva de João Marreiros Neto, que foi victima dos guerrilhas, quando estes se dirigiam para Albufeira.

Foi igualmente numerosa a descendencia do coronel Diogo João Mascarenhas, do Algôs, sendo certo que no Algôs apenas estabeleceram casa Manuel Mascarenhas Neto, o dr. Casimiro Mascarenhas Neto e D. Anna Protestata Mascarenhas, casada com Paulo Marreiros Neto.

Devemos ainda accrescentar que o major reformado Joaquim Gonsalves Vieira, residente em Estremôs, é um dos mais velhos representantes da numerosa familia dos Gonsalves Vieira.

Enumeramos apenas as ligações das familias Gonsalves e das familias Mascarenhas do Algôs, de alem de cincoenta annos; pois que nos é impossivel referir as ligações estabelecidas de cincoenta annos a esta parte.

CAPITULO XVII

Registo dos filhos do Algôs, que se tornaram notaveis pelo amor da sua terra

É este o capitulo mais difficil do nosso trabalho. Não o escreveriamos se não receiassemos de que a sua omissão fosse tomada á conta de falencia de benemeritos filhos desta povoação; e todavia somos relativamente moderno, nem encontrámos o mais pequeno esboço por onde nos podessemos guiar. Nestas circumstancias sómente nos poderemos conduzir pelas tradições, não muito remotas.

Na *Corografia do Reino do Algarve* refere-se o seu auctor a dois cavalheiros, Diogo João Mascarenhas Neto e Joaquim Gonsalves Vieira, que emprehenderam importantes obras na ribeira, que corre junto da povoação, limpando o seu alveo, e murando as fazendas que a limitavam, dando assim facil escoante ás suas agoas, e acabando de todo com um foco de infecção, que dizimava a população. Estes dois cavalheiros pertenciam ás duas familias distinctas, que tinham sua residencia no Algôs. A' segunda daquellas familias se ligou a familia Marreiros Neto pelo casamento de João Marreiros Neto, de Armação de Pera com D. Maria Francisca, da familia Gonsalves Vieira.

A familia do coronel Diogo João tinha duas residencias: no Algôs e em Silves; a familia Marreiros egual-

mente duas residencias: no Algôs e na Armação de Pera; e por isso alguns dos filhos de cada uma destas familias nasceram no Algôs, Silves ou em Armação de Pera, embora, por assim dizer, ao *mesmo tempo*, residissem em qualquer destas povoações. Por estas razões e porque alguns dos filhos daquellas distintas familias mais tarde fizessem residencia permanente no Algôs, ficamos para todos os effeitos considerando estes filhos do Algôs. São :

Da 1.ª familia — Manuel Mascarenhas Neto e dr. Casimiro Mascarenhas Neto; da 2.ª—José Marreiros Neto, Paulo Marreiros Neto e dr. Joaquim Marreiros Neto.

Por esta mesma ordem escreveremos de cada um de estes cavalheiros, já falecidos, por que dos ainda vivos, e que honram a sua terra, alguem, depois de nós, fará as suas biografias.

Antes, porém, de fazer a resumida biografia dos cavalheiros mencionados, e de registar os seus nomes nas paginas deste livro, deveremos aqui prestar o nosso preito de homenagem ao mais benemerito de todos.

*

Thomé Rodrigues Pincho, o fundador e instituidor do *Monte da Piedade* neste povo. Foi casado com Maria da Esperança, e faleceu aos 3 dias d'agosto de 1713. O termo do seu obito reza assim :

«Aos trez dias do mez de agosto de mil setecentos e treze annos faleceu Thomé Rodrigues Pincho, viuvo de Maria da Esperança, morador neste logar do Algôs, e foi sepultado n'esta Igreja. Fez testamento, sendo seu testamenteiro o seu genro, o capitão Pedro Correa Mascarenhas. Porque fiz este termo o assigno. O cura Balthazar dos Santos Vieira.

Este testamenteiro foi o que mandou abrir o jazigo na igreja de S. José para nelle serem depositados os seus ossos e os de sua familia. Não sabemos se para ali foram transferidos os ossos do seu sogro : é de suppôr que sim.

Dados biographicos com relação a Thomé Rodrigues Pincho poucos ou nenhuns conhecemos; mas para se fazer juizo seguro da sua personalidade, basta a crea-

ção do Monte de Piedade, que elle instituiu por uma escritura, datada de 25 de dezembro de 1702. Nesta escritura, como adiante se lê, alem das testemunhas, figuram a sua unica filha e seu marido, consentindo em todas as suas condições. E declara o doadôr que «movido do amôr de Deus Nosso Senhor e desejo que tem de remediar a pobreza dos seus naturaes» fez a constituição daquelle Monte do qual sómente se aproveitarão os seus naturaes, e quando sobeje trigo, puderá este ser cedido aos pobres das freguezias limitrofes nas mesmas condições. Declara ainda que é sua vontade, e pede ao Rei a mantenha, de que nunca sejam substituidos os 33 moios por dinheiro, pois que sómente deseja fornecer aos pobres lavradores da freguezia trigo para as suas sementeiras. Por esta especial condição parece-nos inexplicavel que hoje aquelles 33 moios estejam reduzidos a 28, e o restante substituido por dinheiro. Parece-nos que esta substituição contraria a vontade do benemerito fundador e que é dever da Junta de Paroquia, que hoje tem a seu cargo a gerencia do celleiro, comprar com o dinheiro o trigo por forma que não seja contrariada a vontade do doadôr.

Como deixámos já escrito, o benemerito doadôr tinha apenas uma filha, chamada Maria de Oliveira, então casada com o capitão Pedro Correa Mascarenhas. Este cidadão mandou abrir sob o corpo da Ermida de S. José um jazigo, onde existe uma sepultura e sobre a sua campa a inscrição que diz que o mesmo referido capitão mandára abril-a para nelle serem depositados os ossos dos seus. Na parede desse jazigo ou catacumba lemos em criança uma inscrição, que dizia : *estão aqui depositados os ossos dos Silveiras de Loulé.* O que nos faz crer que os Silveiras de Loulé eram descendentes ou parentes do referido capitão Correa.

A familia dos Silveiras de Loulé tinha em 1840 apenas uma senhora que a representava: D. Maria Joanna da Silveira Mascarenhas, que casou com Antonio Vaz da Fonseca e Mello, de cujo consorcio houve apenas um filho, o sr. Antonio Vaz Mascarenhas, casado com a sr.ª D. Maria Eliza de Figueiredo Mascarenhas. Com a morte daquella senhora acabou na familia o appellido Silveira.

Faleceu Thomé Rodrigues Pincho em 1713, deixando inscrito na freguezia do Algôs o seu nome benemerito.
Era este benemerito algosense filho de João Pincho e de Maria de Oliveira, naturaes do Algôs.

*

Manuel Mascarenhas Neto, filho do coronel Diogo João Mascarenhas Neto e de sua esposa D. Maria Mascarenhas. Nasceu em 31 de outubro de 1821. Desde a edade de 14 annos foi o administrador da casa de seus paes no Algôs, Foi sempre um proprietario honrado e muito amigo da sua terra. Fez parte de algumas gerencias camararias, levado a isso mais do amôr da sua terra, do que por vaidade. Era essencialmente modesto, e nos ultimos tempos sempre muito recolhido em sua casa. Legou aos seus filhos um bom nome. O seu filho mais velho, o falecido Diogo João Mascarenhas Neto, residente em Silves, foi por muitos annos illustre presidente da camara de Silves, em situações regeneradoras.
Faleceu Manuel Mascarenhas Neto em maio de 1901.

*

Casimiro Mascarenhas Neto, filho egualmente do coronel Diogo João Mascarenhas Neto e de D. Maria Mascarenhas. Nasceu em 4 de novembro de 1827. Formou-se em direito e exerceu o logar de conservador Privativo do Registo Predial da comarca de Silves. Antes de ser despachado conservador, exerceu importantes cargos publicos. Foi por muitas vezes eleito procurador á Junta Geral do Districto e em quasi todas as sessões fez ouvir a sua voz em favor da comarca que representava e muito especialmente do Algôs que elle estremecia. Muito amigo d'esta freguezia, foi quasi exclusivamente devido aos seus esforços que se construiram algumas das estradas que a atravessam e servem o commercio desta povoação. Mandou construir nesta povoação um predio abarracado, mas muito confortavel, aonde muitas vezes vinha descansar, abrindo as suas portas a toda a gente deste povo e freguezia, que elle atentamente ouvia e aconselhava como verdadeiro amigo. Ca-

sando uma de suas filhas com o nosso amigo João Vaz Mascarenhas, pediu-lhes fossem residir no Algôs, que era a sua povoação querida.

Foi advogado muito seguro e acompanhava as questões do que se encarregava com extrema solicitude, advogando quasi sempre gratuitamente, muito principalmente quando os seus constituintes eram filhos do Algôs. Propoz-se em uma ou duas legislaturas por deputado, mas as suas candidaturas nunca foram viaveis. Sua numerosa familia, cuja importancia real ninguem póde pôr em duvida, dividira-se, por que a lucta era com o coronel, mais tarde, visconde de Messines, seu parente por afinidade, e que dispunha de quasi toda a freguezia de S. Bartholomeu de Messines. Mais tarde os candidatos em lucta congraçaram-se e desde esse tempo foi o dr. Casimiro o chefe do partido regenerador da comarca de Silves.

A morte do benemerito filho do Algôs fez muita falta á freguezia e á politica regeneradora. Se fôra vivo talvez se não tivessem succedido as divergencias no mesmo partido, divergencias que hoje se lastimam.

Faleceu em 12 d'agosto de 1896.

*

José Marreiros Neto, filho de D. João Marreiros Neto e de D. Maria Francisca Marreiros. Nasceu em 21 de maio de 1822.

Quando se levantou o partido politico, denominado o *Patoleia*, inscreveu-se sob as suas bandeiras. Foi tenente. Mais tarde acompanhou a politica do dr. Casimiro Mascarenhas, de quem era intimo amigo, e auxiliou com a sua influencia a sua candidatura.

Residiu sempre no povo do Algôs que muito lhe devia, e por isso o elegeu seu camarista, sendo um dos mais atilados membros da camara municipal de Silves, em diversas legislaturas.

Trabalhou sempre pelos progressos materiaes desta freguezia, sendo elle, seu irmão Paulo e o dr. Casimiro, a trindade benefica, que mais contribuiu em que fossem abertas as vias publicas de que esta freguezia está gosando.

Por especial obsequio aos seus amigos, consentiu em ser eleito membro da Junta da Paroquia, e fez parte da administração do *Celleiro*, instituição santa, devida a um filho desta terra, cuja biografia não podemos fazer profusamente por carecermos de elementos.

Confessamo-nos aqui devedores de muitas finezas á memoria sagrada de José Marreiros, nosso padrinho da crisma, e nosso verdadeiro amigo. Felizmente a ingratidão jámais se aninhará em a nossa alma.

A sua morte foi muito sentida em toda a freguezia, não obstante ter falecido em Lisboa, no dia 21 de janeiro de 1879, apoz uma dolorosa operação.

*

Paulo Marreiros Neto, filho de João Marreiros Neto e de sua esposa D. Maria Francisca Marreiros. Nasceu em 15 de novembro de 1823 e casou com D. Anna Protestata Mascarenhas, filha do coronel Diogo João Mascarenhas, do Algôs.

Foi *patoleia* ardente e enthusiasta. Recebeu o baptismo de fogo em defeza dos seus principios. Valente e destemido, expôz se sempre, cuidando pouco da propria vida. Assistiu ao combate em Setubal e foi durante toda a sua vida um apostolo da liberdade. Sem grandes principios literarios, era todavia um brilhante orador. A sua conversação, sempre quente, sempre viril, era escutada com o maximo interesse. Tinha o condão de empolgar os animos dos ouvintes por fórma que d'elles conseguia sempre profunda atenção.

Quasi criado com os seus filhos, ainda já quando seguiamos os estudos superiores, iamos passar na sua companhia as nossas melhores horas, por que se aquelle nosso querido amigo *estava de vez*, sabiamos que d'ali sairiamos satisfeitissimos de lhe ouvir descrições admiraveis, em que a seriedade do assunto era sempre acompanhada de algum episodio alegre.

Ainda muito novo, soffreu a grave enfermidade que lhe atacou a vista. Nesta doença atrós gastou muito dinheiro, e nas empresas das armações do atum não foi dos mais felizes. Quando quasi se sentia ás portas da morte na sua ultima doença, sabendo que o seu paroco

saira em serviço, onde se demoraria algum tempo, mandou chamar o paroco da Guia, o anno passado fallecido paroco de S. Sebastião de Loulé, e pediu-lhe que o ou-visse de confissão, por que a sua liberdade não se afastára um só momento da sua religião.

Faleceu em 1903 a 26 de janeiro.

Commemorando aqui a memoria daquelle filho desta terra, que tanto por ella trabalhou, registâmos o nosso profundo respeito a um dos nossos mais queridos amigos. Por isso os seus filhos occuparão sempre no nosso coração os primeiros logares.

*

Dr. Joaquim Marreiros Neto, irmão germano dos dois cavalheiros antecedentes. Nasceu em 23 de setembro de 1833. Formou-se em direito. De uma extrema bondade, catequizava em poucas palavras os que se lhe acercavam. Exerceu o cargo de administrador do concelho de Loulé, mas em pouco tempo ficou saturado do meio politico em que vivia e demittiu-se do cargo. Em Loulé não se quer administrador com *letras*, e sim com *tretas* Não se obedece aos *principios*, sómente aos *fins*.

Retirando-se para o seio de sua familia, não gozou por muito tempo da paz e do socego, que sómente se encontram entre os doces afagos das pessoas, que nos são mais queridas. Em 15 de setembro de 1871 morreu victima de uma congestão, pouco depois de ter saido de um banho no mar, em Armação de Pera.

Assistimos aos seus ultimos momentos e acompanhámos os seus restos mortaes até Alcantarilha.

O dr. Joaquim Marreiros foi muito cedo empolgado pela morte, e não teve muito tempo de revelar os seus dotes de espirito e coração. Infelizmente o povo do Algôs, que muito sentira a morte do seu querido patricio e muito estimado amigo, teve de registar a falta de mais um protector querido dos interesses da sua terra.

*

João Xavier d'Athaide Oliveira, filho de Joaquim Martins de Oliveira, natural de S. Bartholomeu de Messi-

nes, e de Francisca Xavier d'Athaide Oliveira, natural do Algôs. Nasceu no povo do Algôs em 24 de novembro de 1846.

Sentou praça e matriculou se no liceu de Faro, concluindo os preparatorios no liceu de Coimbra, onde fez o exame final ou de *Madureza*, como ordenava a lei naquelle anno.

Em seguida matriculou-se na *Escola do Exercito*, sendo no fim do curso promovido a alferes ajudante de infanteria 15, em Lagos. Foi em seguida promovido a alferes effectivo de caçadores em Beja, e nesse posto casou em Estremôs. Foi transferido para a *Guarda Municipal de Lisboa*, onde depois foi promovido a tenente, conservando-se no mesmo corpo.

Foi promovido a capitão para infantaria em Penamacor, e logo transferido para o 5 de caçadores em Lisboa. Foi mais tarde nomeado *defensor* junto dos Tribunaes Militares em Lisboa, conservando-se ahi até depois da sua promoção a major, posto militar em que faleceu no dia 31 de outubro de 1901.

Desde a sua promoção a tenente, começou o nosso biografado a tornar-se muito conhecido no campo das letras. Os seus escritos, influenciados sempre pelos dictames da sua consciencia, eram redigidos por uma fórma correctissima e muito agradavel. Não empregava nos seus escritos estilo prolixo e floreado ; dizia o que sentia, mas por uma fórma tão simples e ao mesmo tempo tão correcta, que encantava.

Quando resolvemos, eu e o nosso amigo Joaquim Antonio Teixeira, muito digno escrivão de direito, fundar em Loulé o *Algarvio*, foi o então capitão Athaide encarregado de escrever a *correspondencia de Lisboa.* Por muito tempo manteve aquelle hebdomadario as honras de ser uma das primeiras publicações periodicas de provincia, pois era ainda assim a *correspondencia de Lisboa* o artigo mais lido e melhor apreciado.

Escreveu em muitos jornaes de Lisboa, sendo a sua collaboração sempre desejada e procurada. Escreveu sobre diversos assumtos : contos, artigos de polenica, escritos militares, e sempre correctamente. Naquelles artigos de polemica, em que muitas vezes saimos, em um momento de exaltação, do recto caminho, sabia tão apri-

moradamente redigil-os, que nunca davam motivos a desgostos, por isso se dizia que o official Athaide escrevia sempre sem descalçar a luva.

Pelos seus grandes conhecimentos dos assuntos militares, foi encarregado da redacção da *Revista Militar* de Lisboa. E a muitos dos mais distinctos officiaes ouvimos dizer que nunca a *Revista* tivera mais serio e entendido redactôr.

Por que tinha conhecimento do que valia ou porque fosse dotado de extrema coragem, vimol-o muitas vezes entrar em questões criminaes de difficil resolução, como se fora um advogado com longa pratica dos tribunaes. Por dever da sua posição encarregou-se de defender alguns seus camaradas, em questões importantissimas ; e tanta confiança depositavam naquelle defensor, que o preferiam a qualquer dos distinctissimos advogados dos auditorios de Lisboa.

Manteve sempre com os seus collegas de inferior e egual patente as mais intensas relações de amisade ; e teve a extrema felicidade de ser sempre muito apreciado e estimado pelos officiaes de patente superior.

Eram seus intimos amigos os illustres generaes, que por diversas vezes, se alternaram como ministros da guerra, em situações regeneradoras : Pimentel Pinto e Moraes Sarmento ; e que essa amizade era verdadeiramente sincera e real, vemos nas subidas provas, já depois do fallecimento do desditoso major, nosso chorado irmão.

Em 31 de outubro de 1901 era ministro da guerra o illustre general Pimentel Pinto. Quando entrámos em casa do nosso desditoso irmão, já tinha fallecido. Vivera apenas algumas horas. Logo que a enfermidade se manifestou, recebemos telegramma da sua doença e partindo logo, ainda assim não podemos, eu e nossa irmã, encontral-o com vida!...

E' claro que nos vimos em serios embaraços, não obstante um nosso bom amigo, tambem já fallecido, Antonio Julio da Silva Anachoreta, ter aplanado algumas difficuldades. Ignorante dos assuntos militares, entendemos dever consultar e ouvir o ministro da guerra, que nunca tinhamos visto. E' sabido quanta difficul-

dade ha em aproximar-nos de um ministro, quando não temos quem nos recommende.

Escrevemos num bilhete o que desejavamos e conseguimos de um continuo lh'o passasse ás mãos. Immediatamente fomos recebido, não obstante o grande numero de pessoas que enchiam a sala de espera. O illustre ministro, abraçando-nos commovido, e, revelando-se contristado pela morte do major Athaide, promptamente resolveu todas as duvidas. Aqui deixamos consignado o nosso profundo agradecimento.

Do illustre general Moraes Sarmento não são menos significativas as provas de amisade que sempre dedicou ao major Athaide. Foi visitar o seu cadaver ao quarto mortuario, ajoelhou, fez uma oração, e acompanhou-o á ultima morada. Tendo de proceder se a inventario, foi o bondoso militar um dos membros do conselho de familia; e ainda hoje é o protector querido do nosso sobrinho Humberto de Athaide. Igualmente aqui consignamos ao illustre general a demonstração do nosso profundo respeito e gratidão.

Por occasião do funeral do major Athaide vimos quanto elle era estimado por toda a officialidade. Entre os officiaes inferiores era elle profundamente querido e adorado. Tendo um sargento, cujo nome nos é desconhecido, noticia da morte do major Athaide, immediatamente participou aos seus collegas o acontecimento, pedindo-lhes comparecessem a certa hora e em certo logar afim de acompanhar o seu cadaver á sepultura. Nenhum faltou ao convite. Mentimos: faltou um; o proprio que fizera o convite. Extremamente sensibilisado e commovido com a morte do seu major, sentiu-se doente, sobreveiu-lhe uma congestão, e falleceu antes da hora marcada no bilhete ou participação do convite!!...

Fomos no dia do seu enterro visitado por um grande numero de officiaes de superior patente que se mostraram muito contristados com a morte do seu mais querido camarada. Não podemos aqui registar os seus nomes, e apenas escrevemos dois d'aquelles que já tinhamos a honra de conhecer: o major Alexandre José Sarsfield, secretario do ministro da guerra, e o tenente coronel Marianno da Silva Presado, illustre deputado naquella epoca. Pois o que soubera sempre respeitar

os seus galões, o escritor primoroso, o amigo da sua classe como poucos, era filho do Algôs, onde foi sempre recebido carinhosamente pelos seus habitantes, que sabiam ter nelle o melhor procurador dos direitos da freguezia.

Neste campo nada mais diremos, porque no concelho de Silves ninguem ignora que o major Athaide, tanto em Lisboa, como em toda a parte, se apresentava propugnador dos interesses da freguezia e protector d'aquelles dos seus filhos que junto d'elle invocavam a sua protecção.

Além de amigo verdadeiro de todos os seus patricios, era marido exemplar, pae carinhoso, e verdadeiramente dedicado aos seus irmãos e parentes. Deixou quatro filhos, tres nos estudos; o mais velho no ultimo anno da Escola Medica, em Lisboa, outro no 2.º anno da Faculdade de direito, o terceiro no Collegio Militar (á Luz) e uma menina de seis annos de edade.

Não obstante pertencer á classe militar, que os maldizentes accusam de só pensar em religião quando assiste ás solemnidades e procissões officiaes, o major Athaide era profundamente religioso e verdadeiramente fanatico pelos heroes do christianismo Muito aos seus conselhos e pedidos publicámos a biografia do venerando D. Francisco Gomes, formulados pouco antes da sua morte, e quando, cheio de vida, terminou a sua licença official, e partiu para Lisboa.

Das suas virtudes religiosas e civicas não tiveram só conhecimento os que com elle privavam em mais intimo convivio, mas ainda os que, collocados como Apostolos, delles tiverem conhecimento por intermedio das pessoas da sua extrema confiança. Essas virtudes e essa orientação superior do seu espirito em face da religião e da lei as commemora o venerando Prelado, o ex.^mo^ Arcebispo-Bispo do Algarve, depois do seu fatal passamento. Conservamos em nosso poder o precioso documento em que o venerando Prelado commemorou as virtudes do major Athaide, e convence-nos elle de que se a virtude é um dom, uma graça que purifica a alma, e a embelleza, não menos virtuoso, o que a reconhece em quem a exerceu, e faz della commemoração depois

da morte. Falleceu o louvado, mas, mercê de Deus, é vivo quem da gratidão faz timbre.

E todavia não obstante as suas virtudes, os bons exemplos dados aos seus filhos, o major Athaide — dizem — morreu envenenado! Não que mão sacrilega lhe propinasse o veneno, que o arrastou á sepultura, mas victima de uma operação em que o instrumento não fôra convenientemente desinfectado. Operado em um dos labios, horas depois reclinou a cabeça no seio da esposa e exhalou o ultimo suspiro...

As lagrimas não nos deixam continuar; e aqui terminamos este capitulo e este livro, pedindo a Deus que os seus filhos saibam corresponder aos desejos do melhor dos paes.

FIM

NOTAS

NOTAS

A (pag. 27)

A' palavra *talaiot* foram os arabes buscar a origem da palavra *atalaa*, que tanto significa torre de vigia, como logar alto *d'onde se descobre ao longe.* Os hespanhoes como os portuguezes derivaram d'aquella palavra a nossa *atalaia*, dando-lhe nós uma significação ainda mais extensiva — *sentinella.* Nesta accepção a tomou Damião de Goes na *Chronica d'El-Rei D. Manuel*, onde escreveu : *Chegou á Mesquita pelas duas horas da noite, e logo pôz as suas atalaias ao redór do campo.*

Sampere y Miguel descreve assim o *talaiot:* é uma casa-torre construida de fórma que os habitantes pódem estar sem receio dos vizinhos curiosos ou dos atrevidos piratas. E' como que uma torre macissa de quatro a seis metros de altura, em fórma ds cone truncado, em cujo plano superior habitava a familia. Quando se construia o *talaiot* deixava-se pela parte de fóra uma fiada de pedras em zig-zag, por onde, á maneira de degraus de nma casa, se subia para a habitação. E' claro que um só homem, collocado no plano superior, era bastante para impedir a subida ao seu predio, embora fossem muitos os que tentassem subir ; tambem é clara a razão de taes construcções : defender-se do homem e das

feras. Cremos, pois, que os homens primitivos foram acomodando-se ás particulares circunstancias do momento: *cavernas*, *silos* e *talaiots*.

B (pag. 31)

Não estão os sabios de accordo com relação ao tempo em que deve ser classificado o apparecimento da tatuagem, dizendo uns que foi invenção do povo neolitha, affirmando outros que já o paleolitha havia tido conhecimento deste processo.

Sampere y Miguel, no seu livro — o *Lujo* — affirma ser a tatuagem conhecida dos paleolithas. Diz elle:

«Que o homem paleolitha pintava o corpo provam á maravilha os achados de côres que teem sido encontrados nas cavernas. M. Peccadeau de Lisle achou fragmentos de sanguina em Montastruc; o abade Maillard descobriu pedras de oligista nas cavernas de Mayenna; M. Cazalis de Fondina achou na gruta de Salpetreire uma concha tendo uma porção de pó rôcho muito fino. Os senhores Larlet y Christy fizeram os mesmos descobrimentos nas cavernas de Dordonha; M. Duport descobriu o mesmo na Belgica; M. de Ferry o mesmo em Solutré; M. Piette, Bourgeois e Delamnay não sómente encontraram um pedaço de sanguina mas um vazo de fórma oval para a pulverizar, encontrando-se ainda pequenas cavidades onde se notou a materia córante.

Não era a sanguina a unica materia empregada. Em Chatelperron se encontraram fragmentos de manganesio, e na caverna da Roca, perto de Valencia, pedaços de cenabrio, como nas estações do Pirineo se encontrou o ocre... Um recente descobrimento tirou toda a duvida: o marquez de Nadalliac descobriu em uma caverna um grosseiro dezenho, representando a mão e o braço de um homem e na parte inferior do antebraço reconhece-se claramente o debuxo regular de um ponteado aberto para a introducção das tintas.»

Outros sabios dizem que aquellas cavernas, onde foram encontradas as côres, tinham sido aproveitadas mais tarde pelos neolithas e que estes as tinham ali deixado. Seguimos a opinião dos que affirmam ser a *ta-*

tuagem invenção neolitha. Desta mesma opinião é o sr. Leite de Vasconcellos.

Vê-se pois que pertencem ao periodo neolitha os instrumentos de pedra polida, os *silos*, os *talaiots*, e os *cistos*. Alguem confunde silos e cistos, cousas muito diversas, porque emquanto os silos serviam de casa de residencia aos vivos, estes serviam de sepultura aos mortos.

Cistos são sepulturas rectangulares do cumprimento inferior ao homem, ainda de baixa estatura. São formados por duas fileiras de lages toscas, parallelas, cujas extremidades sobresaem a dois travessões, que as separam no sentido perpendicular, que são parallelos e servem de cabeceiras.

G. de Martillet diz dos cistos o seguinte:

«Nem todas as sepulturas do periodo neolithico se fizeram no interior dos dolmens. Os enterramentos faziam-se tambem nos *cistos* de pedra, pequenos dolmens, ou caixas formadas geralmente de quatro lages, cobertas por outra. Estes cistos eram demasiado apertados para poderem receber um cadaver. O corpo era do brado pela articulação dos joelhos, e sobre estes repousava a cabeça.» Mortillet viu muitos destes cistos; e Prumieres achou um cemiterio destes cistos no departamento de Lozere.

Não temos noticia de nenhum destes *cistos* nesta freguezia; mas sabemos que na freguezia de Messines foram encontrados muitos por Estacio Veiga. Naturalmente tel-os-ia aqui encontrado se esta freguezia tivesse sido por elle estudada.

Devemos notar que, segundo alguns estudiosos, os homens da edade dos metaes, logo na transição do periodo neolithico serviram-se dos cistos como sepulturas. Distinguem-se pelo seu conteudo; se no *cisto* ha instrumentos ou outros objectos de pedra polida deve ser caracterizado como neolithico; se instrumentos de cobre etc. temos motivos para affirmar que data da edade dos metaes.

C (pag. 97)

D. Francisco Gomes, Bispo do Algarve etc.

Aos nossos amados filhos em Jesus Christo, saude, paz e benção de Nosso Senhor.

Muitos tempos ha que vivemos cheios de amargura, sabendo que entre outros muitos males que perdem as almas, que o Supremo Pastor nos entregou, é um o da falcificação do figo, que o mesmo Senhor foi servido dar a este Algarve, favor que não concedeu a outras provincias do Reino, e como as maldades que neste genero se commettem procedem da infame avareza, que é um dos mais terriveis vicios, e que menos remedios tem; pois não se pódem perdoar os peccados que ella faz commetter, sem que se restitua o furto, e tudo quanto injustamente se tirou ao proximo por meios tão injustos; e outro sim porque o infame desejo da paixão de querer ganhar muito cega os infelizes para que não vejam o mal que fazem a si proprios, mal não só á alma de que a muitos pouco se dá, senão até ás utilidades temporaes, que certamente se perderão, se os enganos, falsificações e furtos continuarem; por quanto, perdida a boa fé, tudo se perde, Ordenamos a cada um dos Parocos da nossa diocese, especialmente das Freguezias, que recolhem figos, que preguem os fieis e os exhortem a que fujam de toda a avareza; que se quizerem o seu verdadeiro bem temporal e espiritual, evitem todo o engano, falsificação e roubo em tudo, principalmente na colheita, secca e no enceirar do figo, satisfazendo as obrigações e observando o regimento prescripto pelo soberano ao juiz corrector, apanhando, seccando e lavando bem o figo, e fazendo exactamente e sem dolo as tres separações devidas, não misturando os de uma qualidade com os de outra, nem vendendo os de esta por os daquella, nem mettendo-os humidos nas ceiras para acudirem mais ao peso, com perigo certo de apodrecerem e se perderem; e até de serem damnosos á saude, nem finalmente diminuindo o peso que devem ter, por quanto é cousa evidente que os compradores assim enganados e roubados hão de perder necessariamente os seus interesses e a boa fé, e dentro em poucos annos ambem de todo se perderá o negocio tão util a este Reino e a toda a Monarquia; e para que os Reverendos Parocos executem o que aqui lhe ordenamos, copiarão esta nossa Pastoral no livro dos visitas, e cada anno nas estações dos mezes de julho, agosto e setembro explicarão tudo o que nella se contem, persuadindo-os a que, se assim o executarem, agradarão a Deus e aos homens, e até conseguirão os seus verdadeiros interesses, que a infernal avareza, que os cega não consente que possam ver. Dado em Faro a 3 de setembro de 1804.

Francisco Gomes,
Bispo.

*

Ainda hoje é aplicavel esta Pastoral menos ao lavrador do que ao *contrabandista* do figo, que é aquelle

que o compra directamente ao lavrador para o revender no extrangeiro.

Ha effectivamente tres separações de figo: a primeira do figo da *comadre*, a segunda do figo *mercante*, e a terceira do figo *chocho*. Ora o *bello do contrabandista* compra ao lavrador a novidade em *rama* e depois de a ter em casa, enceira-a, falcatruando tudo, e fica-se a rir, dizendo: «certamente, todos culparão o lavrador».

Não queremos desculpar todos os lavradores e admittimos a possibilidade de um ou outro falcatruar o figo; temos porém todas as probabilidades de affirmar que o traficante é principalmente o intermediario.

D (pag. 105)

Escriptura de doação que faz Thomé Rodrigues Pincho, do logar do Algôs, ao Monte da Piedade, que instituiu neste dito logar, tudo na fórma nella declarada.

Saibam quanto este publico instrumento de doação irrevogavel entre vivos valiosa, ou como em direito melhor logar haja e dizer se possa, virem que no anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo, de mil setecentos e dois aos vinte e cinco dias do mez de dezembro do dito anno, neste logar do Algôs, termo de Silves, nas casas de morada de Thome Rodrigues Pincho, viuvo, onde eu tabellião adiante nomeado fui, estando ahi presente o dito Thomé Rodrigues Pincho, pessoa bem conhecida de mim Manuel Martins Franco, publico tabelião do judicial e notas neste logar pela Rainha Nossa Senhora, que a Santa gloria haja, que dou minha fé ser elle o mesmo que assim se nomeia por seu mesmo nome, pelo qual me foi dito, em presença das testemunhas adiante nomeadas e assignadas, que elle de sua livre vontade, sem constrangimento algum, mas só movido do amôr de Deus Nosso Senhor e desejo que tem de remediar a pobreza dos seus naturaes, queria fazer um Monte de Piedade neste logar do Algôs, d'onde é natural e morador, para cujo effeito doava, como com effeito doa, e faz irrevogavel doação aos lavradores e mais moradores pobres d'este logar e seus contornos, aos que hoje existem e existirem, dumas casas que estão neste logar, que partem do poente com Vicente Rodrigues Souza, do nascente com umas casas que a mulher delle doante deixou ao seu escravo Gregorio, e do norte com rua publica, as quaes servirão para celleiro e mais ministerio do dito Monte de Piedade; e assim mesmo disse que fazia tambem doação aos mesmos pobres de onze moios de trigo, que tem em ser, para com elles principiar o dito Monte, e é de sua vontade que se prefaça a quantia de trinta e tres moios de trigo, que para isso designa logo o rendimento dos foros seguin-

tes, a saber............ os quaes foros prefazem a quantia de cem moios de trigo por anno, o qual se cobrará para ir crescendo o Monte até fazer o dito computo de trinta e tres moios de trigos, e depois de preenchida a dita quantia ficarão os ditos foros á Confraria do Santissimo Sacramento da egreja deste povo do Algôs para os gastos da dita confraria em quanto o mundo fôr mundo; e sendo caso que alguns dos ditos fóros se izentem antes ou depois de cheio o computo do Monte de Piedade, se comprará com o mesmo dinheiro outro foro ou fóros, ou fazenda rendoza para que sempre haja rendimento que se aplique as consignações referidas; outro sim quer que o trigo do dito Monte de Piedade se dê todos os annos por emprestimo no tempo da sementeira (repartidamente)ou quando mais necessario houver nos lavradores pobres do dito logar e freguezia do Algôs, e *depois destes satisfeitos*, se dará tambem aos lavradores pobres das freguezias circunvisinhas com obrigação de pagarem pontualmente, NO MESMO GENERO, na primeira novidade seguinte para se repôr outra vêz no mesmo Monte, os quaes serão obrigados a pôr o dito trigo que levarem á sua custa, no mesmo celleiro donde o receberam, dando outra tanta quantia de trigo quanta a que receberam por emprestimo e demais a mais darão, sómente para os gastos e despezas dos ministros, que são necessarios para a conservação deste monte, tres alqueires de trigo por moio, que vem a ser na razão de cinco por cento. E os ministros que hão de governar o Monte serão eleitos pela Irmandade da confraria do Santissimo desta freguezia e que sejam pessoas capazes, do corpo da mesma Irmandade a qual sendo convocada de campa tangida farão a eleição cada trez annos, d'uma pessoa do corpo da Irmandade, homem honrado, para servir tres annos de administrador, e outra, tambem de boa consciencia e irmão da mesma Irmandade para servir de escrivão, tambem por tres annos; e no fim dos tres annos se lhe tomará contas pelo Provedor da Comarca, e se fará nova eleição na mesma forma, em outro administrador e escrivão, que servirão de *novo* outros tres annos. Nunca poderão servir nem ser eleitos os mesmos que acabam, salvo depois de enterpolado algum triennio, e achando-se terem dado boas contas e serem pessoas de satisfação; e o dito Administrador e Escrivão juntamente com o Reitor do Santissimo, que, a esse tempo servir, elegerão entre elles uma pessoa apta para servir de Medidôr de trigo, e feita a dita eleição, antes de entrarem a servir, tomarão juramento os ditos tres officiaes, Administrador, Escrivão e Medidor, na comarca da cidade de Silves, para bem servirem os seus logares com zelo e serviço de Deus. Ao administrador pertencerá o governo do Monte juntamente com o seu Escrivão, assim para darem o trigo aos lavradores pobres, como receberem quando pagarem, e terão o cuidado de examinarem se as pessoas a quem entregam o trigo são pessoas de satisfação ou deram penhores para segurança do que recebem advertindo que ficam ambos os ditos officiaes abonando as ditar pessoas com os seus proprios bens. E quando haja duvida a este respeito entre o Administrador e Escrivão será chamado o Reitôr que, encostando-se a um delles, ficará a questão resolvida.

O Administrador (havendo S. Magestade por bem) terá jurisdi-

ção privativa para as cobranças do trigo, procedendo executivamente contra os devedores, como divida real, por assim ser conveniente, havendo sómente appellação do Administrador para o Provedor da Comarca, para que ás partes não falte o seu recurso. Haverá dois livros numerados e rubricados pelo Reitor da Confraria: em um se farão os assentos da saida do trigo, onde assignarão as partes que o receberem e o Administrador, e no outro os assentos do trigo que entrar, declarando se em cada um dos ditos assentos a quantia de trigo que entra, e a pessoa que paga e a que folhas do livro está assente da saida, e neste assento assignarão o Administrador e o Escrivão, e assim mesmo porão no livro da saida a descarga do trigo com que se entrou, designando as folhas do livro das entradas, devendo se dar ás partes declaração escrita de tudo, quando a exijam. E quando alguma pessoa levar trigo, deixando penhores, lhe serão entregues, logo que saldem as contas com o celleiro, lavrando-se essa declaração, sendo assignada pela pessoa que recebeu os seus penhores. Deverá haver uma arca com duas chaves, onde se guardarão os penhores, uma conservará o Administrador e a outra o escrivão; o logar da arca será o mesmo celleiro, ou em outro logar que melhor parecer áquelles senhores e ao Reitor da Confraria; e bem assim o mesmo celleiro estará fechado a duas chaves, uma destas pertencerá ao administrador; a outra ao Escrivão afim de que o mesmo nunca se abra senão na presença de ambos. E o medidor será para medir o trigo que entrar e sair, por mandado do Administrador; será tambem obrigado a padejal-o, quando for preciso e servirá de porteiro para fazer as citações e penhoras das dividas pertencentes ao celleiro. O salario do administrador, escrivão e medidor será de tres alqueires de trigo, que se ha de receber de cada moio, repartidos egualmente por todos tres, com a obrigação de que da parte do medidor se pagarão dois mil réis cada tres annos ao Provedor da Comarca e ao seu Escrivão pelo seu trabalho na tomada das contas, e não levarão mais salarios pela tomada dessas contas; e sendo caso que em algum anno se não gaste o trigo todo do celleiro se venderá no mez de março e abril e o producto se empregará em trigo da novidade seguinte e será reposto no mesmo celleiro; e quando seja necessario fazer-se algum concerto nas casas do celleiro, ou outra despeza conveniente ao Monte de Piedade, se fará a dita despeza por ordem do Reitor da dita Gonfraria e á conta da mesma, porque com esse encargo lhe deixa e lhe doa o dito moio de trigo de venda nos foros acima declarados para que a confraria se veja obrigada a ter sempre concertado o celleiro e faça a mais despeza que para a sua conservação for necessaria, excepto o salario dos officiaes que unicamente será pago com o juro do trigo emprestado.

Declara elle doante que, se antes de preenchidos os trinta e tres moios de trigo e portanto antes da Confraria começar a gosar da doação que lhe faz, o celleiro necessitar de alguma despeza, elle doante a fará á sua custa, se vivo fôr, mas se tiver sido por Deus levado, essa despeza será feita á custa do moio, deixado á confraria do SS. Item, declara mais, que sendo caso que nos tempos futuros alguma pessoa queira augmentar este Monte de Piedade,

se governará tudo com as condições e circunstancias aqui declaradas; mas se farão livros ápárte em fórma que nem saidas nem entradas será assentes nos livros do doante e em tudo o mais que nesta escriptura não estiver expresso e declarado, quer elle doante que se observe a disposição do decreto e ordenações deste Reino e opiniões mais seguras dos doutores, e pede humildemente a Sua Magestade seja servido haver por bem e de confirmar todas as clausulas desta escriptura mandando se cumpra; e declara elle doante que fazia esta doação em tal forma que não sendo pelo dito senhor confirmada não terá effeito algum esta Escriptura e será nulla, dando elle doante a estes bens outro destino. Disse mais que fazia esta doação pelas forças da sua terça, e ter nesta trezentos e cincoenta mil réis, e importar a doação o valor de duzentos e trinta mil réis, a saber: o moio de trigo de foros cento e cincoenta mil réis, os onze moios de trigo em ser com mil réis, e as casas do celleiro vinte e cinco mil réis.

E logo perante elle tabellião e as mais testemunhas se apresentaram o capitão Pedro Corrêa de Mascarenhas, genro do doador, e bem assim sua mulher Maria de Oliveira, filha do dito Thome Rodrigues Pincho, unicos herdeiros do dito doante e por elles me foi dito que na verdade seu pae e sogro podia fazeresta doação por ter da terça a dita quantia de trezentos e cincoenta mil réis, e por isso estão promtos a assignar esta escritura, assignando alguem a rogo della poisnão sabia escrever e assignou Francisco de Brito Mascarenhas, morador neste povo. A contento de todos eu tabellião fiz esta escriptura, a qual, como pessoa publica acceitante e estipulante, acceitei e estipulei, debaixo das condicções referidas, em nome de todos os presentes e auzentes a quem toque tomar posse. A tudo foram testemunhas presentes Lourenço de Souza Corrêa, Vicente Rodrigues de Souza, Reverendo Padre João Nobre, todos deste logar do Algôs, pessoas conhecidas de Manuel Martins Franco, tabellião que o escrevi.

Assignei pela filha do doante e por mim com testemunha Francisco de Brito Mascarenhas, Pedro Correia de Mascarenhas Thomé Rodrigues Pincho, Lourenço de Souza e Padre João Nobre. Etc, etc, etc.

*

Da simples leitura d'este documento manifestamente se conclue que o benemerito fundador do Monte de Piedade expressamente prohibe que se faça a substituição do trigo pelo dinheiro.

Por que é, pois, que a Junta da Paroquia não emprega o dinheiro na compra do trigo até prefazer os trinta e trez moios?

Ahi está a razão que deu logar a pensar-se ácerca da inutilidade do celleiro, havendo quem o quizesse vender em hasta publica, dando assim logar ao desappare-

cimento da inscripção lavrada em pedra sobre o portal da entrada, que naturalmente seria substituida por um ramo de pinho a annunciar cangirões de vinho a 15 réis cada decilitro!...

E (pag. 137)

Aos vinte e cinco dias do mez de fevereiro do anno de mil oito centos e sessenta e nove, ás cinco horas da manhã, na casa em que morava no sitio dos Alvaledos desta freguezia do Algôs, concelho de Silves, diocese do Algarve, falleceu, tendo recebido os Sacramentos da Santa Madre Egreja, um individuo do sexo femenino, por nome de Martha Joaquina Telles d'Azevedo Corte Real, natural de Silves, de oitenta annos casada com Antonio Vicente Alves, filha legitima de José Telles Moniz Corte Real e de D. Marianna Victoria Xavier d'Azevedo Coutinho Corte Real, tambem naturaes de Silves, proprietario, a qual deixou filhos. Não fez testamento e foi sepultada no cemiterio publico.

E para constar lavrei em publico e raso este assento que assigno. Era ut supra.

O Paroco, Antonio do Espirito Santo Ramos.

*

Este paroco era irmão germano do eximio poeta e auctor da *Cartilha Maternal*, o grande João de Deus.

O rev. Antonio do Espirito Santo Ramos era paroco collado do Algôs, quando resolveu de todo deixar a paroquia e ir viver com o eminentissimo cardeal patriarca, de quem era muito amigo e parente; pois que os ascendentes do actual patriarca eram de S. Bartholomeu de Messines, terra da naturalidade do paroco Espirito Santo.

F (pag. 148)

Na relação dos bens nacionaes, publicada na *Corografia do Reino do Algarve*, vem indicado o prazo denominado *Lagoa de Vizeu* na freguezia do Algôs, avaliado em 1.200$000 réis, ahi pelo anno de 1839.

Quizemos indagar da origem d'aquelle prazo, mas não podemos conseguir elementos alguns. E' possivel que este vinculo fosse constituido por algum dos membros da distincta e nobre familia dos *Vizeus*.

Marcos de Vizeu, thesoureiro das sizas de Campo de

Ourique e instituidor de um morgado em Castro Verde, em 1683, foi casado com D Sebastiana da Graça, de cujo casamento nasceu D. Laurencia Maria Vizeu, herdeira do morgado; e foi casada com D. Nicolau de Athaide Mascarenhas. Deste casamento nasceu D. Laurencia Maria de Athaide Mascarenhas Vizeu, que foi casada com Francisco de Carvalho Sovereira, capitão-mór de Villa Nova de Portimão, cavalleiro da Ordem de Christo e herdeiro de varios vinculos. Deste casamento nasceu Nicolau de Athaide Mascarenhas Vizeu, herdeiro do morgado dos Vizeus em Castro Verde e de outros.

Este Nicolau de Athaide Mascarenhas casou em Lagos com D. Francisca Nogueira de Villa Lobos; e deste casamento nasceu José Francisco Carvalho Vizeu, que foi casado com D. Francisca Rita Xavier de Souza e Barros, de Lisboa.

E' possivel que esta nobre familia dos Vizeus tivesse instituido algum vinculo, (o que naquelles tempos muitas vezes succedia), de que fizeram parte os terrenos da *Lagoa de Vizeu*.

G (pag. 148)

Francisco, filho de Francisco Coelho e Leonor Paschoa, dos Cortezões, etc., etc. Foram padrinhos Manuel Lopes Guisado, solteiro, filho de Manuel Lopes Santos e de Maria Alves, d'esta freguezia. Este termo encontra-se a fl. 134 v. e tem a data de 1705. Era cura da freguezia Manuel Nunes de Aviz.

*

Este Francisco Coelho era tambem pessoa importante dos Cortezões.

E' possivel que a este sitio fosse dado o nome de *Cortezões*, por ali terem residido alguns membros de uma familia importante, conhecida pela familia *Cortezão* Em 1680 o licenceado Lourenço Martins Cortezão instituiu em Boliquême um morgado, que mais tarde foi herdado por D. Maria Paula Vaz Cavaco da Veiga Cortezão, que foi casada com o capitão Gregorio de Figueiredo Mascarenhas da França. Deste casamento nasceu Antão Ignacio de Figueiredo Mascarenhas que

casou com D. Anna Mascarenhas Manuel, irmã do desembargador José Diogo Mascarenhrs Neto, que era sôgro de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, e este avô do major Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, tão bem conhecido pelas suas brilhantes façanhas de Chaimite e Gaza, como pela fórma que poz termo aos seus dias.

Era, pois, a familia *Cortezão* muito notavel, e certamente habitou nos Cortezões, proximo de cujo sitio ficam Boliquême e Alte, onde a nobre familia tinha talvez o seu solar.

H (pag. 159)

José Severino de Lima, Prior collado na Igreja de Nossa Senhora da Piedade do logar do Algôs, concelho da cidade de Silves etc Certifico em como no competente livro dos casamentos d'esta freguezia, a fl. 40 v. está lançado o seguinte termo: Aos seis dias do mez de março de mil setecentos e noventa e um annos, nesta capella do doutor Manuel de Garfias Torres, na presença de mim José Caetano da Costa, paroco da Igreja de S. Bartholomeu de Messines, com licença do Ex.^mo^ e Rev. Bispo deste bispado, o sr. D. Francisco Gomes, e das testemunhas, o conego Francisco de Garfias Torres, e José Ignacio de Lemos, ambos da cidade de Faro, se receberam por palavras da presente na fórma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituição d'este bispado — Bartholomeu José Garfias, solteiro, filho do dr. Manuel de Garfias e de D. Catharina Jacintha Rosalia, da cidade de Faro, neto pela parte paterna do dr. João de Garfias Torres, natural da cidade de Ayamonte, Reino de Espanha, e de D. Leopoldina Theresa de Aquila, natural da cidade de Lisboa e pela materna de *Manuel Lopes Guisado* e *D. Catharina Martins Cavaco, natural do Algôs,* — com D. Anna Joaquina de Figueiredo, solteira, filha do capitão Gregorio José de Figueiredo Mascarenhas e de D. Maria Paula, do logar de Estombar, neta paterna de Manuel Figueiredo da França e de D. Brites dos Santos, da cidade de Silves e materna do capitão João Francisco da Veiga e de D. Isabel Lourenço Cavaco, do logar de Estombar; do que fiz este termo que assignei com as ditas testemunhas — José Caetano da Costa, — José Ignacio de Lemos e Faria Lobo Freire — O conego Francisco de Garfias.

E nada mais se continha no dito termo que fielmente copiei do proprio original e ao qual me reporto.

Algôs, 13 de novembro de 1851—O Prior José Severino de Lima.

I (pag. 159)

José Severino de Lima, Prior collado na Igreja de N. S da Piedade do Algôs, concelho da cidade de Silves, etc.

Certifico que revendo o livro dos obitos d'esta freguezia, encontrei a fls. 3 um termo do teor seguinte: Aos dezeseis dias do mez de abril de mil setecentos e sete annos, faleceu D. Marianna Victoria de Garfias, viuva do capitão-mor de Villa Nova de Portimão — Manuel José de Sarrea Tavares, falecendo com todos os sacramentos da obrigação, sem haver feito testamento e foi sepultado nesta Igreja do Algôs, por ter falecido em o Paço desta freguezia. E por ser verdade lavrei este termo que assignei. O paroco Antonio de Sousa Guerreiro.

(Transcrito do livro — *Familias Nobres do Algarve* — pelo visconde de Sanches de Baena).

J (pag. 160)

Carta de quitação aos herdeiros de Manuel Lopes Guizado de pagador geral da gente da guerra, fortificações e marinha do Reino do Algarve passada a 8 de outubro de 1755.

Dom José por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar, em Africa, senhor da Guiné e da conquista, navegação, comercio da Ethiopia, Arabia, Persia e das Indias, etc. Faço saber aos que esta carta de quitação virem que eu mandei tomar contas na minha contadoria geral de guerra e reino aos herdeiros de Manuel Lopes Guisado, que servio de Pagadôr geral da gente de guerra, fortificações e Marinha do reino do Algarve, do primeiro de junho de mil sete centos e trinta e tres, até fim de dezembro de mil sete centos e trinta e tres; e pelo livro de arrecadação da sua conta se mostra receber trezentos e noventa e quatro contos duzentos e trinta e cinco mil sete centos e dez réis e cinco sextos de real, que dispendeu e entregou, sem ficar devendo cousa alguma, como se vio da mesma conta, que lhe foi tomada pelo contador Antonio da Silva de Carvalho, e vista pelo Provedor Manuel da Silva Valladares; pelo que por quites e livres aos referidos herdeiros do dito Pagadôr geral do dinheiro acima, e no encerramento da dita conta, declaro, para que nunca em tempo algum por elle sejam requeridos, nem executados na dita contadoria geral, nem fóra d'ella, por de tudo ter dado conta e entrega, como dito he. E mando aos Ministros da Junta dos Tres Estados, super-intendente da Contadoria geral da Guerra e Reino e a todos os Provedôres, Corregedores, Ouvidores, Juizes, Justiças, officiaes, e mais pessoas a que o conhecimento desta pertencer, a cumprão, guardem e façam inteiramente cumprir e guardar como nella se contem sem duvida, nem embargo algum, a qual por firmeza de tudo lhe mandei dar por mim assignada. Dada na Cidade de Lisboa aos oito dias do mez de Outubro, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e çincoenta e cinco.

El-Rey

O conde D. Duarte.

K (pag. 178)

Catharina, filha do alferes Manuel Lopes Guizado e de Catharina Martins Cavaco, moradores no sitio da Torre, freguezia d'este logar do Algôs, nasceu aos vinte e seis dias do mez de Novembro de mil sete centos e vinte e dois annos. Foi baptisada nesta Igreja paroquial dos seus paes em trez dias do mez de Dezembro da dita era por mim o Padre Balthasar dos Santos Vieira, cúra d'esta dita Egreja. Foram padrinhos João Velho da Costa Soares, morador em Messejana, por seu procurador o Rev.º Padre Manuel Martins Cavaco e Dona Isabel Catharina de Mello Aragão, morador na dita Villa de Messejana, por seu procurador o Rev.º Padre Domingos Vaz Marreiros, morador neste lugar; de que fiz este termo que assignei:

O cura — *Balthasar dos Santos Vieira.*

*

Esta Catharina é a mesma D. Catharina Jacintha Rosalia que foi casada com o dr. Manuel de Garfias, pae de Bartholomeu José Garfias que casou na capella da Quinta do Paço com D. Anna Joaquina de Figueiredo, filha do capitão Gregorio José de Figueiredo Mascarenhas e de D. Maria Paula, de Estombar.

*

Estes padrinhos eram irmãos, filhos de Luiz da Costa, thesoureiro geral das Decimas, fidalgo cavalleiro de El-Rei, e que foi dispensado de servir de juiz ordinario por não serem os vereadores de Messejana, daquelle tempo, de igual nobreza; e de D. Joanna Mecia de Mello Aragão, sendo aquelles irmãos, pelo lado materno, netos de Manuel de Athayde Soria, fidalgo d'El-Rei, commendador de Christo, alcaide-mór de Albufeira e Senhor d'Alte, e bisnetos de Miguel d'Athayde, Senhor d'Alte.

O padrinho João Velho da Costa Soares foi fidalgo cavalleiro e morreu em 1768, legando todos os seus bens, que eram avultados, a seu filho natural, rev. Luiz da Costa Soares. A madrinha D. Izabel Catharina de Mello Aragão casou com Baltazar Moreira de Brito e Castanheda, que, com os vinculos que administrava, e os que sua esposa lhe trouxe, formou a casa

mais opulenta que então se conhecia no sul do Alemtejo.

Baltazar Moreira era o directo representante dos Moreiras de Brito, de Messejana.

Estes apontamentos curiosos e outros relativos ao 1.º casamento de Baltazar Moreira com a filha de Antonio Moreira de Barbuda Bateiros leem-se no *Campo de Ourique*, anno VII, n.º 356, de 13 de julho de 1905.

L (pag. 178)

Aos vinte e oito dias do mez de Dezembro de mil sete centos e quinze falleceu Manuel Lopes Santos, viuvo de Maria Alves, moradores no sitio da Torre, freguezia d'este logar do Algôs e foi sepultado nesta Igreja Fez testamento, nomeando testamenteiros o dr. Antonio Lopes Canhão, e o capitão José Telles Corte Real, moradores na cidade de Silves, de que fiz este termo, que assignei:

O Cura — *Balthasar dos Santos Vieira.*

*

Pelo documento inserto sob a letra F, se verifica que este Manoel Lopes dos Santos era o pae de Manuel Lopes Guizado.

M (pag. 178)

Aos vinte dias do mez de Junho de mil sete centos e trinta e tres falleceu o alferes Manuel Lopes Guizado, casado com Catharina Martins Cavaco, moradores no sitio da Torre, freguezia deste lugar do Algôs; e foi sepultado nesta Igreja. Fez testamento nomeando testamenteiros a sua dita mulher e o Padre Martins Cavaco, seu cunhado, morador em Benafins, freguezia de Alte; de que fiz este termo que assignei.

O cura — *Balthasar dos Santos Vieira.*

N (pag. 182)

Ha quem opine que esta aldeia fôsse antiga cidade mourisca. Não encontramos indicios alguns que comprovem tal opinião, que apenas se funda no facto da semelhança do nome á de uma cidade marroquina, chamada Tunis.

A semilhança dos nomes tem dado occasião a desacertos. Charles Bonnet, escrevendo de uma aldeia pertencente á freguezia de S. Bartholomeu, chamada Messines, foi iludido por um informador que atribuiu a fundação da aldeia a um sujeito natural de Messines no seculo XV. Não sabia o informador que já no tempo de D. Sancho 1.º havia naquella freguezia o castello de *Mussiene* (Messines).

Temos percorrido milhares de vezes os sitios que circundam Tunes e nenhuns indicios encontramos que nos convençam da existencia da antiga cidade.

Os velhos cronistas, tanto portuguezes como hespanhoes, referindo-se á passagem de um rei pelo Algôs quando ia combater o rei mouro de Silves, affirmam que o Algôs era então villa, e nem uma palavra dizem a respeito de Tunes, que está situada a um quilometro de distancia, e, que, sendo cidade, grande nomeada devia ter.

Tão destituida achamos de fundamento a opinião que sustenta ter sido Tunes cidade mourisca, que apenas escrevemos esta *nota* para justificar o nosso silencio, quando no texto do livro, nos referimos áquella aldeia.

INDICE

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
13	20	Rcheul	Acheul
17	23	á geologia etc.	a geologia etc.
19	1	Bonnel	Bonnet
23	14	Celaite	Calaite
80	16	extrai	atrai
163	18	Antonio Guerreiro Lourenço	Salvador Gomes Vilarinho
201	22	nogenta	nojenta
205	19	encrusilhada	encruzilhada
206	23	não gente	não é gente
216	42	a mulher e sempre	a mulher é sempre
223	18	prados	prazos
224	33	e reverendo	o reverendo
231	23	filho de D. João	filho de João
244	20	preguem os fieis	preguem aos fieis
249	7	Alvaledos	Alvalêdes

E por ventura outros erros de facil emenda.

OBRAS DO MESMO AUTOR

Contos Infantis (SEXO FEMININO)	**240 rs.**
» » (SEXO MASCOLINO)	**240** »
Mouras Encantadas e Encantamentos do Algarve	**500** »
Contos Tradicionaes do Algarve (VOL. I.º)	**500** »
Biografia de D. Francisco Gomes do Avelar	**800** »
Romanceiro e Cancioneiro do Algarve (LIÇÃO DE LOULÉ)	**500** »